



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LITERATURA COMPARADA (PPGLC)**

MOVA-SE CARALHO: ALTERNATIVAS DE COMUNICAÇÃO E ECOS CONTRACULTURAIS NA
FRONTEIRA TRINACIONAL

Jeancarlo Bresolin

Foz do Iguaçu
2019



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LITERATURA COMPARADA (PPGLC)**

***MOVA-SE CARALHO: ALTERNATIVAS DE COMUNICAÇÃO E ECOS CONTRACULTURAIS NA
FRONTEIRA TRINACIONAL***

Jeancarlo Bresolin

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

Orientadora: Profª. Dra. Regina Coeli Machado e Silva

Foz do Iguaçu
2019

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação Catálogo de Publicação na
Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA

B842

Bresolin, Jeancarlo.

Mova-se caralho: alternativas de comunicação e ecos contraculturais na fronteira
trinacional / Jeancarlo Bresolin. - Foz do Iguaçu-PR, 2020.

105 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana.
Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Programa de Pós-Graduação em
Literatura Comparada. Foz do Iguaçu-PR, 2019.

Orientador: Regina Coeli Machado e Silva.

1. Fanzine. 2. Contracultura. 3. Imprensa alternativa. 4. Literatura comparada. I. Silva,
Regina Coeli Machado e. II. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. III.
Título.

CDU 82.091(81)

JEANCARLO BRESOLIN

MOVA-SE CARALHO: ALTERNATIVAS DE COMUNICAÇÃO E ECOS CONTRACULTURAIS
NA FRONTEIRA TRINACIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Regina Coeli Machado e Silva
UNILA

Prof. Dr. Emerson Peretti
UNILA

Profa. Dra. Cleiser Schenatto Langaro
UNIOESTE

Foz do Iguaçu, 13 de setembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a minha orientadora, professora Dra. Regina Coeli Machado e Silva, não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua amizade.

Aos professores que compõe a banca avaliadora: professor Dr. Emerson Peretti, pelas valiosas contribuições e ensinamentos; a professora Dra. Cleiser Schenatto Langaro, a qual tive a honra de ter como professora durante minha caminhada como estudante de graduação em Letras.

A todos os professores do Programa de Mestrado em Literatura Comparada da UNILA com quem tive o prazer de aprender.

Ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada – PPGLC e à Coordenação do curso, em especial ao professor Dr. Antônio Guizzo por toda atenção dedicada.

Ao Programa de Demanda Social-UNILA de Bolsas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, que tornou possível essa realização.

A minha família e amigos, por tudo.

“Os doidos perderam tudo, menos a razão”

Ariano Suassuna

RESUMO

A dissertação enfoca um fanzine produzido no ano de 1987 na cidade de Foz do Iguaçu, intitulado “Mova-se Caralho”, que se destacou no cenário literário alternativo da região trinacional e teve um total de três edições. O objetivo é analisá-lo no contexto do movimento de contracultura e da ideologia que influenciou e direcionou o comportamento de parte da sociedade ocidental, composta principalmente por jovens. Comparamos alguns elementos remanescentes da estética contracultural norte americana que podem ser observados nesta produção cultural periférica aos grandes centros, de onde emanam tendências estéticas. A análise permitiu compreender o posicionamento crítico cultural do fanzine frente aos meios de comunicação de massa e ao contexto literário local, como um veículo de expressão própria e insurgente

Palavras-chave: fanzine; contracultura; imprensa alternativa.

ABSTRACT

The dissertation focuses on a fanzine produced in 1987 in Foz do Iguaçu city, entitled “Mova-se Caralho”, which stood out in the alternative literary scene of the tri-national region and had a total of three editions. The objective is to analyze it in the context of the counterculture movement and the ideology that influenced and directed the behavior of part of Western society, composed mainly of young people. We compared some remaining elements of the North American countercultural aesthetics that can be observed in this peripheral cultural production to the great centers, from which aesthetic tendencies emanate. The analysis made it possible to understand the fanzine's cultural critical positioning towards the mass media and the local literary context, as a vehicle of its own and insurgent expression.

Keywords: fanzine; counterculture; alternative press.

RESUMEN

La disertación tiene como objeto de estudio un fanzine producido en 1987 en la ciudad de Foz do Iguaçu, titulado "Mova-se Caralho", que se destacó en la escena literaria alternativa de la región trinacional y tuvo un total de tres ediciones. El objetivo es analizarlo en el contexto del movimiento de contracultura y la ideología que influyó y dirigió el comportamiento de parte de la sociedad occidental, compuesta principalmente por jóvenes. Comparamos algunos elementos restantes de la estética contracultural norteamericana que se pueden observar en esta producción cultural periférica con los grandes centros, de los cuales emanan tendencias estéticas. El análisis permitió comprender el posicionamiento crítico cultural del fanzine hacia los medios de comunicación y el contexto literario local, como un vehículo de expresión propia e insurgente.

Palabras clave: Fanzine; contracultura; prensa alternativa

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: página 14 <i>Mova-se Caralho 2</i>	52
Imagem 2: página 7 <i>Mova-se Caralho 1</i>	54
Imagem 3: página 1 <i>Mova-se Caralho 2</i>	56
Imagem 4: página 7 <i>Mova-se Caralho 2</i>	58
Imagem 5: página 13 <i>Mova-se Caralho 1</i>	59
Imagem 6: página 14 <i>Mova-se Caralho 1</i>	59
Imagem 7: página 13 <i>Mova-se Caralho 2</i>	62
Imagem 8: página 13 <i>Mova-se Caralho 1</i>	64
Imagem 9: página 3 <i>Mova-se caralho 2</i>	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 PRIMEIRO CAPÍTULO: CONTRACULTURA E INSURGÊNCIA.....	16
1.1 Guerra e paz	18
1.2 O novo mundo do trabalho: tecnocracia	20
1.3 Hippies, beatniks, hipsters, movimentos negros, Black Panthers	22
2 SEGUNDO CAPÍTULO: ECOS CONTRACULTURAIS NO BRASIL.....	36
2.1 Sob a ditadura	36
2.2 Revolução nos costumes	39
2.3 Reconfiguração da imprensa	41
3 TERCEIRO CAPÍTULO: FANZINE PROBLEMATIZADOR: MOVA-SE CARALHO.....	44
3.1 O fanzine como Comunicação Alternativa ou como Elemento Alternativo da Comunicação?...48	
3.2 Território.....	50
3.3 A estética do alternativo e a região trinacional.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	73
ANEXOS.....	76

INTRODUÇÃO

“Aos presentes (y ausentes) anunciamos/denunciamos que o absurdo está solto. O sentido não faz o menor sentido (ilógico-anti estético-antiarte-anti u... vocês sabem o que), noutra contexto: dadá. Já atraímos mais alguns cabeças pra guilhotina.” Esse fragmento, retirado do editorial do segundo exemplar dos fanzines a serem analisados, nos revela um pouco sobre a postura desse veículo de comunicação, que aqui pretende-se analisar como inseparável da produção, circulação e divulgação de ideias.

Essas ideias também são percebidas nos discursos cotidianos, principalmente aqueles que são vinculados a algum tipo de mídia, como é o caso da mídia impressa. Observamos que, por trás desses meios de disseminação de opiniões ou ideias, há um conjunto de temas que se solidificam na realização do fanzine. Com isso, geralmente a pessoa que o busca, sente-se atraída por aquilo que ele expressa, descreve ou ilustra.

Característico por ser uma publicação de cunho amador e desenvolvido por fãs de um determinado assunto ou cultura, a denominação fanzine foi empregada pela primeira vez em 1940 por Russ Chauvenet, para denominar publicações não oficiais produzidas por grupos de entusiastas de alguns temas.

Segundo o pesquisador Henrique Paiva de Magalhães, é por volta da metade do século passado que surge entre os fãs de ficção científica e histórias em quadrinhos, impressos que ficaram conhecidos como fanzines. Esses impressos amadores têm como característica a centralização dos processos de produção em um mesmo indivíduo, ou num pequeno grupo de pessoas que se encarrega de escrever, confeccionar e distribuir o material. E nesse processo, a divisão clássica e formal do trabalho desaparece. (MAGALHÃES, 2003).

Um exemplo disso é o caso do fanzine *Mova-se Caralho*, produzido no ano de 1987 na cidade de Foz do Iguaçu, no qual encontramos uma série de opiniões e ideias que expressam as visões de mundo veiculadas por seus editores, na época os jovens universitários José Gilberto Maciel e Cássio Pirkel, que estiveram à frente da produção do fanzine. Ambos se envolviam em todos os processos necessários para a produção e distribuição do fanzine em um período marcado pelo início da redemocratização brasileira.

Ao analisar o fanzine *Mova-se Caralho*, observamos a importância do contexto em

produções literárias. Os autores lançam mão de reflexões ocasionadas por um tema que incita escritores em elaborações artísticas: a contestação do *establishment*. Nele podemos observar uma atmosfera aparentemente caótica, composta por elementos visuais e linguísticos que se misturam no intuito de conduzir o leitor através de textos críticos carregados de sarcasmo e ironia. Tais textos podem remetê-lo a situações cotidianas, pois trazem elementos atuais para os anos 80, mas estão quase sempre em contato com um contexto arraigado em situações pretéritas, o que nos leva a voltar as atenções para os processos de memória que atuam nos sistemas de criação em que a linguagem é uma espécie de eco do passado.

A escolha por um fanzine do oeste paranaense sugere a importância do contexto em produções intelectuais diversas, como o desta dissertação. Seu autor é da mesma região geográfica onde foi desenvolvido o fanzine que inspira esse estudo.

Uma descrição muito usada para definir a região da tríplice fronteira é a de que nela vários povos e culturas convivem e interagem dentro de um clima de paz, harmonia e integração. Essa visão romantizada parte principalmente da maneira pela qual as pessoas que habitam essa região gostariam de ser reconhecidas e é, no mínimo, ingênua, pois despreza os conflitos e ambiguidades que compõem as próprias culturas, que não são um campo estático.

Para aprofundarmos nosso conhecimento cultural acerca de uma região, necessitamos buscar informações além daquilo que nos é oferecido pelo discurso hegemônico, ou seja, que supere a preponderância de uma cultura sobre a outra, pois este discurso pode ser apenas uma tentativa de internalizar uma visão sobre a riqueza cultural de um determinado lugar que, se não for errônea, tende a ser incompleta.

Ainda que estejamos cientes dos múltiplos recursos culturais do Brasil e da América Latina, (recursos esses que muitas vezes surgiram da relação entre países que, mesmo sem falar uma mesma língua, compartilham um grande senso de pertencimento latino, baseado em um mesmo contexto histórico de ocupação e exploração de suas terras e sua gente pelo capitalismo ao longo do tempo), ainda é possível aumentarmos os níveis de reflexão sobre essa diversidade cultural, aprofundando a pesquisa em produções culturais inspiradas na cena alternativa. E, nesse sentido, os editores do fanzine *Mova-se Caralho*, ao não aceitarem meramente a cultura homogeneizada e hegemônica, tentam desconstruí-la, aumentando com isso o entendimento da mesma.

Indo além de uma visão estereotipada e superficial, a temática contracultural observada no fanzine pode ser entendida não apenas como um movimento de rebeldia, mas uma busca por espaço que utiliza uma variedade de expressões culturais, muitas delas consideradas “marginais”, revelando com isso a heterogeneidade de visões que podem interpretar ou explicar a nossa sociedade e o contexto no qual estamos inseridos.

É neste cenário de movimento em um espaço composto por culturas diversas, que expressam suas crenças, religiões, ideologias e hábitos, que se justifica a necessidade de compreender e identificar a influência e profundidade de alcance do fanzine *Mova-se Caralho* na cidade de Foz do Iguaçu. Assim, podemos relacionar os ideais contidos no fanzine e o posicionamento político-ideológico dos editores perante o discurso que conclama a coletividade para uma mudança social, inspirado, principalmente, no movimento da contracultura.

Mais do que absorver, contestar ou propagar visões acerca do que é fanzine, cultura ou contracultura, intencionamos contribuir para o entendimento da realidade latino-americana e trinacional a partir dessa microrrealidade social, representada por Foz do Iguaçu. Quanto mais compreendermos sobre os elementos que formam nossa realidade, mais entenderemos o que é ser nós mesmos e a não mais enxergarmos os demais como “eles”, tão distantes de nós.

Como objetivo geral, pretende-se ampliar o entendimento da realidade latino-americana e trinacional por meio dos fanzines e, mais especificamente, verificar esses dois exemplares de fanzine como um veículo de expressão própria, que tende a confrontar valores e ideias dos veículos instituídos (jornal, televisão e sistema literário). Também pretende-se analisar esses dois exemplares verificando o posicionamento crítico cultural aos meios de comunicação de massa e ao contexto literário local, ou seja, na microrrealidade trinacional da cidade de Foz do Iguaçu.

O argumento norteador, ainda a ser aprofundando, é a ideia da existência de um sistema de produção, circulação e divulgação de ideias e valores culturais no interior do qual os fanzines se posicionam como insurgentes. Para desenvolver esse argumento, faremos um apanhado panorâmico sobre a Contracultura, principalmente nos anos posteriores à década de 50 e, de maneira mais específica, recorreremos às problematizações de Theodore Roszak (1933-2011) em seu livro *A Contracultura*, e Ken Goffman e Dan Joy, no livro *Contracultura através dos tempos*.

Queremos desenvolver o argumento de que o fanzine *Mova-se Caralho* está profundamente inserido de modo criativo e crítico em um contexto cultural amplo, com o qual

debatia e afirmava suas posições sobre diversos temas da época, como cinema, constituinte, dívida externa, política nacional e internacional, entre outros.

A dissertação está dividida em três seções. A primeira intitulada Contracultura e insurgência apresenta um breve apanhado sobre fatos sociais que influenciaram parte de uma sociedade considerada rebelde, no intuito de contribuir para uma melhor compreensão do contexto, problematizando-o e aumentando a capacidade de entendê-lo de maneira mais ampla e abrangente. A segunda, intitulada Ecos contraculturais no Brasil, aborda panoramicamente alguns movimentos contraculturais e aponta semelhanças presentes no veículo impresso para categorizá-lo, ou não, como literatura contracultural no interior da Contracultura e seus desdobramentos. Na terceira e última seção, intitulada Fanzine problematizador, aprofundaremos a análise dos dois exemplares do fanzine para demonstrar a importância do *Mova-se Caralho* dentro do ambiente *underground* de Foz do Iguaçu, assim como refletir um pouco mais sobre o quanto a literatura pode contribuir para aprofundarmos nosso entendimento de mundo e de nossa microrrealidade.

1 PRIMEIRO CAPÍTULO: CONTRACULTURA E INSURGÊNCIA

A contracultura é compreendida por muitos pesquisadores como um movimento político-cultural de caráter libertário, decorrente do conflito entre a cultura hegemônica e a “outra”, que ia em sentido oposto a alguns ideais da cultura ocidental, que foram observados na década de sessenta e setenta do século XX. Entretanto, a contracultura também pode ser considerada como uma atitude comportamental que insurge perante ao *status quo* vigente sob vários aspectos da vida humana. Na publicação de Ken Goffman e Dan Joy, *Contracultura através dos tempos*, podemos perceber que os autores relatam vários momentos da história humana que podem ser considerados contraculturais. Segundo os estudiosos, pode-se entender que o comportamento contracultural tem como característica a:

“ruptura” com o estabelecido, mas que é também uma espécie de tradição. É a tradição de romper com a tradição, ou seja, é o ato de permear os comportamentos adotados no presente de modo a abrir uma janela para aquele aspecto mais profundo da possibilidade humana que é a fonte constante da renovação, da expressão e do simples esforço humano frente às condições oferecidas. Assim, a contracultura pode ser uma tradição que ataca e dá início a quase todas as outras tradições (GOFFMAN; JOY, 2007, p. 13).

Fazendo um apanhado panorâmico, como o próprio título do livro sugere, *Contracultura através dos tempos*, os autores observam que há no mundo ocidental algumas semelhanças entre os diversos comportamentos considerados contraculturais desde os tempos míticos da Grécia antiga até a era do ciberespaço, como as características preponderantemente antitotalitárias e humanistas, nas sociedades ocidentais.

Os autores levam em consideração o caso do deus grego Prometeu¹, que considerava a

¹Prometeu é um deus grego do Olimpo, comandado por Zeus. Ele fazia sacrifícios de animais. Certo dia, durante um sacrifício, ele fala de forma temerária com Zeus. Corta um touro e o divide em duas partes: uma contendo a carne e os intestinos, embrulhados na pele; e a outra consistindo apenas de ossos e gordura. Prometeu pede a Zeus que escolha sua parte; o restante deverá ser dado ao homem. Zeus pega os ossos e a gordura, o que o faz sentir raiva de Prometeu e da humanidade. Zeus pune os mortais tomando deles o dom do fogo. Prometeu o rouba de volta. Prometeu que tem o dom de ver o futuro prevê que um dos filhos de Zeus irá um dia derrubá-lo do trono, mas se recusa a dizer qual deles. Zeus, se enfurece e pune Prometeu amarrando-o com correntes a uma rocha no monte Cáucaso. Lá, diariamente

humanidade merecedora de inúmeros poderes e saberes, bem como de um grau de independência dos deuses, era a encarnação daquilo que atualmente conhecemos como humanismo. Embora para alguns, Prometeu pareça irresponsável e libertino, o humanismo desse personagem mitológico coloca em cheque a autoridade do deus supremo, e resulta em seu próprio castigo. Porém, o mesmo continuou em sua tarefa de partilhar os conhecimentos com a humanidade (GOFFMAN; JOY, 2007, p. 31).

Goffman e Joy mostram que além de Prometeu, outro personagem que pode ser associado a contracultura é Abraão, que se rebelou contra a cultura politeísta, se transformando com isso no primeiro a adotar a ideia monoteísta. Ao se colocar sua história em um contexto contracultural, podemos observar que ele rompeu com uma cultura em que todas as crenças eram determinadas pelo consenso social da tradição. Ao dar ouvido à voz individual em sua cabeça, ele a interpreta como a voz de Deus e ignora a onipresente realidade consensual de sua sociedade, aferrando-se em seus princípios individualistas. Dessa maneira, o suposto Abraão histórico e sua tribo judaica primitiva apresentam alguns aspectos contraculturais, como abandonar ou se exilar da sociedade estabelecida, o relacionamento direto com a divindade sem a intermediação de ícones e ídolos e uma densa individualidade, além de vermos a conduta antiautoritária de destruir os ídolos de madeiras que eram considerados deuses reais (GOFFMAN; JOY, 2007, p. 36).

Ao pensar acerca de atitudes contraculturais, observamos que a literatura também pode se valer de alguns ideais contraculturais ao se contrapor à ordem estabelecida em busca de uma maior harmonia entre os homens e deles para com a natureza, como ocorreu no movimento do Arcadismo que se desenvolveu no Brasil ao longo do século XVIII, que pregava principalmente o *carpe diem* (viva o dia) e o *fugere urben* (fuga da cidade).

É importante estar atento para não se limitar a uma interpretação reducionista compartilhada por muitos, que a primeira vista entendem superficialmente e identificam a contracultura como sinônimo de uma rebeldia aleatória contra tudo e todos. Isso porque a contracultura não é algo contrário a todos os tipos de comportamentos humanos que se dão influenciados pela cultura comungada pelos indivíduos sociais, e sim, ao tipo de cultura que se coloca como dominante nos campos sociais. Por uma questão de delimitação, nesta dissertação

e por toda eternidade, uma águia bica e come o fígado do castigado, contudo, toda a noite o fígado imortal do deus condenado se regenera, que modo que ele sempre possa ser torturado no dia seguinte. (GOFFMAN; JOY, 2007)

enfocamos o movimento ideológico, político e cultural, que se caracterizou pela contestação aos padrões dominantes no mundo ocidental, principalmente a partir da década de sessenta do século passado.

Levando em consideração que o movimento contracultural dos anos sessenta surgiu em um período de profunda crise social, percebe-se que algumas pessoas pressentiam que as mudanças recentes ocorridas no período que sucedeu a Segunda Guerra Mundial, não as tornavam felizes e satisfeitas, nem na sociedade em que estavam inseridas, nem consigo mesmas. Podemos relacionar essa “angústia” a diversos fatores, tanto sociais, como psicológicos.

1.1 Guerra e paz

Mais que um movimento de contestação àquilo que estava pulsando nas décadas mencionadas - Guerra Fria, Guerra do Vietnam, consumismo crescente e avanço do processo industrial em escala mundial - a contracultura norteamericana buscava não apenas uma mudança social através de formas alternativas² de se viver, mas também que essa mudança viesse ao nível pessoal, reaproveitando alguns estudos da psicanálise e técnicas meditativas provenientes de culturas para além daquelas surgidas nos anos sessenta, como é o caso do budismo, taoísmo e a dos *hare krishna*, entre outros.

Em se tratando da “Guerra Fria”, podemos constatar que ela ocorreu num período em que a tensão mundial alcançou um incrível patamar, pois, dois blocos socioeconômicos hegemônicos formados após a segunda Guerra Mundial (um vinculado aos EUA e outro à URSS), se colocavam como oponentes, ampliando suas zonas de influências em praticamente todo o globo terrestre:

A peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo eminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual mas não contestado em sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência – a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra – e não tentava ampliá-la sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos,

² A palavra “alternativa” vem de *alter*, que sugere alterações, mudanças. No dicionário *Aurélio* (cf. HOLANDA, 1986) significa algo que se contrapõe a interesses ou tendências dominantes. Corresponde também a algo que não está ligado a política dominante, a uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; a única saída para uma situação difícil e, finalmente, ao desejo das gerações dos anos 60 e 70 de protagonizarem as transformações sociais que pregavam (KUCINSKI apud BARROS, 2003, p. 63).

assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas colônias. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética (HOBSBAWN, 1994, p. 224).

Contudo, embora o período da “Guerra Fria” fosse considerado um período de preparação para uma possível guerra, sendo encarada por grande parte daqueles que vivenciavam o crescimento dos investimentos bélicos e inovações tecnológicas que poderiam ser usadas posteriormente em campo de batalha. Segundo Hobsbawm, isso aconteceu num momento de estabilidade econômica em grande parte dos continentes, pois muitos dos países eram patrocinados por essas superpotências que os tinham como aliados em caso da eclosão de uma nova guerra em nível mundial.

É interessante salientar que, no que tange à estabilidade econômica, Hobsbawm expõe que a situação mundial havia se tornado estável de maneira razoável pouco depois da Segunda Guerra Mundial, e permaneceu assim até por volta de 1970, quando o sistema mundial e as unidades que dele faziam parte entraram em outro período de extensa crise política e econômica. Até aquele momento, as duas superpotências aceitavam a divisão desigual do mundo, faziam todo esforço para resolver disputas de demarcação sem um choque aberto entre suas Forças Armadas que pudesse levar a uma guerra e, ao contrário da ideologia e das retóricas da “Guerra Fria”, trabalhavam baseados na suposição de que a coexistência pacífica entre ambas era possível a longo prazo (HOBSBAWM, 1994, p. 225).

Podemos observar também que outro aspecto dessa atmosfera tensa entre as duas superpotências é que grande parte dos conflitos em nível militar existentes no globo terrestre estavam ligados a ele, ou seja, se eclodia um conflito armado, os oponentes eram supridos por uma das superpotências, o que fazia com que gerações inteiras estivessem cotidianamente submetidas a essa atmosfera de tensão:

Assim que a URSS adquiriu armas nucleares – quatro anos depois de Hiroshima no caso da bomba atômica (1949), nove meses depois dos EUA no caso da bomba de hidrogênio (1953) – as duas superpotências claramente abandonaram a guerra como instrumento de política, pois isso equivalia a um pacto suicida. Não está muito claro se chegaram a considerar seriamente a possibilidade de uma ação nuclear contra terceiros – os EUA na Coreia em 1951, e para salvar os franceses no Vietnã em 1954; a URSS contra a China em 1969 –, mas de todo modo as armas não foram usadas. Contudo, ambos usaram a ameaça nuclear, quase com certeza sem intenção de cumpri-la, em algumas ocasiões: os EUA para acelerar as negociações de paz na Coreia e no Vietnã (1953, 1954) a URSS para forçar a Grã-Bretanha e a França a retirar-se de Suez em 1956. Infelizmente, a própria certeza de que nenhuma das superpotências iria de fato querer apertar o botão nuclear tentava os dois lados a usar gestos nucleares para fins de negociação, ou (nos EUA) para fins de política interna, confiantes em que o outro tampouco queria a guerra.

Essa confiança revelou-se justificada, mas ao custo de abalar os nervos de várias gerações (HOBSEAWM, 1994, p. 227).

Um aspecto importante a ser levado em consideração é a divisão entre as narrativas apresentadas através da cobertura diária dos meios de comunicação, que ao apresentar o conflito para a população provocaram uma grande oposição e divisão na sociedade norte-americana. Essa tensão gerada contribuiu para que fosse firmado o Acordo de Paz de Paris no ano de 1973, proporcionando a retirada das tropas americanas do campo de batalha. Contudo, a guerra continuou com a luta entre o norte e o sul do Vietnã, e teve seu desfecho em abril de 1975.

As derrotas constantes dos EUA, com a morte de milhares de jovens (em torno de 55 mil no total) ocasionou uma atmosfera de contestação ao longo do conflito, fazendo com que o movimento de contracultura desempenhasse um papel relevante nesse processo, pois o movimento era composto em sua maioria por pacifistas.

Em defesa da liberdade e da democracia, estudantes e ativistas políticos apoiados não só pela mídia alternativa, mas por órgãos da imprensa liberal que não concordavam com aquele envolvimento norteamericano no sudeste asiático, divulgavam cotidianamente as atrocidades no campo de batalha e o alto número de jovens da classe média estadunidense que começavam a retornar dentro de sacos fúnebres, despertando cada vez mais protestos massivos. Isso fez com que as pessoas viessem a adotar o lema “faça amor, não faça guerra” que passou a representar uma atitude contracultural contra as atrocidades nos campos de batalha em que os EUA estavam envolvidos, ao lado do simbólico sinal dos dedos indicador e médio em forma de “V”, representando “paz e amor”.

1.2 O novo mundo do trabalho: tecnocracia

No contexto anterior à “Guerra Fria” e a própria Segunda Guerra Mundial, o mundo passava por um período de alargamento das atividades industriais e isso fez com que houvesse a necessidade de uma maior especialização dos operários para o manuseio da nova tecnologia que era incorporada ao processo fabril. Com isso, era necessário o treinamento e especialização desses trabalhadores, o que provocou um aumento na fração de estudantes dentro da sociedade ocidental, como nos leva a crer o historiador Eric Hobsbawm:

Antes da Segunda Guerra Mundial, mesmo na Alemanha, França e Grã-Bretanha, três dos maiores países, mais desenvolvidos e instruídos, com uma população total de 150

milhões, não tinham juntos mais que aproximadamente 150 mil universitários, um décimo de 1% de suas populações somadas. Contudo, no fim da década de 1980 os estudantes eram contados aos milhões na França, República Federal da Alemanha, Itália, Espanha e URSS [...], isso sem falar no Brasil, Índia, México, Filipinas e, claro, EUA, que tinham sido pioneiros na educação universitária em massa (HOBSBAWM, 1995, p. 257).

Esse aumento de “massa crítica” representado principalmente pelos jovens, fez com que houvesse uma maior reflexão em relação àquilo que ocorria em seu contexto, o que possivelmente fez com que ocorresse uma maior contestação em relação ao que eles julgavam como incoerente ou injusto socialmente. Não é de se estranhar que foram os Estados Unidos, uma das primeiras nações a assimilar e divulgar os ideais da contracultura. Segundo Marcos Alexandre Capellari em seu trabalho intitulado de O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel, ocorreram quatro fatores principais que colocaram os estadunidenses em uma posição de destaque no que concerne ao movimento contracultural daquela época:

1. O notório desenvolvimento das especializações científicas e tecnológicas aplicadas à lógica capitalista, bem como a organização do Estado sob tais parâmetros, surgindo com isso o que ficou conhecido como “tecnocracia”;
2. A solidificação de uma classe média urbana sob ideais do individualismo narcisista;
3. O terror ocasionado pelo pós-guerra, pela possibilidade de confronto bélico entre as duas das maiores potências nucleares do globo terrestre, ou seja, entre EUA e URSS;
4. A propagação de doutrinas filosóficas, sociais, psicológicas e religiosas do Ocidente e oriente, que propugnavam, de maneira explícita ou implícita, por alternativas àquilo que ficou conhecido como establishment (CAPELLARI, 2007, p. 06).

Mesmo observando os quatro fatores que poderiam ter contribuído para o desencadeamento do movimento de Contracultura, a tecnocracia teve um papel de destaque nesse processo, segundo o pesquisador responsável por cunhar o termo contracultura, Theodore Roszak:

Quando falo em tecnocracia, refiro-me àquela forma social na qual uma sociedade industrial atinge o ápice de sua integração organizacional. É o ideal que geralmente as pessoas têm em mente quando falam de modernização, atualização, racionalização, planejamento. Com base em imperativos incontestáveis como a procura de eficiência, a segurança social, a coordenação em grande escala de homens e recursos, níveis cada vez maiores de opulência e manifestações crescentes de força humana coletiva, a tecnocracia age no sentido de eliminar as brechas e fissuras anacrônicas da sociedade industrial (ROSZAK, 1972, p.19).

Segundo o mesmo autor, em uma sociedade adaptada à tecnocracia, o cidadão vê-se na

necessidade de transferir sua falta de conhecimento a peritos. Assim, se agisse de outra maneira seria uma violação da razão, já que de acordo com o consenso geral, a meta basilar da sociedade consiste em manter a máquina produtiva funcionando de forma eficiente. Sem a especialização, o grandioso mecanismo possivelmente emperraria, nos colocando em meio ao caos e a miséria (ROSZAK, 1972, p. 20).

Capellari defende que a contracultura pode ser entendida como uma representação dada a um conjunto de manifestações contrárias ao *modus vivendi* que predominou no mundo ocidental por parte dos jovens dos anos de sessenta e setenta do século passado, o que contribuiu para algumas transformações no âmbito social e cultural, ainda que nem sempre defendidas pela totalidade de seus teóricos e apologistas. De acordo com o mesmo estudioso, dentre as manifestações mais visíveis, podem ser encontradas:

1. A falta de valorização do racionalismo, e por consequência ocorrem rebeliões nas universidades, contra o sistema de ensino, e a construção de novos paradigmas, ou visões do mundo, solidificadas em correntes culturais subterrâneas do Ocidente, em filosofias e religiões orientais e em algumas vertentes da psicanálise e do marxismo;
2. A objeção ao *american way of life*, expressa em um estilo de vida descompromissado e errante, sendo característico o dos *hippies*;
3. O pacifismo (ainda que houvesse, em algumas de suas variações, a dos *Black Panthers*, por exemplo, a opção pela luta armada), contrário as ações imperialistas das grandes potências; e
4. O hedonismo, caracterizado pela valorização do corpo e do lado emocional humano, sendo uma de suas principais manifestações a “revolução sexual” e a valorização das drogas psicotrópicas, geralmente atrelada a um dos seus poderosos veículos de disseminação, ou seja, a música Rock (CAPELLARI, 2007, p. 06).

1.3 Hippies; beatniks, hipsters, movimentos negros, Black Panthers

Sendo contrário ao *american way of life* e seu estilo de viver que alcançou uma escala quase que mundial, o movimento de contracultura disseminou também a figura dos *hippies*, que representava a rebeldia dos jovens que assimilaram e colocaram em prática alguns dos principais ideais desse movimento. O filósofo Luis Carlos Maciel, considerado o maior divulgador da contracultura em solo brasileiro, considerava os *hippies* como a encarnação de uma nova forma de viver, onde doenças características de sociedades de perfis tecnocrata poderiam ser extintas se fossem adotadas formas de viver e pensar que tivessem como modelo o estilo *hippie* de viver:

[...] Tudo o que inventamos dá câncer; tudo o que continuamos a inventar na década de setenta continuará a dar câncer. Cada laboratório que descobrir uma substância capaz de combater o câncer ficará enfurecido com o outro que descobrirá uma nova substância que o provoca ou o alimenta. Para curar a doença infernal, será preciso curar nossa alma. E, por isso, eu prevejo na década dos setenta, não serão os cientistas, mas os *hippies*, que descobrirão a cura do câncer: eles terão descoberto a imunidade absoluta à terrível doença, só que não poderão comunicá-la e a guardarão, com um de seus inúmeros segredos e uma de suas armas mais poderosas contra os mil braços que a tecnologia fabrica, por encomenda, para o Deus da Morte (MACIEL, 1973, p. 25-26)

Mesmo havendo essa visão positiva do *hippie* como um ser que consegue aproveitar a vida sem grandes preocupações e de maneira natural, é frequente o olhar estereotipado que recai sobre ele, conforme observamos em Roszak (1972):

Quando as relações entre os jovens proponentes da contracultura e os miseráveis da terra ultrapassam o problema da integração, instala-se inevitavelmente uma grave intranquilidade. Os valores culturais dos jovens descontentes devem certamente parecer extravagantes àqueles cuja atenção acha-se compreensivelmente fixada em partilhar as glamurosas boas coisas da vida da classe média. Como deve parecer desconcertante a esses pobres coitados a que se refere Cohn-Bendit constatar que os filhos de nossa nova opulência agora se vestem em trapos e farrapos, transformam suas moradias em algo quase indistinguível de um cortiço e saem às ruas como pedintes. Da mesma forma, o que pode significar para o mineiro desempregado ou para um trabalhador agrícola sem trabalho fixo o mais recente LP surrealista dos Beatles? De que serve aos proletários de Nanterre a última encenação de Arrabal no *rive gauche*? É claro que não vêem esses estranhos fenômenos com parte de sua cultura, e sim como coisas curiosas, um tanto amalucadas, com que os jovens mimados da classe média se divertem. É possível que, como os guardiões marxistas da justiça social, até mesmo as vejam como exibições intoleráveis de “decadência” – referindo-se à insatisfação neurótica daqueles que são incapazes de aceitar com gratidão as responsabilidades da vida numa desenvolvida ordem industrial (ROSZAK, 1972, p. 78-79).

Dessa maneira, observamos que a tendência é que se olhe para o indivíduo que age segundo os preceitos da contracultura como uma pessoa imatura e intelectualmente vazia, pelo fato de não estar dentro da concorrência comum do mercado de trabalho e não se considerar como uma ferramenta fundamental na imensa engrenagem do processo industrial. Entretanto, a maneira preconceituosa que são olhados, pode ser na realidade o medo do novo, ou a mera aceitação do *status quo* onde os “normais” estão inseridos.

Assim, a contracultura nos Estados Unidos e em outros locais por onde se irradiou, contou com o aparecimento de outros tipos representativos, como foi o caso daqueles que participaram da “Geração Beat”. Surgida nos anos cinquenta, foi o primeiro movimento contracultural com grande importância histórica e cultural ocorrida naquele país. Seus integrantes eram chamados de *beatniks*, que é uma junção entre os nomes do satélite russo Sputnik (vemos nisso a influência da

corrida para a conquista do espaço que aconteceu no período da “Guerra Fria”) com o termo inglês *beat*, termo plurissemântico no qual sobressai a atmosfera contracultural do ritmo. Essa geração era chamada de maldita por seu aspecto depressivo.

Os *beatniks* ou *beats* eram jovens de famílias que sofreram com a Depressão nos anos 30 (reflexos do *break* da Bolsa de Nova Iorque, o que levou os EUA a uma crise econômica de grandes proporções mundiais) e que tiveram que viajar à procura de emprego em um país onde o desemprego alcançou índices históricos jamais visto. A tendência à rebeldia fazia com que eles não se estabelecessem por muito tempo num local e foram cruzando o país de costa a costa, recitando poemas em galerias e locais públicos. Esses jovens que se conheciam dentro e fora da Universidade, eram interessados em escritos não tradicionais como os de Rimbaud, Blake, Withman, Kafka, Nietzsche, dentre outros. Inquietos, tentavam mostrar seu desgosto com o *status quo* do consumismo e do modelo tecnocrata, contrapondo com isso, propostas alternativas de vida.

Dentre esses jovens, há que se destacar Allen Ginsberg (1926-1977), considerado o poeta mais representativo desta geração. Com características que poderiam ser discriminadas por muitos, como o fato de ser judeu, homossexual e comunista, fazia seus escritos e os dedicava aos seus amigos. Em sua trajetória artística pode ser encontrado dois traços fundamentais: o orientalismo e o ativismo político. Suas poesias inspiram diversas mentes, principalmente o visionário poema “*Uivo*”, declamado primeiramente no dia 13 de outubro de 1955. Aqui apresentamos um trecho do poema denominado *Nota de rodapé para Uivo*:

Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo! Santo!
 Santo! Santo! Santo!
 O mundo é santo! A alma é santa! A pele é santa! O nariz é santo! A língua e o caralho e a
 mão e o cu são santos!
 Tudo é santo! Todos são santos! Todo lugar é santo! Todo dia é eternidade! Todo mundo é
 um anjo!
 O vagabundo é tão santo quanto o serafim! O louco é tão santo quanto você minha alma é
 santa!
 A máquina de escrever é santa o poema é santo a voz é santa os ouvintes são santos o
 êxtase é santo!
 Santo Peter santo Allen santo Solomon santo Lucien santo Kerouac santo Huncke santo
 Burroughs santo Cassady santos os mendigos desconhecidos sofrendores e fodidos santos
 os horrendos anjos humanos!
 Santa minha mãe no asilo de loucos! Santos os caralhos dos vovôs de Kansas!
 Santo o saxofone que geme! Santo o apocalipse bop! Santos a banda de jazz marijuana
 hipsters paz & droga & sonhos!
 Santa a solidão dos arranha-céus e calçamentos! Santas as cafeterias cheias de milhões!

Santo o misterioso rio de lágrimas sob as ruas!
 Santo o solitário Jagarnata! Santo o enorme cordeiro da classe média! Santos os pastores
 loucos da rebelião! Quem saca que Los Angeles é Los Angeles!
 Santo Nova York! Santo San Francisco Santo Peoria & Seattle Santo Paris Santo Tânger
 Santo Moscou Santo Istambul!
 Santo o tempo na eternidade santa a eternidade no tempo santos os despertadores no
 espaço santa a quarta dimensão santa a quinta internacional santo o anjo em Moloch!
 Santo o mar santo o deserto santa a ferrovia santa a locomotiva santas as visões santas as
 alucinações santos os milagres santo o globo ocular santo o abismo!
 Santo perdão! Misericórdia! Caridade! Fé! Santo! Nossos! corpos! sofrendo!
 magnanimidade!
 Santa a sobrenatural extra brilhante inteligente bondade da alma! (GINSBERG, 2012)

No poema podemos apreciar vários elementos característicos citados anteriormente, como o hedonismo (A pele é santa! O nariz é santo! A língua e o caralho e a mão e o cu são santos!), o orientalismo (Santo Tânger Santo Moscou Santo Istambul!), as drogas e a música (Santos a banda de jazz marijuana hipsters paz & droga & sonhos!), o mal-estar por sentir-se deslocado dentro de uma sociedade tecnocrata (Santa a solidão dos arranha-céus e calçamentos! Santas as cafeterias cheias de milhões! Santo o misterioso rio de lágrimas sob as ruas!), entre outros.

No final dos anos 60 Ginsberg viajou ao Oriente e lá trocou muito das drogas que havia usado por ioga e meditação. Temos que ressaltar que o artista também tinha uma relação mística com os alucinógenos, pois para ele, lhes permitiriam descobrir como era o além. Foi ativo nos movimentos de 60 e nos que viriam a seguir, sendo figura ativa em marchas *hippies* ou no Maio de 68, na França. Faleceu em 97, em Nova Iorque.

Ao lado dele, Jack Keurouac (1922-1969) foi outro jovem muito representativo na contracultura que emergia naquele momento. Acreditava que sua missão no planeta era escrever livros e fazer a pregação da necessidade da bondade universal. Se descrevia como estranho, solitário católico, místico e louco. Segundo ele, sua maior luta era fazer com que o homem tivesse o direito de seguir seu livre-arbítrio e fazer o que quisesse. Ainda nos fins de 40, partiu para uma viagem de uma costa à outra da América do Norte apenas fazendo uso de meios baratos, como trens de carga, caminhões e carona. Sua grande obra, *On the Road*, mostrava a realidade americana a partir das diversas viagens que empreendeu, e se transformou na representação suprema da vida beat.

[...] “Qual é a sua estrada, homem? – a estrada do místico, a estrada do louco, a estrada do arco-íris, a estrada dos peixes, qualquer estrada... Há sempre uma estrada em qualquer lugar, para qualquer pessoa, em qualquer circunstância. Como, onde, por quê?”

Concordamos gravemente, sob a chuva. “[...] Decidi abrir mão de tudo. Você me viu quebrar a cara tentando de tudo, me sacrificando e você sabe que isso não importa; nós sacamos a vida, Sal – sabemos como domá-la, e sabemos que o negócio é continuar no caminho, pegando leve, curtindo o que pintar da velha maneira tradicional. Afinal, de que outra maneira poderíamos curtir? Nós sabemos disso.” Suspirávamos sob a chuva. [...] “E assim”, disse Dean, “vou seguindo a vida para onde ela me levar. [...]”. (Kerouac, 2004, p. 305-306).

A estrada se refere ao caminho a ser escolhido, a uma trajetória hedonista (“sabemos que o negócio é continuar no caminho, pegando leve, curtindo o que pintar da velha maneira tradicional. Afinal, de que outra maneira poderíamos curtir?”), a fuga da sociedade tecnocrata (“Decidi abrir mão de tudo. Você me viu quebrar a cara tentando de tudo, me sacrificando”), e a forma descompromissada perante ao *american way of life*.

Além desses dois, destacou-se William Burroughs (1914-1977). Oriundo de uma família rica, formado em medicina, sendo mais velho e culto que os outros, acabou por influenciá-los. Assim como grande parte dos principais representantes do movimento contracultural norte-americano, foi dependente de drogas, como heroína, por uma década, e o relato desse período de sua vida foi reproduzido no livro *Junky* (seu primeiro livro), que explorou de maneira meticulosa com imagens cruéis e sensações diversas, uma espécie de depósito dos demônios íntimos que arruinam a vida de um dependente. Outra publicação na mesma linha foi *The Naked Lunch*, uma compilação das “viagens”, paranoias e horrores que habitam a mente do viciado, onde havia traficantes, lagartos, sodomitas e seres monstruosos comuns a Burroughs nos seus dias de vício em Tânger, norte da África.

Surgidos na mesma época dos *beats*, os *hipsters* faziam parte de um grupo descontente com o tipo de vida da sociedade consumista. Opunham-se aos *squares* (quadrados ou “caretas”) que eram conformistas e defensores do *american way of life*. Frente à falência da revolução proletária nas sociedades industriais avançadas, o *hipster* é aquele que se revolta e nega violentamente os valores estabelecidos. Nos Estados Unidos, ele podia ser definido como “negro branco”, pelo fato de que naquela sociedade os negros, enquanto grupo marginalizado, possuíam uma atitude constante de rebelião, uma vez que estavam constantemente expostos ao perigo.

Nesse sentido, é importante frisar que os Estados Unidos, apesar de se considerarem o país das liberdades e da democracia, não tinha conseguido resolver uma séria e fundamental questão que remontava aos tempos da Guerra Civil no século XIX: a da segregação racial. Ainda na

primeira metade da década de 1960, os negros tinham seus direitos e atividades restringidas por uma estrutura legal que privilegiava os brancos, sendo alvo de inúmeras manifestações de repúdio, não apenas da comunidade internacional, mas gradativamente e com maior intensidade e fúria, de sua própria população.

O surgimento de grupos ativistas como o Black Power e o mais expressivo deles o *Black Panthers*, apoiados inclusive por setores da juventude branca, como as organizações universitárias concentradas na *Student for a Democracy Society* (SDS), e o Comitê Norte-Americano pela Não-Violência, organizaram manifestações contínuas que eram violentamente reprimidas pela polícia, provocando prisões e mortes de milhares de jovens que cada vez mais colocavam em dúvida o caráter democrático de seus governantes.

Apoiados por lideranças negras como o pastor Martin Luther King, que viria a ser assassinado em 04 de abril de 1968, e por setores do Partido Democrata, que elegeu como presidente John Fitzgerald Kennedy em 1961, conseguiram a aprovação da Lei dos Direitos Civis em 02 de julho de 1964. Nos episódios que antecederam e que consolidaram as liberdades civis para as comunidades negras americanas, a juventude envolvida com o movimento contracultural teve participação ativa denunciando a violência dos aparatos de segurança do Estado, a arbitrariedade das autoridades e a manipulação da mídia conservadora, bem como questionando a estrutura legal que apenas beneficiava a população branca.

Observamos que tanto os *hippies*, quanto os *beat* e os *hipsters* eram vistos como pessoas não-harmônicas em relação a sociedade tradicional, ou se comportavam de uma maneira que causava estranheza, seja em suas vestes ou na própria maneira de encarar suas vivências.

Parafraseando Roszak, podemos perceber que ele defende a ideia de que uma das características notórias da vida humana é o conflito das gerações e faz uma analogia dos jovens que se rebelam da passividade da sociedade com os centauros no Templo de Zeus em Olímpia, os quais, alcoolizados e irados, irrompem as festividades civilizadas em andamento. Contudo, Apolo, o guardião da cultura ortodoxa, adianta-se para admoestar os intrusos e afugentá-los. A imagem é forte, pois lembra aquilo que será sempre uma experiência terrível na vida de qualquer civilização, que é a desagregação radical da cultura, o choque de irreconciliáveis concepções de vida. Mas, nem sempre a contenda é vencida por Apolo. (ROSZAK, 1972, p. 54-55)

O autor dá margem interpretativa de que o movimento que possui uma grande adesão dos

jovens pode obter êxito. Para isso, ele tem que ser contrário a passividade encontrada, inclusive, em camadas sociais que possivelmente teriam vocação para grandes revoluções, como é o caso dos operários, conforme defendeu Karl Max. Segundo Roszak, assim que é atendida as suas reivindicações, os operários voltam a exercer papel parecido ao que exerciam anteriormente aos seus movimentos contestatórios. Seguindo essa argumentação, o autor reflete sobre a alienação pressentida no seio da sociedade:

[...] não se trata de alienação naquele sentido puramente institucional em que o capitalismo (ou, aliás, qualquer economia industrial desenvolvida) tente a alienar o trabalhador dos meios e dos frutos da produção; e sim a alienação com o amortecimento da sensibilidade do homem para com o homem, um amortecimento que pode insinuar-se até mesmo naqueles movimentos revolucionários que com as melhores intenções humanitárias tentam eliminar os sintomas externos de alienação. Onde quer que elementos não-humanos – seja doutrina revolucionária ou bens materiais – assumem maior importância que a vida e o bem-estar humanos, temos a alienação entre os homens, e abre-se o caminho para a farisaica utilização de outras pessoas como simples objetos (ROSZAK, 1972, p. 68)

O autor também salienta o papel que a ideologia pode exercer sobre o indivíduo, anulando-o como cidadão reflexivo e fazendo-o, muitas vezes, agir com violência, como se fosse uma mera ferramenta que defende um ideal, subordinando suas necessidades mais profundas:

A questão a que os estudantes se dirigem, com seu apreço sentimental a “amor”, “solidão”, “despersonalização”, contrasta vividamente com o estilo mais doutrinário de muitos de seus predecessores radicais. Na época da guerra civil espanhola, há uma geração, Harry Pollitt, o líder do Partido Comunista Britânico, podia em sua consciência dizer ao poeta Stephen Spender que ele devia ir para a Espanha morrer: o partido precisava de mais artistas martirizados para fortalecer sua imagem pública. Isto é política ideológica – a subordinação total da pessoa a partido ou doutrina (ROSZAK, 1972, p. 69)

Contudo, a ideologia da contracultura busca um melhoramento constante do ser individual para que a melhora venha refletir na sociedade, ou seja, para que ele esteja bem adaptado à comunidade em que vive é necessário que primeiramente, ele esteja adaptado a si mesmo, e essa harmonia se dá ao nível interno. Não basta simplesmente morrer por um ideal e sim ter vivido uma vida de maneira harmônica e em harmonia com um mundo também harmônico.

Ao comentar sobre uma das grandes figuras do movimento de contracultura, Maciel deixa no ar a necessidade da harmonia entre corpo-mente para o melhoramento da forma com que se vê a sociedade, pois ele opina que um dos grandes segredos de Norman Mailer é a maneira corajosa com que o mesmo pensa. Ele não se restringe a raciocinar dentro das estruturas estabelecidas da

razão analítica ou da razão dialética. O pensamento, para ele, é uma exploração nos territórios ocultos da mente, uma viagem ao desconhecido ou uma aventura, se assim preferirem (MACIEL, 1973, p. 42)

Ainda relativo à dimensão psicológica do indivíduo, Roszak privilegia em seus estudos dois dos maiores teóricos de todos os tempos: Karl Marx e Sigmund Freud, e o faz para melhor aprofundar posterior estudo sobre a dialética de libertação. É elucidada a dinâmica existente entre a psique humana e a classe social:

Ao hierarquizarmos as duas realidades, o que está em jogo é a natureza da consciência humana e o significado de libertação. Embora tanto Marx como Freud afirmassem que o homem é vítima de uma falsa consciência da qual deve livrar-se para que se realize, seus diagnósticos basearam-se em princípios muito diferentes. Para Marx, o que está oculto à razão é a realidade exploradora do sistema social. A cultura – a “ideologia”, no sentido pejorativo da palavra – intervém entre a razão e a realidade a fim de encobrir a atuação do odioso interesse de classe – muitas vezes através de um deliberado processo de lavagem cerebral. Contudo, Marx acreditava que um “socialismo científico” pudesse por fim romper essa fraude e transformar a realidade social que ela disfarça. Para Freud, o que está oculto à razão é o conteúdo do inconsciente. O papel da cultura na fraude não é o de uma máscara que esconda a realidade social, e sim o de uma tela na qual a psique se projete num vasto repertório das “sublimações”. Será a razão humana capaz de vir a compreender a fonte reprimida dessas ilusões culturais e de aceitá-la com ela? À medida que envelhecia numa civilização cuja tendência à auto-destruição patenteava-se cada vez mais, Freud tornava-se pessimista com relação a essa possibilidade (ROSZAK, 1972; p. 94-95)

Dessa maneira, podemos ver que o movimento da contracultura reaproveita muitos estudos renomados feitos por importantes teóricos. Contudo, a reflexão faz com que os mesmos sejam reelaborados, visando uma melhor harmonia do ser social com sua sociedade e primordialmente, consigo mesmo.

Quando falamos em contracultura nas décadas de 60 e 70, uma das primeiras imagens que podem vir a nossa mente é a do *hippie*, com suas vestimentas características, cabelos compridos e ar de tranquilidade, vivendo em liberdade, por se sentir mais livre em relação às regras sociais ou ao que Freud chamou de superego, ou seja, o olhar social sobre o indivíduo. Contudo, para se estar livre é necessário passar por um processo de libertação e isso foi enfocado, principalmente nos estudos de Herbert Marcuse e Norman Brown, em sua “Dialética da libertação”, Roszak analisa o papel que ambos representaram nessa questão:

Ademais, o tom em que Marcuse e Brow falam de libertação é distintamente não-marxista. Para Marcuse, a libertação é consecução de uma “racionalidade libidinal”; para Brow é a criação de um “senso erótico da realidade”, um “ego dionisíaco”. Quando

procuram elucidar esses ideais, ambos tornam-se necessariamente rapsódicos, recorrendo à imagística do mito e da poesia. Ferem assim uma nota que tem faltado ostensivamente na literatura da ideologia social e sobretudo na literatura das ciências sociais. A maioria de nossos cientistas sociais encara a introdução da visão poética em seu trabalho quase da mesma forma que um monge virtuoso consideraria a possibilidade de hospedar uma meretriz no mosteiro. Para a contracultura, porém, é indiscutível que os poetas têm percebido a verdade melhor que os ideólogos, que as visões são mais importantes do que a pesquisa (ROSZAK, 1972; p. 106/107).

Contudo, a libertação que Marcuse e Brow defendiam não era a chegada ao poder daqueles que estavam em uma posição de discriminação, pois aqueles que acreditam que a libertação do homem possa ser realizada através de um efetivo golpe revolucionário, pela mera troca de uma elite corrupta por uma outra bem intencionada, estão cortejando aquele “elemento de autoderrota” que Marcuse vê em todas as revoluções do passado (ROSZAK, 1972; p. 102).

Esse raciocínio nos faz reportarmos a alguns eventos de caráter político histórico como foi a chegada do poder da classe operária na Rússia e a formação da URSS. Aqueles que conseguiram a posição de mandatários acabaram assumindo uma posição ditatorial, submetendo a vontade de muitas pessoas como um direito fundamental para o exercício da criatividade humana que é a liberdade de expressão.

Vale frisar a importância que tiveram as reflexões de Marcuse, inclusive sua participação ativa nos acontecimentos relacionados ao movimento estudantil de Maio de 68, tanto na Europa quanto nos EUA, eventos estes que colocaram em cheque toda a estrutura acadêmica que até então parecia consolidada e inviolável.

Em Paris (Nanterre, Sorbone entre outras), na Califórnia (Berkeley), na cidade do México, em Berlin, em São Paulo e Rio de Janeiro, assim como em várias outras cidades do mundo, os movimentos de estudantes contestando as estruturas das Universidades e os próprios sistemas de educação em vigor que atendiam aos interesses dos setores mais conservadores da sociedade, tomam proporções alarmantes para as autoridades e para os Estados, que, apesar de toda a repressão, toda a violência, são obrigados a reconhecer que uma nova realidade social estava se delineando e que muito deveria ser mudado ou ajustado para atender os anseios de todos os segmentos da sociedade.

O movimento da contracultura deu visibilidade e expressão não apenas aos setores organizados e contestatórios da juventude, mas valorizou os artistas como seus porta-vozes, como um mecanismo hedonista de mostrar seus valores, suas angústias, suas esperanças. Assim, a

contracultura encontrou nos diversos segmentos das artes, mas principalmente na música, os maiores divulgadores do movimento.

Nesse sentido, é necessário que retomemos alguns estudos acerca da indústria cultural, feitos com maestria na publicação *A dialética do esclarecimento*, de Theodor Adorno e Max Horkheimer. Podemos observar que o conceito de Indústria Cultural provém do texto homônimo desses autores, ambos da Escola de Frankfurt, que foram movidos tanto pelos horrores da experiência nazista alemã, como pela democracia de massa dos Estados Unidos, influenciados diretamente pelos escritos de Sigmund Freud e Karl Marx.

Os representantes da Escola de Frankfurt alertam para o estado de degradação da cultura em uma indústria de diversão que age sobre o prazer e a sensibilidade do público, ocasionando o fetiche do consumo de obras banalizadas, que nada mais são do que simulacros, “fórmulas esvaziadas” de produções autênticas (variando na aparência, mas não em sua lógica ou conteúdo). Assim o que estará aí não será mais do que sua parte mais superficial como se fosse uma casca: o estilo, ou seja, a coerência puramente estética que se esgota na imitação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985 apud KRÜGER, 2010, p. 142).

O movimento de contracultura nos anos 60 buscava uma forma de divulgação que não estivesse adaptada aos interesses capitalistas, pois viam essas formas tradicionais como um reflexo do sistema dominante. Não seria coerente para os meios de comunicação de massa que surgissem formas de expressão que fossem contrárias aos interesses existentes nesse meio. O movimento da contracultura conseguiu, de maneira gradativa, alcançá-los e atingiu um grande público através da mídia escrita, de manifestações artísticas, como a música, principalmente o *rock and roll*, as artes plásticas, a literatura e até a religião.

No que diz respeito à música, sem dúvida, tornou-se a maior fonte de expressão do movimento, principalmente a partir de meados da década de 1960, quando na região da *Bay Area*, em San Francisco, começaram a emergir grupos e cantores e cantoras de *Rock*, movidos não apenas pelo prazer de viver hedonisticamente com sua arte, mas pelo consumo amplo e variado de drogas, algumas conhecidas e utilizadas há muito tempo, outras recém descobertas.

Diversos músicos e grupos passaram a se apresentar com frequência cada vez maior para um número sempre crescente de jovens que se dirigiam, temporária ou definitivamente para San Francisco, tocando um rock inovador, transgressivo, que permitia a liberdade de expressar em

palavras e movimentos. Músicas falando de política e das ansiedades que pairavam sobre a juventude ganhavam cada vez mais uma “roupagem” sonora e cenográfica, criando novas possibilidades de manifestações e de sociabilidade, essencialmente democráticas e solidárias.

No mesmo sentido, do outro lado do Atlântico, mais precisamente na Inglaterra, um movimento de rebeldia contra o conservadorismo da sociedade estava se manifestando através da música. Os Beatles faziam um sucesso estrondoso com suas músicas que atingiam em cheio os adolescentes. Mas outros grupos e músicos desafiavam uma estrutura social arcaica e repressora, desdenhando de seus valores, como *The Who*, *Rolling Stones*, *Eric Clapton* entre muitos outros. E com uma qualidade musical que logo seria reconhecida por todo o mundo.

Ainda nos EUA, uma figura começa a se destacar com composições poéticas e de caráter político, numa trajetória que se iniciara no princípio da década, mas que em meados dos anos 60 se transforma em referência para toda a comunidade contracultural. Era Bob Dylan, com sua música e com sua atitude frente às questões mais contundentes da sociedade, emitindo suas opiniões sem meias-palavras, repercutindo um novo modo de pensar, de agir, e de se engajar nas lutas de seu tempo. Sem dúvida, passou a ser o grande guru de uma juventude que buscava por ídolos que pudesse estar ao seu lado nos momentos mais conflitantes e prazerosos. Peguemos como exemplo a música *Like a Rolling Stone*, de 1965, que aqui apresentamos sua tradução:

Houve uma época que você se vestia tão bem
 Você atirava centavos pros mendigos no seu auge, não é?
 Pessoas chamavam e diziam: Tome cuidado boneca, você está propensa a cair!
 Você pensava que todos estavam brincando com você
 Você costumava rir disso
 Todos com quem você saia
 Agora você não fala tão alto
 Agora você não parece tão orgulhosa
 Em ter de pechinchar sua próxima refeição
 Qual é a sensação?
 Qual é a sensação?
 De ficar sem um lar?
 Como um total desconhecido?
 Como um andarilho?
 Ah você frequentou os melhores colégios, tudo bem Senhorita Solitária
 Mas você sabe que só aproveitava disso para se embriagar
 Ninguém jamais te ensinou como viver lá fora na rua
 E agora você vai ter de se acostumar com isso
 Você diz que nunca se compromete
 Com o misterioso mendigo, mas agora você percebe
 Ele não está vendendo nenhum álbi
 Enquanto você olha dentro do vazio de seus olhos

E diz: 'você quer fazer um acordo?'
 Qual é a sensação?
 Qual é a sensação?
 De estar por conta própria?
 Sem um rumo pra casa?
 Um total desconhecido?
 Como um andarilho?
 Você nunca se virou para ver o olhar com desdém dos malabaristas e palhaços
 Quando eles faziam truques para você
 Você nunca entendeu que isso não é bom
 Você não deve deixar que outras pessoas levem seus pontapés por você
 Você costumava andar no cavalo cromado com seu diplomata
 Que carregava em seus ombros um gato siamês
 Não é duro quando você descobriu que
 Ele realmente não estava onde estava
 Depois dele ter tirado de você tudo o que ele poderia roubar
 Qual é a sensação?
 Qual é a sensação?
 De estar por conta própria?
 Sem um rumo pra casa?
 Como um total desconhecido?
 Como um andarilho?
 Princesa na torre e todas as lindas pessoas
 Estão todos bebendo, pensando que já têm a vida ganha
 Trocando todos os presentes valiosos, mas é melhor você pegar seu anel de
 diamante
 É melhor você penhorá-lo, querida!
 Você costumava ser tão entretida
 Pelo Napoleão vestido em trapos e pela linguagem que ele usava
 Vá até ele, ele te chama, você não pode recusar
 Quando você não tem nada, você não tem nada a perder
 Você está invisível agora, você não tem segredos para esconder
 Qual é a sensação?
 Qual é a sensação?
 De estar por conta própria?
 Sem um rumo pra casa?
 Como um total desconhecido?
 Como um andarilho?

A canção que influenciou muitos jovens daquele tempo, faz uma crítica a sociedade pautada pelo dinheiro, onde narra a derrocada de uma mulher abastada que agia de maneira esnobe perante os menos afortunados, entretanto acaba tornando-se um deles.

Será nesse universo musical que se destacarão alguns dos momentos mais simbólicos e expressivos da contracultura na segunda metade dos anos 1960. E o ano de 1967 foi marcante nesse processo. Em *Haight-Ashbury*, bairro de San Francisco que se tornou o reduto e a referência para a comunidade contracultural, abrigando jovens oriundos dos mais diversos lugares dos EUA, e até mesmo de outros países, um estilo novo de viver tomava corpo e colocava as autoridades em

polvorosa.

O número crescente de moradores, movidos pelo consumo de drogas em grande quantidade e sem a repressão dos órgãos de segurança, visto que não existiam leis que as proibissem, podiam contar com toda uma infraestrutura alternativa de vida, como atendimento à saúde gratuito, transporte coletivo, jornais e revistas que eram produzidos e consumidos pela comunidade. Também contavam com a ajuda de grupos de voluntários como os anarquistas *Diggers*, que com a contribuição dos comerciantes locais serviam comida todos os dias a todos aqueles que não tivessem recursos para se alimentar. Também existia uma efervescente vida cultural, e muitos shows de rock.

Naquele ano, artistas que tinham ligações com o *Haigh-Ashbury* e outros de Nova York, criaram o Festival de Monterrey em San Francisco, dando início ao que ficou conhecido como o “verão do amor”. Ao longo do ano, milhares de jovens se dirigiam para a Califórnia, e mais precisamente para a comunidade de Haigh-Ashbury, o que provocou sérios problemas, pois a comunidade não estava preparada e nem queria a interferência de um número tão grande de pessoas “alienígenas” em sua vida cotidiana. Nesse festival apareceu para o mundo dois personagens que se tornariam grandes ícones da contracultura e da cena artística mundial: Jimi Hendrix e Janis Joplin.

Ainda em 1967, os Beatles lançaram aquele que foi seu melhor e mais importante disco, *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, que se tornou um ícone da música contracultural. Outros grupos desde 1965, pelo menos, vinham apresentando obras que se destacavam do cenário fonográfico hegemônico, como o *The Doors* de Jim Morrison, que além de musicalmente mostrar algo inovador, tinha composições com letras de grande qualidade literária, expressando a filosofia contracultural daquele momento.

Mas *Sgt Peppers*, até por ter sido lançado dentro do esquema capitalista de produção/distribuição fonográfico, com músicas, letras, acordes, harmonias, instrumentos e capa totalmente inovadores, e por ter sido gravado por seus componentes Lennon, McCartney, Harrison e Star sob efeito de muita droga alucinógena (o LSD havia se tornado combustível e companheiro constante da banda naquele período) revolucionou a música jovem e principalmente se tornou marco no *rock'n roll*.

Nesse mesmo ano, vale lembrar, o grupo britânico canta “*All you need is Love*” para quase

meio milhão de pessoas na TV, via satélite, contribuindo ainda mais para o que ficou conhecido como o “verão do amor” e do “*flower power*”.

Passado o “verão do amor”, a contracultura ganhou visibilidade em todo o mundo, mas a guerra no Vietnam continuava, assim como os protestos e as campanhas contra ela. E em 1969 aconteceria aquele que é considerado o maior festival de música de todos os tempos, o Festival de Woodstock. Mais de 500 mil pessoas de todas as partes dos EUA se deslocaram para uma fazenda em Bethel, no Estado de Nova York, para três dias de paz e amor e com os mais importantes e expressivos músicos daquele momento. Após enfrentarem congestionamentos fenomenais, falta de comida, chuva, mas nenhuma repressão, a apoteose se deu com Jimi Hendrix tocando o hino dos EUA em sua guitarra ao raiar do sol de um novo dia.

Para quem achava que um novo mundo de paz e amor estava se concretizando, entretanto, a realidade que se descortinava ao final daquele ano, expressa no Festival de Altamont, onde The Rolling Stones se apresentou para milhares de jovens, foi totalmente outra. Ali, com um resultado final patético, composto de inúmeras brigas e quatro mortes, ficava claro o que dizia John Lennon: “o sonho acabou”.

Respeitando a variação da contracultura em diferentes contextos geopolíticos, podemos ver que a forma artística e irreverente com que ela alcançou um grande público, era algo que era externalizado graças à sublimação dos impulsos instintivos que ocorriam nesses artistas.

Embora o movimento de contracultura pregasse a liberdade de expressão, temos que levar em conta que, em alguns lugares do mundo, aqueles que transgredissem as regras de “civilidade”, corriam o risco de perder a liberdade ao dar voz a seus pensamentos. Paradoxo maior pode ser encontrado no Brasil, onde o regime militar implementou, principalmente após os Atos Institucionais nº 5 (mais conhecido como AI – 5), uma política de repressão à liberdade de expressão. Todos aqueles que manifestassem em aberto a aversão ao regime vigente no país, era considerado um subversivo, correndo sério risco de perder não apenas a liberdade, mas também a vida. No próximo capítulo, serão expostos em maiores detalhes alguns aspectos da contracultura no âmbito nacional, onde poderemos observar que no Brasil foi necessário algo a mais para que tal movimento viesse a se manter.

2 SEGUNDO CAPÍTULO: ECOS CONTRACULTURAIS NO BRASIL

O Brasil, embora sendo considerado um país subdesenvolvido, não ficou alheio ao movimento de contracultura que se desenrolava na década de sessenta. Assim como nos EUA, o país enfrentava problemas semelhantes aos dos norte-americanos, dentre os quais, o crescente consumismo por parte da classe média. Mas também tinha graves questões sociais a serem resolvidas como o desemprego, o sistema de saúde deficitário, o precário sistema educacional, os altos índices de violência, a insegurança e a questão da terra.

Os efeitos da crise norte-americana no início da década de 1970 se alastraram por diversos países, e o Brasil não foi exceção. Contudo, um detalhe fez com que o movimento de contracultura viesse a ter que se adaptar à realidade brasileira: a vigência de uma ditadura militar que se iniciou em 1964.

2.1 Sob a ditadura

Para entendermos melhor esse período da história brasileira marcada pela crescente repressão e pelo crescimento econômico acelerado, promovido ao custo de um aumento exponencial da dívida externa nacional brasileira que iria impactar diretamente o futuro das próximas gerações, faz-se necessário entendermos o período anterior em que o golpe militar ocorreu. No livro *Brasil Nunca Mais*, que trata do estado de repressão e torturas que marcaram os chamados “anos de chumbo” do regime militar, observamos que:

O embrião do Golpe Militar de Estado de abril de 1964 começava a tomar corpo. O equilíbrio ambíguo do governo constitucional de Vargas, de 1950 a 1954, terminou por lhe ser fatal, pois nem se amoldava aos interesses dos monopólios estrangeiros, que crescentemente avassalavam a econômica brasileira, nem ousava estimular abertamente a participação popular para impor medidas nacionalizantes. Assim, os planos para depô-lo novamente já se encontravam em pleno andamento, comandados por chefes militares, quando foram travados pelo gesto dramático do seu suicídio, no dia 24 de agosto de 1954. O ato inesperado desencadeou enérgicas manifestações populares em todo o país, dirigidas contra símbolos da presença do capital norte-americano no Brasil. A indignação popular amedrontou a direita militar, que se viu obrigada a interromper sua conspiração e aguardar nova oportunidade (*In Brasil Nunca Mais*, 1985, p. 57).

Esse “aguardar uma nova oportunidade” não foi uma espera passiva, pois no governo do novo presidente empossado em 1956, Juscelino Kubitschek, que se notabilizou pelo avanço econômico e a construção da nova capital brasileira (Brasília), o país viveu momentos conturbados. Após o fim do mandato de JK, com a ascensão de Jânio Quadros, o fenômeno do populismo teve rápida ascensão, com um governo marcado pelo autoritarismo no plano interno e aberto na política internacional. Com sua renúncia, seu vice João Goulart, herdeiro do nacionalismo getulista, contava com forte apoio popular, contudo, teve seu nome impugnado por três ministros militares. Contrário a esse acontecimento, houve uma ampla mobilização em todo o país. Com receio da eclosão de uma guerra civil, os militares recuaram mais uma vez, impondo, no entanto, o estabelecimento do parlamentarismo, que limitava os direitos do presidente.

De 1962 a 1964 ocorreu rápido crescimento das lutas populares, o que ocasionou um plebiscito no qual Goulart conseguiu uma vitória esmagadora, derrubando o regime parlamentarista impingido pelos militares. Com o aumento da mobilização popular, o poderio das elites estava ameaçado, e o esquema golpista, estimulado abertamente pela CIA, agência central de inteligência dos Estados Unidos, que temia a ascensão ao poder do comunismo, pois se estava no auge da “Guerra Fria”, e são lançados os preparativos finais para o seu desenlace, que era pressentido pela população que se mobilizou em uma gigantesca manifestação no Rio de Janeiro:

De crise em crise, chega-se ao comício de 13 de março, quando uma concentração de mais de 200 mil pessoas, em frente à estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, no Rio, comandada por Goulart, na presença de todo seu ministério e vários governadores, aclama algumas das Reformas de Base assinadas ali pelo presidente. Tal comício era uma demonstração de força realizada como tentativa de paralizar a sedição, já em público andamento. É um momento muito forte, mas que não deixa saldo organizativo para um enfrentamento concreto. E leva os generais a marcarem a data para a ação (*In Brasil Nunca Mais*, 1985, p. 59).

No dia 1º de abril de 1964, é vitoriosa a ação dos golpistas, com quase nenhuma resistência. Era notório que o movimento nacionalista e popular, embora com grande poder mobilizador, não tinha forças suficientes para enfrentar o poderio das armas dos militares, ainda que houvesse muitos que se dedicassem ao movimento de guerrilhas, sempre fortemente combatido. Com o governo militar o país passa por profundas transformações e é marcado pelo autoritarismo, e pela falta de liberdade de expressão, principalmente após o lançamento do AI – 5

(Atos Institucionais), que caça o mandato de opositores ao regime militar e retira a estabilidade dos funcionários públicos.

Os presidentes passam a ser escolhidos indiretamente, e o primeiro a chegar ao poder é Castelo Branco que, embora em seu pronunciamento de posse tenha declarado que iria defender a democracia, assumiu uma posição autoritária, dissolvendo inclusive os partidos políticos existentes, estabelecendo no país o bipartidarismo: de um lado o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), do outro a ARENA (Aliança Renovadora Nacional). O primeiro representava uma oposição com grande controle, e o segundo era o partido dos militares.

Após Castelo Branco, sucederam-se mais quatro presidentes: Costa e Silva (1967-1969), Emilio G. Médici (1969 – 1974), Ernesto Geisel (1974-1979) e por fim João B. Figueiredo (1979-1985); valendo destacar que ocorreu um governo de junta militar no momento em que Costa e Silva adoeceu. Essa junta (31/08/1969 até 30/10/1969) foi formada pelos ministros Aurélio de Lira Tavares (Exército), Augusto Rademaker (Marinha) e Márcio de Souza e Melo. Foi neste governo que foi decretada a Lei de Segurança Nacional, que punia severamente casos de “guerra psicológica adversa, ou revolucionária, ou subversiva.”

Em meio ao clima de aguda repressão, os mesmos jovens a que Roszak caracteriza de serem descontentes e com grande capacidade de aderir a movimentos de contestação, se organizaram no país na tentativa de derrubar a ditadura militar. Se articularam principalmente por intermédio do movimento estudantil (ME).

Segundo Capellari o ME, principalmente nos anos sessenta, esteve vinculado às lutas ideológicas sobre os destinos nacionais e de sua inserção no espectro mais geral da “Guerra Fria”. Do princípio dos anos sessenta à extinção da União Nacional dos Estudantes (UNE) em outubro de 1964, o ME participou ativamente de projetos que extrapolavam questões acadêmicas, assumindo dentre outros aspectos a luta por uma cultura nacional e popular. Com o fechamento dos sindicatos e a extinção dos antigos partidos, o ME se constituiu de 1964 à 1968, na única entidade sem o controle governamental, organizada nacionalmente (CAPELLARI, 2007; p. 34).

Com o apoio do movimento por outros setores sociais descontentes ao regime, ocorria um deslocamento da opinião pública que passa a apoiar e aplaudir os estudantes. Capellari também foca que o movimento estudantil buscava uma mudança a nível pacífico, mas com a repressão

acirrando, chegando a haver mortes e conflitos intensos com a polícia, ocorreu a organização da luta armada, organizando-se em guerrilhas, que aos poucos foi desmantelada pela repressão (CAPELLARI, 2007, p. 38).

Neste meio tempo, assim como ocorria em outros países, uma parcela dos jovens se afastou das batalhas campais e seu enfrentamento direto contra a ditadura, optando pela recusa contracultural:

Na verdade, foi uma geração, como eu costumo dizer, que se trifurcou, no Brasil. Uma parte dela, após o AI-5, quando a ditadura se transformou em ditadura total, foi para a luta armada, para a clandestinidade; outra parte resolveu ir fundo na questão da contracultura, procurando criar um universo à parte, em que fosse possível viver: foram as comunidades rurais, o uso de drogas, sobretudo alucinógenas, como o LSD. As pessoas passaram a viver juntas em comunidade, pequenas famílias, tentando não ler jornal, sair daquela realidade, sair daquele bode, como se dizia na época. Foram as pessoas que se tornaram hippies. E houve um terceiro segmento daquela geração, que acabou rapidamente se integrando àquilo que o sistema oferecia (SYRKIS apud CAPELLARI, 2007, p. 38).

Ocorria naquele contexto o que chamavam de “desbunde”, que era o abandono do movimento de militância para passar a viver hedonisticamente, ou seja, o indivíduo “desbundava”.

Segundo Capellari, para uma geração que se formou na luta contra a ditadura, tendo como padrão revolucionário o exemplo de Cuba, principalmente o de Ernesto Che Guevara, que sacrificou sua própria vida pelos ideais de um “novo mundo”, o movimento de contracultura parecia para muitos como uma covardia: “Alex e eu, os ‘velhos bolcheviques’ fingíamos compreensão, mas no fundo desprezávamos esta fraqueza, esta incapacidade de fazer jus ao papel histórico reservado a nossa geração”, pensava Syrks anteriormente a sua “conversão”, seguindo com proximidade as diretrizes do movimento armado, pois “a organização desaconselharia o contato com ‘áreas de desbundados’, gente que abandona a luta pra ficar em casa puxando maconha” (CAPELLARI, 2007, p. 39).

2.2 Revolução nos costumes

Na segunda metade dos anos sessenta, a revolução dos costumes difundidos com a industrialização do país e uma tendência a adaptar-se ao sistema tecnocrático de produção, fez

com que ocorresse uma mudança do comportamento das pessoas que caminhava paralelamente à participação das mesmas, de maneira direta ou indireta, nos debates políticos que marcaram o período. Debates que traziam à luz as mazelas provocadas pela ditadura militar, e publicações que alimentavam culturalmente esse período, conforme enfoca Ventura:

Na verdade, a geração de 68 teve com a linguagem escrita uma cumplicidade que a televisão não permitiria depois. O boom editorial do ano indica um tipo de demanda que passava por algumas inevitáveis futilidades, mas se detinha de maneira especial em livros de densas idéias e em refinadas obras de ficção. Nas listas de Best-sellers, convivem nomes como Marx, Mao, Guevara, Débray, Lukács, Gramsci, James Joyce, Herman Hesse, Norman Mailer e, claro, Marcuse (VENTURA apud CAPELLARI, 2007, p. 41).

Junto ao contexto dos “anos de chumbo” ocorreu a criação da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), pois o governo pretendia aumentar a “integração nacional” do país e no mesmo ano (1965) entra em funcionamento a TV Globo. Contudo, a televisão só veio a se tornar um meio privilegiado de formação de opinião na década seguinte, com a transmissão via satélite.

Marcos Napolitano e Mariana Martins Villaça observam que o tropicalismo tinha um proceder singular, ao incorporar, com intenções de crítica, os impasses e problemas ocasionados pela modernização da sociedade brasileira que se adequava com o modelo consumista dos norte-americanos, que como vimos, apoiaram abertamente o golpe militar, contando com o apoio de canais abertos como a TV Globo e a TV Record:

O Tropicalismo se beneficiou das próprias clivagens da indústria cultural que ele ajudou a problematizar [...]. Ao problematizar o consumo da canção (e a canção enquanto consumo), o Tropicalismo abriu um leque de novas possibilidades de escuta, que a diretriz ideológica do nacional-popular, já em crise com o gênero reconhecível pelo público, não mais comportava. Enquanto legado para a música popular, o Tropicalismo ajudou a incorporar tanto o consumo do material musical recalcado, pelo gosto da classe média intelectualizada, como o do ruído, do exagero e arcaísmos colocados lado a lado, em valor, aos sussurros e às sutilezas expressivas desenvolvidas pelas tendências socialmente mais valorizadas da música popular (NAPOLITANO; VILLAÇA apud KRÜGER, 2010, p. 144).

Assim mesmo o país passava por grande efervescência cultural e um dos exemplos mais marcantes foi o surgimento do movimento que ficou conhecido como *Tropicalismo* em 1967, que

causou estranhamento em função de seu caráter inovador, que se utilizava de uma linguagem metafórica para não ser atingido pela censura do regime militar.

Mesmo que viesse a ter uma vida curta, o movimento abriu as portas da contracultura, movimento com o qual se identificava e se nutria:

Em 67/68, quando o tropicalismo desenvolvia a sua breve e contundente trajetória, chegavam ao Brasil os ecos das atividades do underground norte-americano. Algumas de suas práticas foram imediatamente absorvidas pelo tropicalismo, com um dos elementos de sua mistura antropofágica. Mas somente a partir de 69, quando o AI-5 o movimento tropicalista se extinguiu, começa a tomar corpo uma “contracultura” que aliás, vai tomar a atividade tropicalista como uma das referências de suas ações. A idéia de marginalidade e agora mais explícita, pois implica a saída para fora do sistema. A ênfase na ritualização, no culto do corpo, nas drogas, no orientalismo, na vida comunitária, na sexualidade aberta, no rock, aparecem como caminho para a expressão do inconformismo dos jovens (FAVARETO apud CAPELLARI, 2007, p. 44).

Conforme depoimentos de *Syrkis*, as pessoas no contexto da ditadura brasileira ficaram divididos em três grupos, e aqueles que não aderiram à guerrilha ou ao sistema governamental dos militares foram chamados de “desbundados” e romperam com padrões comportamentais da época, como nos mostra Dias:

Nesse andar da carruagem chegamos até 68, 69 e, nos 70, tão instantaneamente como se alguém girasse o botão no dial do tempo, a subjetividade entrou na moda. A partir daí só havia duas possibilidades para os inconformados de então: fazer guerrilha urbana como uma resposta desesperada; ou *desbundar* como uma saída para não *pirar* (DIAS apud CAPELLARI, 2007, p. 44-45).

Ao lado do movimento tropicalista, liderado por Gilberto Gil e Caetano Veloso, os jovens tinham seus pontos onde, como um santuário, faziam suas peregrinações e adequavam suas vidas às comunidades alternativas rompendo com a vivência tradicional, em busca de paz e em contato com a natureza. Essas comunidades em geral, se concentravam no sul de Minas Gerais, na Chapada dos Veadeiros (GO), na Chapada Diamantina (BA), na Serra da Bocaina (SP) e no Planalto Central. Essas comunidades tentavam viver de maneira oposta ao que era propagado pelo *american way of life* difundindo o consumismo norte-americano. Viviam solidariamente, sem pompa, compartilhando os pertences de maneira humilde e coletiva.

2.4 Reconfiguração da Imprensa

Além da manifestação do movimento contracultural pela música, principalmente com o tropicalismo, ela também foi divulgada pela imprensa, também conhecida como imprensa alternativa que surgiu da articulação de duas forças compulsivas: de um lado o desejo das esquerdas de protagonizarem as transformações institucionais que propunham, e de outro lado, a busca de jornalistas e intelectuais por espaços alternativos em relação a grande imprensa que praticamente monopolizava os meios de comunicação. Na dupla oposição ao regime dos militares e às grandes limitações à produção intelectual-jornalística sob o autoritarismo, se encontrava o nexo de articulações entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos.

Uma das subdivisões dessa imprensa de caráter alternativo é denominada de “nanica”, que teve como inspiração o modelo *tablóide*, que foi adotado pela maioria dos jornais alternativos. Esses tablóides foram disseminados especialmente pelos publicitários, que por um curto período de tempo foram cativados por esses tipos de jornais. Não era algo depreciativo chamar tal imprensa alternativa de “imprensa nanica” pois era enfatizada uma pequenez atribuída pelo sistema a partir de sua escala de valores e não dos valores intrínsecos à imprensa alternativa (BARROS, 2003, p. 63).

Da mesma forma que o consumismo norte-americano influenciou o hábito dos brasileiros, o jornalismo do final dos anos 60 e princípios dos 70 recebeu influências da contracultura dos “yankees” e do *new journalism* ao abordar questões comportamentais e sociais, dotados de um “novo olhar” aberto às mudanças que ocorriam no mundo. Dessa maneira, surgiram novos conteúdos abordados da forma advinda da “nova visão”, assim como seu novo formato e uma nova estética. Opostos aos padrões de objetividade do jornalismo tradicional americano, permitia o exercício da subjetividade e vivência das situações durante a própria reportagem.

Nos EUA, a difusão do método *off set* facilitou o surgimento da imprensa *underground* dos anos 50 e 60, permitindo pequenas tiragens a baixo custo, nas próprias gráficas dos grandes jornais. No Brasil dos anos 70, esse método de impressão foi implantado pela editora Abril, que com seu sistema nacional de distribuição estimulou o surgimento de jornais alternativos portadores de projetos nacionais a partir da tiragem de 25 mil exemplares. O objetivo não era a concorrência e sim, o de redução dos próprios custos operacionais, apontando para a natureza

política e não mercantil dos meios jornalísticos alternativos (BARROS, 2003, p. 64).

A imprensa contracultural brasileira se concentrava nos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Belo Horizonte. Um dos trabalhos primordiais para a divulgação das ideias contraculturais foi a coluna *Underground* (1969-1972) de Luiz Carlos Maciel, veiculada no semanário *Pasquim*, do Rio de Janeiro. Ali, o filósofo e jornalista apresentava textos, informações, sugestões e teorias vinculadas à utopia iniciada pela geração *beat*, continuada nos anos 60, através dos festivais de *rock*, dos hippies, dos movimentos *underground*, bem como seus símbolos e reflexos ocorridos no Brasil. E, como no Brasil o autoritarismo limitava a expressão contestatória, a maioria dos textos eram a respeito do que acontecia no exterior (BARROS, 2003).

No mesmo contexto entre 1968 a 1974 e com curta duração, funcionando num esquema precário de produção e distribuição, havia outros jornais alternativos com um sentido, ao nível do discurso por eles veiculado, muito próximo do trabalho inicial de Maciel na coluna *underground*, tais como *A Flor do Mal*, *Rolling Stone*, *Bondinho* e *Novilouca*. Neles, houve a preocupação em veicular, discutir e experimentar textos ligados a contracultura, assim como todos os símbolos ligados à realidade política e social do Brasil. Uma das marcas presentes era que grande parte das publicações havia o misticismo como uma saída a ser explorada, com todos os decorrentes desvios em termos de discos voadores, mutantes, magias, cabalas, astrologias, alquimias e desígnios divinos (BARROS, 2003).

Com uma relativa diferença de tempo, também surge na cidade de Foz do Iguaçu uma imprensa alternativa, que nesta dissertação é exemplificada pelo fanzine *Mova-se Caralho*, ao qual nos dedicaremos a analisar no capítulo seguinte.

3 TERCEIRO CAPÍTULO: FANZINE PROBLEMATIZADOR *MOVA-SE CARALHO*

Ao deparar-se com o fanzine *Mova-se Caralho*, a primeira impressão que se tem é que não se trata de uma publicação considerada “tradicional” e “conservadora”, pois a mesma desenvolve múltiplos pontos de vista considerados alternativos através de suas imagens e textos, o que contribui para a construção de seu universo literário e identidade. Pelo título, *Mova-se Caralho*, podemos perceber o tom agressivo da publicação, assim como percebemos a relação entre palavra (Mova-se) e imagem (pênis) que se unem para compor com criatividade o título da publicação.

Essa nova força criativa, que surge no ano de 1987 em Foz do Iguaçu, precisou encontrar alternativas para se destacar no cenário alternativo da cidade. Cada uma das duas edições aqui analisadas teve um total de 1000 exemplares, cada um contendo 16 páginas fotocopiadas na cidade de Curitiba, onde havia melhores equipamentos que permitiam reproduzir com uma qualidade de nitidez superior se comparado aos resultados que obteriam com as máquinas fotocopadoras disponíveis na fronteira naquele momento. Isso possibilitou que os artigos com linguagem despojada e assumidamente agressiva, assim como outros conteúdos como poesias, hq's, cinema e as discussões sobre o cineclube tivessem, literalmente, uma melhor visibilidade entre os leitores.

Também não era tradicional a maneira como o *Mova-se Caralho* foi desenvolvido, pois não havia uma hierarquia formal de trabalho entre os editores e colaboradores, que compunham um ambiente informal de trabalho, onde cada um, em certa medida, contribuiu nos processos de escrita, confecção e distribuição do fanzine. Isso é relevante para entendermos o processo de produção, no qual, por meio de recortes de imagens selecionadas em outros materiais impressos, os editores do *Mova-se* transformavam as ideias iniciais presentes nos materiais “originais”, ao inserir as imagens selecionadas em uma combinação variada de colagens que unem e ressignificam essas imagens quando observadas em conjunto, criando novos significados a elas. Inseridas e misturadas a outros elementos que se unem dentro de um impresso de aspecto confuso,

os leitores sentem-se instigados a percorrer com os olhos todos os cantos do fanzine, onde encontram-se detalhes que podem contribuir para a construção dos possíveis significados interpretativos do fanzine.

Leyla Perrone nos lembra que a filosofia monocentrista vê a cópia do original como legítima e válida, enquanto desconfia do simulacro, que é considerado excêntrico e divergente, uma degradação, pois nega o original e a cópia. Essa visão idealista não caberia em um contexto de modernidade, no qual as hierarquias nas escalas de valores postas para qualificar o escritor e o crítico, o escrever e ler, tendem a desaparecer, resultando na desvalorização da mera cópia, pois esta é ausente de crítica. Já o simulacro, ainda que não legitimado, é liberado como nova força criativa quando as hierarquias desaparecem. (PERRONE, 1978, p. 18,19).

O fanzine aborda através de textos e imagens, temas como o hedonismo, a profanação do sagrado, sexo, drogas, música, cineclube, meio ambiente, orientalismo, contestação do sistema político e capitalista, tudo isso apresentado, geralmente, de maneira sarcástica e inusitada, mas sem a pretensão de “criar algo novo”.

Logo no início do editorial do primeiro exemplar nos deparamos com a sentença: “Irmãos. Chegamos. Aliás, estamos aqui há um bom tempo. Resolvemos ser originais. A originalidade é apenas uma imitação melhor que as outras”. Nessas linhas, os autores situam-se no tempo e espaço (estamos aqui há um bom tempo) e também lançam mão de reflexões ocasionadas por um tema que incita o pensamento de escritores em elaborações artísticas ao longo do tempo – a originalidade – assumindo uma postura rebelde e descompromissada com qualquer hierarquia autoral. Rebeldia essa que está refletida nos simulacros e bricolagens encontrados no fanzine em questão, mas também em outros fanzines que compartilham dessas mesmas características.

“Irmãos. Chegamos. Aliás, estamos aqui há um bom tempo. Resolvemos ser originais. A originalidade é apenas uma imitação melhor que as outras. Esse boletim sai hoje. O próximo sai amanhã. Esperem. Sabemos que produzir algo nessa cidade é uma merda maior. O cineclube é pra isso mesmo. A cidade vai continuar como está ou feder mais, é o que esperamos. Vamos invadir todos os espaços. Levaremos cinema, cultura & ejaculações precoces a todos. Não vai sobrar um. Bares, bairros, boites, escolas, favelas, igrejas e cadeias. Todos, sem distinção, vão entrar na dança. Podem levar o papagaio, a farofa e o baseadinho. Essa cidade precisa de acesso ao cinema independente. Vamos criar um polo cultural independente e alternativo, reunindo pessoas e interessados afins, para aprender a fazer cinema e talvez filmes. Vamos entrar na briga pela tal casa da cultura. É uma fudeção uma cidade como a esta não ter um local onde os artistas toquem punhetas e troquem palavrões. Meus velhos estão de saco cheio de tanta reunião na hora da novela. Precisamos de espaço. A arte está pela cultura como a cultura está pela arte e

vice-versa. É tudo abobrinha e estamos cansados disso. Vamos trazer os melhores filmes já rodados no Brasil e outros que vocês nunca viram. Abaixo a pornografia; não que sejamos contra, é que só tocar bronha - também enche o saco, ou melhor, esvazia e dá calo. Nisso nós temos experiência. Promoveremos encontros, festivais, cursos, palestras, orgias e bacanaís, tudo ligado ao cinema, claro. Vamos derrubar os enlatados americanos e as novelas da Globo. Menos a das oito que minha mãe adora. Todos os interessados em participar desse cineclube são bem vindos à bordo. Estamos de braços e pernas abertas. Esperamos fazer a cabeça da moçada. Damos preferência às mulheres e bichas. Às bichas são pros tempos de vacas magras. A tchurma da pastoral da juventude já está participando. Não discriminamos ninguém, traçamos todos. Procurem os redatores desse boletim. Telefonem ou deixem recado, sem baixaria no telefone, minha mãe é brava. Esperamos todos e aguardem.” (*Mova-se Caralho*, 1987, nº 01, p.2).

“EDI(TA)TORIAL

(uma punheta a quatro mãos)

Yeaaahh! Chega de masturbação, saímos de novo. D'agora em diante currando; no estupro ali da esquina use facas ramontina. Aos presentes (y ausentes) anunciamos/denunciamos que o absurdo está solto. O sentido não faz o menor sentido (ilógico-anti estético-antiarte-anti u... vocês sabem o que), noutra contexto: dadá. Já atraímos mais algumas cabeças pra guilhotina.

Es was dich só schön! (1)

(Nossa função EDUCARalho)

Close to you, baby. Além das overdoses públicas, do parque nacional & Cataratas. Foz é o maior retrô. Dia após outro todos simples mortais nesta vida besta. Já dizia Glauco Mattoso: num país onde o povo faz greve de fome em liberdade e cagar no horário de trabalho é a única maneira de imaginar que a nossa força de trabalho vale alguma coisa.

Usted quiere qui façamos o que?

Temos mais que sair arrebetando. Viva a insurreição, a desordem sócio-econômica, o caos político, a agitação do Rio e o quadris da nossa vizinha. Estamos sendo pixados de “terroristas culturais” pela esquerda (qui maldade). A esquerda é uma instituição do estado. Abaixo o estado, a família e a regulação da nossa empregada (essas domésticas). Estamos com muito trabalho e pouco ins-pirados. Está faltando alguma coisa. O que será?

Na jornada nacional de cineclubistas. He . he . he.. O pau no cú é foda, enquanto uma mínima fração pensa, o gado vota. Abaixo o meu umbigo, tudo é ambíguo. Stop to the máximas!

Surge again that questione: os elementos críticos (transcendentes da forma estética) serão operativos; a negação extrema, botando pra phoder! 'stamos colocando um caminhão de coisas neste zine.

(es sei wie os wolle) (2)

Faça qualquer coisa (enfie uma rosa no rabo), plante uma árvore, escreva um livro, forme um cineclube, tenha um filho, uma overdose. Sei lá meu, seja infeliz. A dimensão estética traz consigo a realidade interdita e reprimida.

Tamô di saco cheio

Qualquer dia damos uma de suicida. Pulamos d'um edifício e saímos voando por aí, chega de merda. Até mais ou nunca.

Disparos nas bocas

Somos uns chatos

Vendemos orgasmos por telefone ou reembolso

(1) *foi um prazer!*

(2) *Não importa o quê.”* (*Mova-se Caralho*, 1987, nº 02, p. 2).

Percebe-se que houve a preocupação em veicular, discutir e experimentar propostas que

levassem a um sentido pragmático de conclamação dos leitores para unirem-se em favor do projeto central que era o cineclube. Opostos aos padrões de objetividade do entretenimento televisivo “tradicional”, como os filmes e as novelas transmitidos nos canais abertos, os editores buscavam o exercício da subjetividade pela contemplação de filmes que pudessem afetar de maneira positiva os participantes do cineclube. Concomitante a isso, alguns símbolos ligados à realidade política e social do Brasil inseridos no fanzine, como a Rede Globo e a própria cidade de Foz do Iguaçu, eram expostos e os autores buscam a reflexão crítica, a desconstrução ou apenas a difamação desses.

Observamos o coloquialismo em relação à forma dos editores se expressarem ao tratar de temas relativos à homossexualidade, por exemplo, onde eles parecem buscar uma atitude de aceitação das diferenças. Entretanto, a maneira encontrada para isso se dá de maneira escrachada: “Estamos de braços e pernas abertas. Esperamos fazer a cabeça da moçada. Damos preferência às mulheres e as bichas. As bichas são pros tempos de vacas magras”. A liberdade sexual, que era uma das bandeiras do movimento contracultural, incluía o homossexualismo, que deveria ser aceito como uma expressão essencialmente humana.

Assim, o fanzine mantinha um discurso diferente daquele que se via na grande mídia (Rede Globo, SBT, Rede Bandeirantes, jornal Folha de São Paulo, entre outros) onde o governo, geralmente, era o assunto predominante nas discussões consideradas como “intelectuais”, dado o momento de redemocratização pela qual o país estava passando. Dessa maneira, o impresso alternativo tentava se difundir, mesmo com grandes limitações, e levar até seus leitores uma opinião não alinhada às mídias de massa.

Considerando que a literatura é também um espaço alternativo de memória, é interessante entender o impresso dentro da ótica que apresenta a literatura em seu sentido lato, como algo que não se deixa aprisionar por rótulos. Ela é mais do que isso, pois sintetiza a sensibilidade e expressividade humana, fazendo uso de estímulos diversos, oriundos geralmente do contexto no qual se situa o autor. O contexto influenciou e influencia, inclusive produções alternativas, e ao mesmo tempo suscita a criatividade dos escritores do fanzine para ousar e ir além do lugar-comum.

Mesmo que possam fazer parte daquilo que é considerado o *status quo*, tais editores não necessariamente concordam com grande parte do que pertence ao *establishment* e com isso,

extravassam através do fanzine *Mova-se Caralho* elementos criativos onde destacam a crítica sarcástica em relação ao seu próprio contexto. Já que não podem acabar com tal discurso predominante, no qual as pessoas parecem fazer o que fazem por força do hábito sem refletirem criticamente, através de suas produções tentam desmitificar uma realidade, considerada por muitos como “a mais correta”.

Roberto Schwarz exemplifica que o Brasil pode ser considerado um país que se movimenta a reboque, onde as novidades dos centros mais prestigiosos acabam ofuscando os demais. A existência de um conjunto de obras entrelaçadas, confrontadas entre si, lastreadas de experiência social específica, ajuda a barrar a ilusão universalista que é da natureza da situação de leitura, ilusão da qual é levado todo leitor, principalmente nos casos em que busca fugir à estreiteza do ambiente (SCHWARZ, 1999; p. 20).

Ao se falar da “estreiteza do ambiente” não podemos nos furtar de mencionar que o fanzine a ser analisado foi idealizado no extremo oeste paranaense. No seu expediente dizia-se que o fanzine era o órgão oficial de contrainformação e do cineclube de Foz do Iguaçu. O cineclube era um projeto que levava um projetor de 16 mm e um pano branco aos bairros para apresentar cinema de arte e independente. O cineclube não foi a primeira iniciativa desse tipo desenvolvida na cidade. Antes dele, na FACISA, antiga faculdade municipal e atual Unioeste Foz do Iguaçu, surgiu o Cineclube T-40, sob a orientação dos professores Luis Pena Catta e Ildo Carbonera, que não durou muito, mas o suficiente para inspirar novas ações semelhantes, como a do cineclube, que o fanzine procurava amparar.

Possivelmente os escritores José Gilberto Maciel e Cássio Pirkel eram vistos como pessoas deslocadas do contexto social, pois suas palavras tinham a capacidade de causar um certo estranhamento, seja questionando o leitor ou na própria maneira de relatar suas vivências e expectativas por meio dos fanzines. A publicação alternativa possivelmente teve um público que se auto identificava a muitos dos ideais da contracultura, logo, grande parte deles também eram vistos como contraculturais.

A atmosfera de rejeição do fanzine aos padrões considerados mais “certos” ou “corretos” traz explícita uma certa rebeldia ao *status quo*, ou seja, aquilo que é valorizado de uma maneira quase automática, mas que muitas vezes não leva o indivíduo a refletir suas práticas de uma maneira mais profunda.

3.1 O fanzine como Comunicação Alternativa ou como Elemento Alternativo da Comunicação?

Asseguramos no capítulo anterior que a elaboração do fanzine é, na maioria dos casos, unilateral por quem o cria. Pelo menos essa é a constante desde o início da cultura das comunicações alternativas, mas é realmente onde essa diatribe entra, porque o conteúdo que é derramado gera uma narrativa que produz a necessidade de descrevê-la e, portanto, estabelece certos parâmetros como poética, estética e contextos culturais em que se move.

A Comunicação Alternativa é um meio que nos permite buscar nas margens de uma cultura centralizada, aspectos do cotidiano, como estereótipos constantes (MAGALHAES, 1994), mas, na realidade, se nos voltarmos para Caparelli, indica que meios alternativos em si não existem, porque eles cumprirão a função de inserir uma ideia em diferentes formatos que os tornem um elemento alternativo da comunicação. (CAPARELLI, 1986; p. 7-16)

- a) o alternativo em comunicação não existe como definição estável nem pode existir;
- b) o alternativo depende da conjuntura concreta de cada panorama comunicativo e,
- c) mais do que falar de comunicação alternativa é necessário se referir a elementos alternativos da comunicação (MOMPART, 1983 apud CAPARELLI, 1988, p. 08)

Além disso, podemos observar que Caparelli insiste na denominação, pois descreve uma ferramenta de organização e informações sobre propostas que podem alcançar o fanzine, porque quem o desenha e edita é quem o escreve quase inteiramente. Mas quem faz esse trabalho também é responsável por distribuí-lo, para que essa troca seja gerada. No caso do *Mova-se Caralho*, estamos diante dessa possibilidade de entrar em contato com a definição de uma literatura regional como a de Schwartz, onde indica que os elementos em que a peça transita fazem dela uma amálgama de padrões que recuperam as variantes de espaço e tempo, enquanto gera uma estética que responde aos interesses de seus leitores e, no caso do fanzine, o editor aprofunda sua linha conceitual. É por isso que vemos que essa forma de imprensa alternativa é sustentada por Elementos Alternativos de Comunicação, alimentando um processo criativo e estético que compila uma literatura da cidade de Foz do Iguaçu, mas, em uníssono, é distribuída de maneira

muito informal, conseguindo se mover nas margens dos grupos sociais que o cercam.

Com base nessa proposta de procurar o regional no meio em que o fanzine se move, é pertinente acrescentar uma perspectiva como a de Yury Amaral, que aponta: “notamos que fanzines e publicações alternativas não fazem parte do coletivo para o individual, mas como resposta do individual para o coletivo, como forma de tornar público o desagrado com o passado em comum criado pela grande mídia.” (2018, p.50). O que indica que o fanzine joga com três aspectos importantes e que tentaremos definir para conectar a região literária à sua dinâmica. Bem, estamos tentando tirar o pó dessa memória de um evento regional e é aí que entram os três pontos: primeiro, o autobiográfico e ideológico de quem o escreve; segundo, o contexto das crenças sobre quem se envolve; terceiro, a opinião que será guiada por uma corrente política que nem sempre permanecerá focada. (AMARAL, 2018, p. 85)

3.2 Território

Vamos começar com a primeira das premissas que é o registro autobiográfico dos responsáveis pela editora e que começam da seguinte maneira:

Cineclubismo é coisa seria

Estamos de saco cheio com o que intalou-se no movimento cineclubista, principalmente na Dinafilme. Nossos guerrilheiros recentemente treinados no Líbano estão dispostos a tudo. Colocam uma bomba na Dina e arrebetam aquela bosta, ou capam o Diogo, como preferem os moderados. Trucidamos esses putos e mudamos essa porra de estatuto na bala. Nós somos fodas, aliás, fodões. Somos contra tudo e todos. Contra o Diogo que formou um “trem da alegria” e transformou a Dina num antero de corrupção. Contra a Federação Paranaense que promove encontros só para fazer surubas. Contra as Federações paulista, capixaba e baiana (leia-se partidão), que pensam que cineclubismo é “clube de golpismo”. Contra a federação carioca que está de olho no C.N.C. Contra as meninas de Medianeira que nunca entram na dança (não dão mesmo). Contra UNE e UPE um bando de sapatões e bichas mal amadas. Contra a constituinte, o santo papa, a Gnose (assexuados e estéreis), o sexo dos anjos. E contra essa merda e bosta do Brasil. Não sei por quê não saímos destruindo tudo, a Itaipu, o congresso nacional e a ponte rio-niterói, como preferem os radicais. Tamos afim de moralizar o movimento. Beijo de língua, mão na xana e no caralho é coisa de paíszinho subdesenvolvido. Esses viados assumem o que fazem ou arrancamos seus cérebros pra fazer sorvete. Somos tarados por sorvete. É bom tomar uma cor pra jornada. Vamos currá-los, queima-los vivos e comê-los de sobremesa.” (*Mova-se Caralho, 1987, nº 01, p. 01*)

Zé Beto Maciel e o grupo de cineclube da FACISA estavam procurando um espaço em que suas ideias tivessem eco, e a cidade de Foz do Iguaçu, que estava entrando em uma nova etapa com o desenvolvimento de Itaipu e o trânsito permanente de pessoas de um lado para o outro da

fronteira, gerava um espaço especificamente particular. Para Zé Beto Maciel, essa particularidade o leva a questionar o contexto, e isso será nosso caminho para observar influências que cercavam os protagonistas dessa ideia, como no caso de outros fanzines que circulavam naquele momento.

O lance eram os fanzines e se fazia de tudo: Inquérito, Mova-se Caralho, Kratos, Chuá, Leve Desespero, Bife Sujo e Cia, Absurdo Zine (da Paula Loira), Combate Branco (skinhead puro e preconceitoso), Caos, Contra-Informação, Opção Cultural, Mijo, Press, Sindicato do Delírio, Mau, Letra Livre, Sem Perfil, Contra Corrente, Gilete Press, Carne Krua, Barata, Anarkia, Entre Amigos, Falange Anarquista, Núcleo de Consciência Punk, Ex-Via. Era uma cacetada. Os próprios fanzine eram um copilados de literatura, hq's, dados das bandas, revolta contra o sistema, eram feitos com colagem, xerox (muito xerox por sinal) e distribuídos da forma mais alternativa possível, mas e, principalmente, pelo Correios. (MACIEL, 2016)

Encontramos traços de respostas fictícias a prefeitos, vereadores, deputados, outras autoridades do contexto iguaçuense e até organizações internacionais, como a ONU e o FMI. No quesito autobiográfico e ideológico, percebemos que alguns textos reúnem idiomas encontrados na região que foram inseridos no material publicados em vários formatos, com estereótipos do inglês, espanhol e português contendo erros gramaticais (propositais?), em uma espécie de mistura de imagens linguísticas, o que nos remete a autores como Schwartz ao indicar que a literatura responde a esses estímulos dinâmicos e gera uma nova estratégia de constituição estética. A partir daí podemos usar o conceito de apropriação territorial que nos ajuda a entender o contexto da discursividade, pois ali se complementam o senso de nacionalidade e suas características fundamentais, como as pegadas regionais e locais do autor. (SCHWARTZ, 1999)

Zé Beto Maciel, conhecendo o espaço em que habita, inicia muitos dos textos com referências a lugares comuns da cidade e começa como uma espécie de devorador de sua própria cultura, como indicado por Baitelllo Junior em seu trabalho sobre a iconofagia que os autores fazem uso em seus processos criativos, mas em uníssono se devoram no meio que estão gerando e “se manifesta nos diversos ensaios que tratam do fenômeno: ora as imagens são devoradas, ora são as imagens que devoram. Sendo sujeito ou objeto do processo, a denominação caberia tanto a uma como à outra”. (Baitello, 2014, p.14)

Essa territorialidade de suas próprias imagens entra em diálogo direto com as duas edições obtidas, o que nos mostra de imediato que a estética do anarcopunk se propõe a mostrar seu estereótipo. Segundo as palavras do próprio Zé Beto Maciel definindo o seu fanzine:

E tinha o Mova-se Caralho. Era isso mesmo. Um baita caralhão na sua capa e detonando tudo e todos. Feito por mim e pelo Cássio Pirkel - um arquiteto que hoje anda perdido por Guarapuava, o Mova-se virou referência pela sua qualidade, artigos, linguagem despojada e assumidamente agressiva, poesia, hq's, cinema e cineclube. (MACIEL, 2016)

Os autores reivindicam seu espaço configurando, através de uma relação direta com a forma, as imagens e o estilo da escrita. Essa discursividade nos mostra os traços que os autores deixam, sua origem e estilo agressivo, onde buscaram a dessacralização das instituições e cânones, assim como a transgressão da gramática literária que se une as imagens.

Carta ao Osvald

Envio minhas merdas, alivio minha alma por ter tido coragem e saco. Para meio entendedor, meia palavra, bosta. Considero ainda que sentimento só se tem nas pernas, e que por hora os artificios da sorte ainda sobrepõe aos dos buquets, begônias e flores du mau. Li alguns uivos seus. Naquela noite em que a lua foi ao cinema, eu viajava na overdose da minha melancolia com uma câmara na mão e uma puta dor de cabeça. Oswald, se por um lado não existe nenhuma vantagem na glória, por outro lado é inglorioso esconder-se por trás da modéstia. Felicito-o. A omissão é uma moléstia.

No século passado a prepotência diria: Stendal por favor, os tapetes. O vermelho e o negro. O poeta provinciano que nunca saiu do seu interior quer ver o mar. Amar, amargamente, armar uma revolta e uma guerra civil para que não lhe pintem a cara de verdeamarelo. Isso já nesse século. Depois render-se num armistício e cuspir em todas oferendas. Babar pelo que anda latejando embaixo dos sonhos dos vestidos rendosos. Finalmente, resignar-se, ser apenas um, com um final privê. Mulher e filhos. Uma casa de campo assistindo TV. Sem planos nem desejos, apenas na cabeça seus cabelos. Agonizar na janela sem querer dar por si e só saber que a luz dos tempos brilhantes ainda vagueia, em qualquer canto com qualquer pretensão egoísta. Ser apenas outro que deixa a vida entregando-se de braços e beijos na tumba cheia de Coca-Cola. Carregar um naco mocoçado nas abas do casaco e lascas das cabeças de negos. Duas velhas broacas. Escapar correndo voando igual um crime sem castigo numa prisão da Sibéria. Ainda apaixonar-se por uma puta, guerrilheira e manequim. Lavar seus pés numa bacia com o rosto da impiedosa virgem maligna. Iniciar uma canção romântica em si maior, sentindo-se total. Só pelas notas que vão nos bolsos. Si'strepar... enfiar a cabeça de napoleão num chapéu tradicional e rodar até ficar tonto de fissura de frisson. Vomitar meus gritos e uivar meus sonhos. Entendendo o fato como o processo apológico disso que me veio assim na asneirosa sequência dos dia. Estranho jardim, diagnóstico para vidas vadias vazias e sacanas. Na ânsia de rasgar um espaço, cai solenemente agora nos braços daquele ritual. Alguém enfim se despiu com seu mito. Hora em que minto e num palavrão, retiro tudo o que disse.

Abraços...

Se puder responder, aguardo; nem que seja pra receber um bagaço de tudo que saiu dessa overdose e constituiu-se de fato. De imediato desfaço e prometo nunca mais voltar. (*Mova-se Caralho*, nº1, p. 03)

Também existe uma busca pela identificação de minorias, que podemos marcar como margem, como por exemplo o movimento anarcopunk, os estudantes universitários, roqueiros e



outros artistas que se relacionam com imagens agressivas construídas por palavras e fotografias (Imagem 1), deixando-nos usar outra categoria, como a violência, que é baseada em manifestações óbvias de uma política contra o poder central, mas também muitas vezes preconceituosa. O fanzine *Mova-se Caralho* procura referências nas instituições para depois tratar de anulá-las. Aqui podemos

falar de uma ironia do jogo linguístico que nos permitirá entrar no espaço regional como literatura, a exemplo do editorial Fazdefoz, que está na edição número um:

Todos os interessados em participar desse cineclube são bem vindo a bordo. Damos preferência as mulheres e as bichas. As bichas são para os tempos de vacas magras. A tchurma da pastoral da juventude já está participando. Não discriminamos ninguém. Traçamos todos. Procurem os redatores deste boletim. Telefonem ou deixem recado. Sem baixaria no telefone, minha mãe é brava. Esperamos todos e aguardem. O que será de Foz sem nós. (MOVA-SE CARALHO, nº 01, p.02)

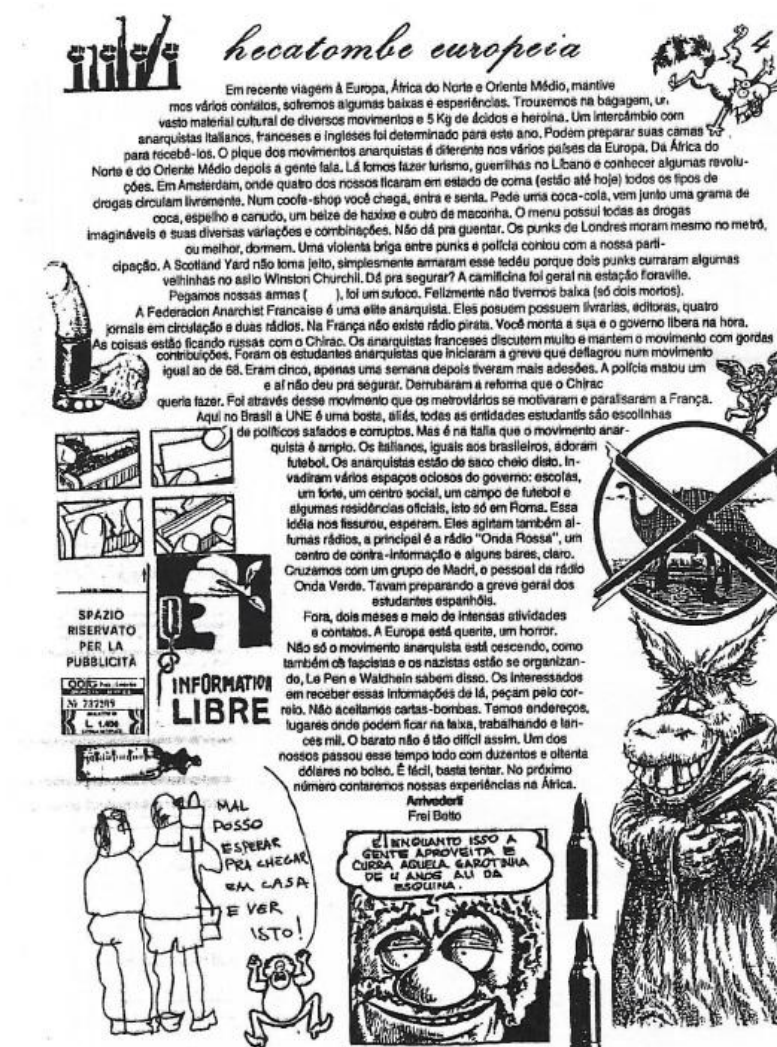


Imagem 2: Pag 7. Movase caralho 1

Ao entrar nessa discursividade somos levados a pensar sobre o termo territorialidade no contexto do fanzine, pois ele dialoga com o espaço em que se relaciona. Para isso, podemos encontrar as diferentes definições de territórios e regionalidades que Schwartz nos diz sobre a capacidade de escrever e sobre esses territórios que podem ser físicos ou intelectuais. Vamos ver a introdução da segunda edição:

Aviso aos navegantes:
Todos sabem que colocar o fanzine na praça não é fácil. Além de vender as nossas vózinhas para fazer sabão, estamos com a polícia em nosso encalço cobrando uma porrada de cheques frios e os advogados das nossas ex-mulheres cobrando a pensão dos nossos ex-filhos. É foda. (*Mova-se Caralho*, nº 01, p.02)

Podemos usar o termo territorialidade do escritor também relacionando ao contexto, porque temos o trânsito fronteiriço e a mudança de Foz do Iguaçu com a chegada de Itaipu, mesmo não sendo esse o ponto principal desta dissertação. Vamos inserir a imagem imanente que é gerada por ela, a polifonia e a distorção do que está sendo narrado, como é o caso da campanha que exibe uma nota de um dólar estilizada, que deve ser recortada e enviada para o pagamento da dívida externa brasileira, onde no local do tradicional retrato de George Washington, encontramos o desenho de um rosto que remete a um usuário de maconha, e no verso a frase “NÓS ACREDITAMOS EM DEUS” (Imagem 2). Nesse sentido, o jogo autobiográfico do autor é perceptível, assim como suas intenções de gerar caos na literatura de sua cidade.

Também podemos acrescentar que aqui a fronteira foi convertida em espaço por excelência por misturar discursos oriundos de diferentes contextos, resultando numa estética peculiar que é exacerbada por meio do fanzine e que será a sua constante ao tentar unir temas que estavam sendo desenvolvidos em outros centros³.

É interessante também relacionar isso a história recente de Itaipu, juntamente com os movimentos militares que transitavam pelo Brasil na década de 80, para descobrirmos que os

3 Sobre esta perspectiva podemos consultar o texto de Glauber West Ferreira PRODUÇÃO DE FANZINE E CIRCULAÇÃO DE INFORMAÇÃO NO MOVIMENTO ANARCOPUNK NO BRASIL NOS ANOS 1990: um estudo do Favo de Fel. TCC apresentado na Universidade Federal de Rio Grande do Sul em 2013.

fanzines em questão têm a particularidade de contestar a máxima usada pelo governo das Forças Armadas, “milagre nacional”, na forma em que fica evidenciada a tentativa de desmitificação da instituição que esteve diante do destino do Brasil por tantos anos. Para Rivaldo Chinem: “[...] a oposição sistemática ao regime militar denuncia tortura e violação dos direitos humanos e críticas ao modelo econômico. Vivemos na época do "milagre" - que foi mostrado, afinal, apenas um malogro". (CHINEM; 1995, p. 08)

O impacto estético do fanzine é uma questão decisiva e fundamental para desvendar esse senso de região em que estamos tentando avançar. No caso dos autores iguaçuenses, concordamos que a relação direta com o contexto regional que Shwartz nos fala permite múltiplas leituras, o que vemos nessas estéticas onde a polifonia é gerada a partir da agressão da fala (Imagem 3), que é uma colagem de violência, com estereótipos que analisamos em parágrafos anteriores. Nesse ponto sensível de nossa investigação, podemos abordar o próximo ponto que iremos desenvolver na construção do conceito de fanzine.

Já vimos esse primeiro ponto autobiográfico e ideológico, mas vamos entrar em uma segunda fase de entendimento que é a crença (AMARAL, 2018) que se une à ideologia, porque a divisão não é arbitrária.

O *Mova-se Caralho* é um trabalho que se comunica com o contexto estereotipado do punk internacional, de modo que seu sistema de crenças se baseia na ideologia em que é construído. Segundo Charter, a Cultura Popular desvela uma disputa por espaço constante com a cultura hegemônica, que se dá em duas frentes: uma de abolição a essa cultura, e outra de um relacionamento direto com a cultura dominante, que a observa, coexiste e a questiona.

significado como no caso da página 2 EDI(TA)TORIAL, onde vemos essa composição que não apenas enfatiza a frase que denuncia, mas também entra em discussão com as imagens.

Nos termos de Durant, os espaços em que as novas gerações se movem gerarão uma releitura de imagens que nos inserem no contexto do imaginário coletivo quase uniforme (LACAN), que sempre busca padrões para sua compreensão cultural. Isso quer dizer que os sistemas coletivos de cultura estão aplicando um olhar particular, e se mover no meio desses limites é o que faz o fanzine se tornar um olhar alternativo desde as margens, de onde aprecia os centros de cultura que os alimenta. Vamos ver este exemplo que o *Mova-se Caralho* nos mostra na imagem a seguir:

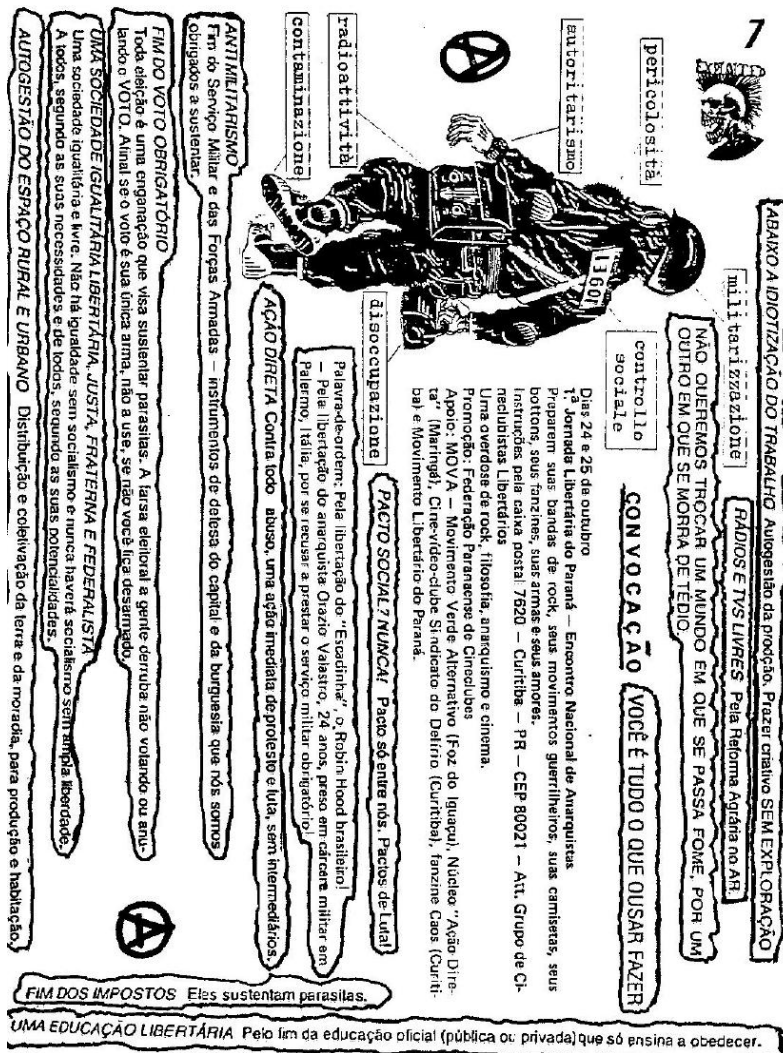


Imagem 4: Pagina 7 Fanzine 2

Essa maneira de expor as imagens, de violar a ordem gramatical e de atacar a organização da página é o que nos mostra que o fanzine é livre, sob certas condições, e é aí que entra a crença baseada em um padrão ideológico. Isso também leva a um registro que suscita uma nova maneira de fazer, de um parâmetro quase único, e o *Mova-se Caralho* não é exceção, pois manifesta um

padrão ideológico, conceitual e estético característico. (MAGALHÃES, 2014).

Agora, para entender esse padrão na crença e no sistema ideológico, voltamos a proposta de Baitello Junior e da iconofagia, porque ali ele nos diz que vamos consumir as imagens de maneira precária, mas ao mesmo tempo que elas vão construindo um sentido dialógico, resultado de sua conceituação, ou seja, as imagens serão reconstruídas repetidas vezes em polifonia constante. Vamos ver essa história em quadrinhos das páginas 13 e 14.



Imagem 5: pag. 13 Movase Caralho 1



Imagem 6: pag. 14 Movase Caralho 1

A ordem sequencial é estabelecida pelos jogos de discursos que se cruzam no meio de uma mistura de sons, que podem ser textuais ou das imagens retratadas nos desenhos, e os quadrinhos nos ajudam a levar essa linha narrativa. Do início ao fim, está presente uma estética que tenta gerar questionamentos através de afirmações. Nesse sentido, vemos que a proposta de Chartier de

mudar o centro da cultura hegemônica e afastar-se do etnocentrismo é o que nos permite ver uma história que se desenrola no meio de um pastiche cultural que termina sempre retornando as referências comuns, pois são elas quem darão base para uma compreensão e significação tanto da história em quadrinhos como do restante do fanzine.

Percorrendo as páginas, nos deparamos com a construção de um discurso que se conecta com o panorama que Zé Beto nos conta na entrevista publicada pelo site H2FOZ⁵, onde ele relembra seu envolvimento com o fanzine e o cineclube da cidade, assim como procurou refletir e expor temas que naquele momento estavam sendo discutidos.

De acordo com essa apreciação, é interessante nos voltarmos para Gilbert Durandt, que indica que os espaços das imagens capturadas pelas novas gerações são a dinâmica do que havia sido estabelecido anteriormente, ou seja, que os modos de ativar as imagens serão consumidos por essa clara razão de que é o estereótipo da cultura hegemônica. No entanto, o ponto principal é o contexto histórico em que ele se move e as condições espaciais em que eles desenvolveram essas atividades.

Mas voltemos ao conflito estético e à crença ideológica que Amaral nos fala no início deste capítulo. Os espaços onde as novas gerações começam a gerar suas próprias poéticas e pontos de vista que mostram que esses espaços respondem a renovação com base em imagens que tentam quebrar esquemas anteriores, e acabam gerando um novo espaço cultural onde prevalece uma hegemonia particular.

Aqui podemos fazer uma comparação da imagem como uma representação que é conjugada com o texto escrito e é capaz de gerar uma linha narrativa em cada uma de suas partes, o que nos indica que o trabalho de Baitello se adapta ao conteúdo e ao tema, porque se pode mapear as propostas de transgressão e violência geradas no fanzine *Mova-se Caralho*, mostrando o conteúdo mais como uma criação livre que tem um impacto modesto no espaço em que se move.

Mas não podemos descartar que essas liberdades criativas, mesmo que isoladas, tendem a seduzir novos escritores e a gerar uma cadeia de ações que poderíamos definir como consequências imediatas. Podemos perceber nas manifestações alternativas mais contemporâneas

5MACIEL, Zé Beto. **Anarquistas, punks, cineclubes e os anos 80**. Diário H2 Foz data: 06/11/2016, em internet: <https://www.h2foz.com.br/planeta-foz/anarquistas-punks-cineclubes-e-os-anos-80>

da cidade de Foz do Iguaçu, que hoje podem ser encontradas em diferentes formatos (digitais, impressos, grafite, música, cinema, etc.), como é o caso do fanzine *Cartel do Rap*, que esteve online até 2010, que há uma relação de imagens, textos e referências da cidade, que em alguma medida liga essas literaturas marginais tanto ao seu ambiente de crenças e ideologia, quanto aos elementos que os cercam⁶.

Voltando a proposta de Chartier e a resistência contra a cultura hegemônica e o etnocentrismo, podemos ver que a cultura popular:

O primeiro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular tem suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, fechada em si mesma, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada (CHARTIER, 1995, p. 179).

E assim podemos visualizar esse ataque impresso que busca questionar as instituições e tudo o que elas representam a partir da cultura popular. Isso parece justificar o porquê dos textos serem violentos e carregados de imagens metafóricas, inclusive na mesma conformação do texto junto às imagens que o acompanham, como é o caso da página 13 do fanzine número 2 (Imagem 7), no qual os textos geram saltos vertiginosos em que o leitor sofre rupturas no sentido da história contada ao ter que girar a publicação para fazer as leituras dos elementos que compõem a página.

6 Nesse ponto, podemos revisar o conteúdo do fanzine digital *Cartel do Rap* de Foz de Iguaçu, representando graficamente as formas, estilos e derivações direta ou indiretamente originadas nos tempos do anarcopunk, deixando claro que a maneira de abordar questões responde a interesses daqueles que escrevem e leem em seu contexto, para isso deixamos o link que pode nos ajudar a fazer uma comparação em momentos diferentes: <http://fanzinecarteldorap.blogspot.com/> acesso em 22 de agosto de 2019.



Imagem 7. pag. 13 Mova-se Caralho 2

Uma categoria de conflito linguístico pode ser estabelecida, uma vez que o sentido vai contra os centros de autoridade de maneira direta e indireta, incluindo questões trabalhistas, questionando instituições ou propostas simples de organização local, como vemos na primeira página do primeiro fanzine. O conflito contrasta com as letras e as imagens da página, uma vez que esse modo de expressão gera um ciclo de parâmetros de resistência ao estabelecido para criar

formas de expressões contraculturais.

Seguindo esse pensamento proposto por Yuri Amaral, do fanzine como uma crença, podemos entrar em cumplicidade entre leitores e editores, uma vez que o fanzine se desenvolve desde que haja um *feedback* sobre cada uma das partes, ou seja, o contexto sócio-histórico permite estabelecer essas variantes, pois, na entrevista com Zé Beto, ele nos informa sobre os movimentos que estavam fazendo e os resultados que teve no curto prazo:

O Mova-se durou três números, depois fizemos o Caos, o Contra-Informação e por fim o Suicídio Coletivo. Estávamos de saco cheio do que havia se transformado tudo aquilo, entramos na nóia e cada um foi fazer o que devia ser feito. Guardamos boas saudades como a My Way do Camisa de Vênus. (MACIEL, 2016)

Esse é o sentido da comunicação alternativa em contraposição à mídia oficial que nos permite visualizar esse panorama estético como parte de uma experiência que carregará um fardo muitas vezes pautados por padrões unilaterais.

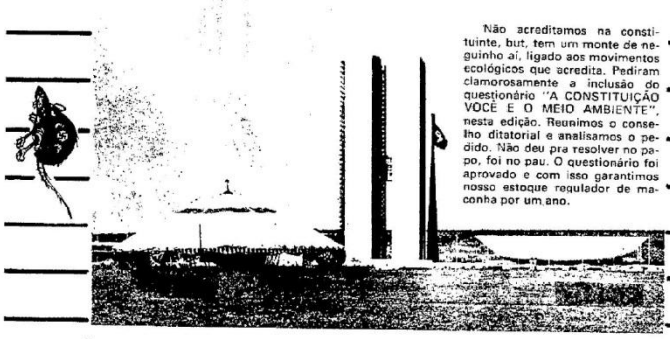
É importante ressaltar que os fanzines eram distribuídos gratuitamente e sem censura, apresentado com humor e ironia quase sem limites. Essa correspondência entre uma maneira livre de escrever e narrar, juntamente com o estilo humorístico e irônico, é o que confirma que o *Mova-se Caralho* reiterou-se dentro de sua própria estética. O material lá publicado é baseado no que o editor deseja explorar nessas edições do impresso alternativo, mas esse desejo acaba se esgotando a partir da terceira edição. Podemos constatar no trabalho de Gelain e Santana que o fanzine começa a desenvolver seu conceito e as formas de ancorar seus temas, dependendo de uma possível audiência, entretanto existe uma limitação, pois muitos deles não têm ou tiveram acesso a todos materiais idealizados para sua produção, daí a possível repetição de elementos, onde também deduzimos que muitos materiais dependem da reutilização de outros materiais.

Além de minimizar gastos, o fazer zinístico permite a desconstrução entre a as distâncias entre produtor e consumidor, uma vez que se trata de uma mídia que está o alcance de qualquer um no que tange a sua criação e, principalmente, dá abertura e convida os punks a participarem e expressarem o que querem, sem interferências. (GELAIN; SANTANA, 2016 p. 7)

No caso do *Mova-se Caralho* não há exceção, entretanto sabemos que todo o material foi

reproduzido em Curitiba, pela qualidade de imagem que se conseguia usando as fotocopiadoras dessa cidade. Esse padrão nos leva a um estudo do uso do espaço nas folhas do fanzine, pois esse ponto é importante. É claro que, como são mídias alternativas independentes, sem apoio econômico à produção e distribuição, são procurados todos os meios de incluir a maior parte do conteúdo, e por isso também o porquê de seu aspecto confuso, além da intencionalidade. (Imagem 8).

A CONSTITUIÇÃO



Não acreditamos na constituinte, but, tem um monte de nequinhão aí, ligado aos movimentos ecológicos que acredita. Pediram clamorosamente a inclusão do questionário "A CONSTITUIÇÃO VOCÊ E O MEIO AMBIENTE", nesta edição. Reunimos o conselho ditatorial e analisamos o pedido. Não deu pra resolver no papo, foi no pau. O questionário foi aprovado e com isso garantimos nosso estoque regulador de miconha por um ano.

VOCÊ E O MEIO AMBIENTE

DADOS PESSOAIS

Cidade: _____ Estado: _____

Idade: 1 ☐ Menor de 21 anos 2 ☐ Entre 21 e 40 anos 3 ☐ Acima de 40 anos

Grau de Instrução: 1 ☐ Ensino Superior 2 ☐ 1. Grau 3 ☐ 2. Grau

Sexo: 1 ☐ Feminino 2 ☐ Masculino

Renda em Salário Mínimo: 1 ☐ Até 2 sm 2 ☐ Mais de 2 sm 10 sm 3 ☐ Mais de 10 sm 10 sm 4 ☐ Acima de 10 sm

MEIO AMBIENTE E CONSTITUIÇÃO

1 Na atual Constituição não existe um capítulo específico sobre Meio Ambiente. Você acha que deveria constar de uma nova Constituição um capítulo específico sobre o assunto?

1 ☐ Sim 2 ☐ Não 3 ☐ Indiferente 4 ☐ Não sabe

2 Você acha que a nova Constituição deve assegurar a todos o direito a um ambiente ecologicamente equilibrado e sadio?

1 ☐ Sim 2 ☐ Não 3 ☐ Indiferente 4 ☐ Não sabe

3 As ações contra o Meio Ambiente devem ser consideradas como crimes?

1 ☐ Sim 2 ☐ Não 3 ☐ Indiferente 4 ☐ Não sabe

4 O culpado deve ser obrigado, por lei, a pagar pelos danos causados?

1 ☐ Sim 2 ☐ Não 3 ☐ Indiferente 4 ☐ Não sabe

5 Quem deve ser responsável, em primeiro lugar, pela proteção do Meio Ambiente?

1 ☐ Governo 2 ☐ Associação de Defesa 3 ☐ Cidadão 4 ☐ Indiferente 5 ☐ Não sabe

VOCÊ E O MEIO AMBIENTE

1 Para o seu cotidiano, as questões ligadas ao Meio Ambiente são:

1 ☐ Muito importantes 2 ☐ Muito importantes 3 ☐ Sem importância 4 ☐ Indiferente 5 ☐ Não sabe

2 Para o futuro, as questões ligadas ao Meio Ambiente são:

1 ☐ Muito importantes 2 ☐ Muito importantes 3 ☐ Sem importância 4 ☐ Indiferente 5 ☐ Não sabe

3 De que modo as infrações ao Meio Ambiente afetam sua vida?

1 ☐ Muito importante 2 ☐ Sem importância 3 ☐ Indiferente 4 ☐ Não sabe

4 Dos problemas abaixo qual o que mais afeta sua vida?

1 ☐ Desmatamento sem controle 2 ☐ Crescimento da favela 3 ☐ Uso indiscriminado de agrotóxicos 4 ☐ Poluição sonora 5 ☐ Poluição visual

5 Você já se interessou em participar de uma luta organizada em defesa do Meio Ambiente?

1 ☐ Sim, participei de uma ação 2 ☐ Sim, mas não participei 3 ☐ Não

Enviar resposta para:
Sigma DataServ - 80210 - Curitiba - Paraná
- Jornal da Tarde - Av. Eng.º Cap.
02550 - São Paulo - SP

Imagem 8: pag. 13 Mova-se Caralho 1

Continuando, vemos que uma terceira linha que é estudada por Yuri Amaral, aparecerá como base da opinião que norteia o fanzine, porque as edições tendem a buscar a conexão do que foi estabelecido anteriormente. Nesse sentido, vemos uma série de características de rebeldia, que se traduz em poesias, histórias, críticas, manifestos, frases curtas e imagens, que nos permitem fazer um mapeamento sobre esse movimento na cidade.

O questionário ambiental contido nas páginas 8 do *Mova-se Caralho* nº2 foi a primeira consulta dentro dessa temática que se tem notícia na cidade de Foz do Iguaçu. Ela era destinada a fornecer informações para composição da Constituinte que estava sendo discutida no Brasil daquele momento. Ilustrada com imagens de ratos, Congresso Nacional e uma mulher nua, a enquete é sugerida aparentemente a contragosto dos editores, pois no manifesto Cineclubismo é coisa séria, os autores se posicionam contra a Constituinte.

“Não acreditamos na constituinte, but, tem um monte de neguinho aí, ligado aos movimentos ecológicos que acredita. Pediram clamorosamente a inclusão do questionário “A CONSTITUIÇÃO VOCÊ E O MEIO AMBIENTE” nesta edição. Reunimos o conselho editorial e analisamos o pedido. Não deu pra resolver no papo, foi no pau. O questionário foi aprovado e com isso garantimos nosso estoque regulador de maconha por um ano” (MOVA-SE. 1987, p.8)

Essa reflexão sobre os componentes do fanzine *Mova-se Caralho* nos leva a uma ampliação de critérios que nos ajuda a multiplicar os pontos de vista que podem gerar uma nova leitura de possíveis edições posteriores em outros contextos temporais. Os autores, em um exercício do uso da palavra, geram espaço para desenvolver um elemento de comunicação alternativa, navegando pelas margens da cultura oficial do Paraná, onde vão desenvolvendo seu estilo literário com uma forte carga poética de transgressão que entra em um conflito cultural. Podemos observar as estéticas de adaptação à região e ao seu público, onde se constrói uma poética que não se limitou às fronteiras do município, porque muitos dos seus exemplares era também distribuído para leitores de outras localidades. Assim somamos esse fator ao que acreditamos ser um dos motivos de sua sobrevivência ao tempo dentro do imaginário dos seus leitores: a resistência e o descrédito perante as instituições.

Nesse ponto, podemos nos aproximar mais do tema com o qual iniciamos a discussão e colocar em perspectiva os elementos da comunicação alternativa que estamos apresentando e que

são constantes nessa estética.

3.3 A estética do alternativo e a região trinacional: Foz do Iguaçu.

A estética punk, que é de onde o fanzine se alimenta, nos remete ao conceito terminológico do alternativo, que é realmente uma posição de oposição à cultura oficial. Por isso contamos com o trabalho de Caparelli que indica essa categoria como o Alternativo, porque não é radicalmente explícito, mas é um elemento que atua sob os esquemas dos movimentos subalternos ou de contracultura⁷.

A estética dos fanzines se comunica com esses elementos alternativos (comunicação, variáveis de comunicação, alternativas de comunicação) propostos por Capellari (1988), dialogam com a cultura oficial desde as margens em que se situam. O panorama nos leva a ver que os movimentos alternativos compõem uma rede de mídia que acabam identificando-se por conta de sua própria natureza.⁸

Pode-se dizer que o contexto dessa produção do fanzine iguaçuense *Mova-se Caralho* é fruto do seu tempo e espaço. Por consequência isso hoje pode nos permitir uma leitura que nos remeta, em algum nível, àquele espaço e tempo. Para fazer essa leitura de aproximação ao cenário alternativo daquela época, podemos nos apoiar em Mainguineau que nos indica que na consciência do sujeito sempre há a possibilidade de fazer literatura e, portanto, para a realizar, faz conexões de suas observações espaciais e sociais. (MAINGUINEAU. 2001, p.19)

De maneira mais pontual, são estabelecidas as formas particulares de se estabelecer no seu tempo e espaço, as quais, quando relacionadas aos fundamentos da cultura zinística, evidenciam que existe uma correspondência entre quem desenvolve o fanzine e seus leitores. Se quem escreve, escreve para alguém, o leitor atua em alguma medida como influenciador das temáticas desenvolvidas.

Podemos recorrer a Magalhães que nos fala sobre essa dinâmica dos fanzines e acrescenta que esse mesmo leitor se torna um multiplicador do fato.

7 Contracultura é o termo desenvolvido no primeiro capítulo e que nos leva a questioná-lo, pois essa terminologia acaba sendo apropriada pela Indústria da Cultural, resultando em um paradoxo. Como referência, podemos citar o trabalho de Peter Street, Cultura e Política.

8 Documentário que pode nos ajudar a decifrar algumas perguntas sobre a origem dos fanzines. <https://issuu.com/portalh2foz/docs/revista-cabeza-11>

O fanzine é um veículo de comunicação dirigida, que tem a dimensão do universo de seu grupo. Como na maioria das vezes o fanzine se identifica nas particularidades, é comum lidar-se com públicos reduzidos da mesma forma que proliferam os mais diversos títulos e abordagens (MAGALHAES, 2014, p.75)

As formas de distribuição do *Mova-se Caralho* nos revela que além da distribuição direta, existia uma prática utilizada naquele momento chamada de "selo vacinado"⁹ que o transformam em um código de leitura do remetente para quem o lê, e com isso criavam um circuito de distribuição e redistribuição dos fanzines através dos Correios reutilizando selos. Além de curiosa e criativa, esse tipo de ação também nos revela um pouco do “espírito rebelde” das pessoas que procuravam pelo fanzine, assim como dos editores.

Vamos invadir todos os espaços. Levaremos cinema, cultura e ejaculação precoce a todos. Não vai sobrar um. Bares, boates, bairros, escolas, favelas, igrejas e cadeias. Todos, sem distinção, vão entrar na dança. Podem levar o papagaio, a farofa e o baseadinho". (*Mova-se Caralho* nº1, p. 02)

Se relacionarmos os elementos alternativos que Caparelli nos fala ao espaço de movimento que Mainguenau nos expõe, podemos perceber que o *Mova-se Caralho* é transformado em um meio de compartilhamento de uma literatura alternativa, que não é apenas um conjunto de textos e imagens cheios de rebeldia, ele também exprime uma poética particular, influenciada pela região trinacional de Foz do Iguaçu, baseada na diversidade de critérios do movimento cineclubista local.

Buscando esse apoio comparativo de distribuição em outros fanzines e movimentos culturais alternativos no Brasil, podemos referenciar autores como Magalhães ou West Ferreira que indicam uma relação mais intensa de São Paulo ao sul do país, que procurava engajar formas cotidianas de linguagem e trazê-las para essa informalidade. Vamos rever a página 3 do *Mova-se Caralho* nº 2:

9 Citação de Glauber West Ferreira: Para ampliar ainda mais a economia de recursos no processo de distribuição da publicação, havia a prática do ‘selo vacinado’ que, segundo Jean Marim, produtor de fanzine punk nos anos 1990, conta que: [...] então, a gente botava uma saudável camada de cola em cima do selo. Com isso, o carimbo dos Correios carimbava a cola e não o selo. Quando a carta chegava no destino, o destinatário passava uma esponja com água e... o selo estava pronto para ser reutilizado (SNO, 2011, 14:32). Estas práticas, mesmo violando algumas disposições lícitas do comércio de comunicação postal, são significativas do programa político do movimento anarcopunk, pois este procura romper com as barreiras que se impõem à livre circulação de ideias e que restringem o ato, fundamental, de comunicar-se. (2013 p. 47-48)

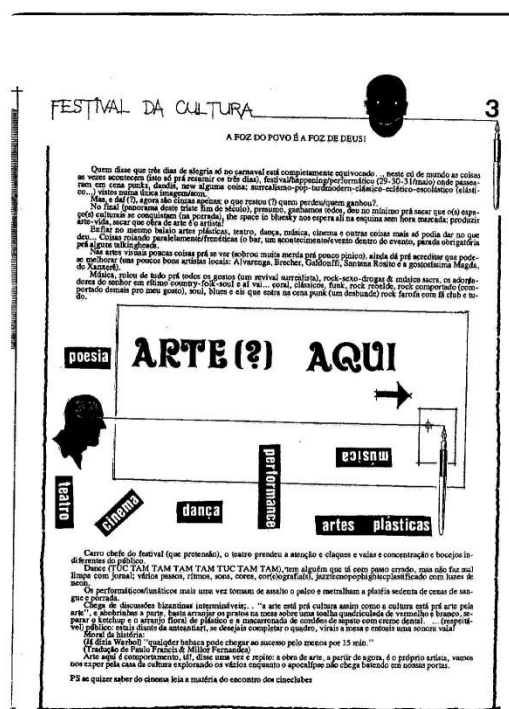


Imagem 10: pag.3 Mova-se caralho 2

Segundo Glaubert Ferreira, podemos indicar que faz parte da dinâmica dos fanzines nacionais a construção de um imaginário que se relaciona com os grandes centros, pois o movimento como meio de expressão tende a se estender desde aí por diferentes regiões. Cabe destacar aqui que quando entrevistado, Zé Beto Maciel nos diz que em Curitiba os quatro cineclubes e os fanzines influenciaram a cena alternativa musical e poética regional e, certamente, serviram de inspiração em algum nível para eles. Isso corrobora com a abordagem espacial e social, pois os autores alcançaram uma conexão em nível regional e local, gerando esse impresso alternativo multifacetado que encadeava imagens a textos, ou vice-versa.

Em Curitiba tinha quatro cineclubes: Sindicato do Delírio, Cineclubes Requião (vejam só), da Federação e um na PUC e outro na UPE, senão me engano. Em Maringá tinha dois, Londrina mais um e assim por diante. Éramos anarquistas e botamos para foder na época.

Foi através dos fanzines, cineclubes, e esse pessoal da época que pulularam esse montão de bandas. Em Curitiba ainda tem que citar o Thadeu, os irmãos

Prado, o Sérgio Virallobos, a Alice Ruiz, Helena Kholody e o Paulo Leminski - já em estágio terminal de uma cirrose para lá hepática. Eles armaram umas revistas, Odiário, 69, Sala 17 e outra que não me lembro. São poetas. Tinha a feira do poeta na praça com o seguinte o bordão: passa na praça que a poesia te abraça, que nós, os punks, pregamos: passa na praça que os viados te abraça. (MACIEL, 2016)

Voltando a Maingueneau e sua visão sobre o fato literário em seu ambiente, que nos permite revelar seus objetivos além dos padrões ideológicos, de crenças e opiniões, - conectando-nos às explicações de Amaral (2018) - revelados no discurso de textos e imagens que integram o *Mova-se Caralho* e compõe esse jogo literário de localização temporal, social e espacial no oeste do Paraná e a relação deste com o movimento semelhantes do país e do mundo.

Voltaremos rapidamente às origens dos fanzines no Brasil para entendermos essa afirmação. Nas décadas de 1960 e 1970, Edson Rontani cria os primeiros fanzines perto de São Paulo que desenvolve uma relação entre a imprensa oficial e os desenhistas de histórias em quadrinhos desses impressos que entraram em discussão. Esse diálogo estabelecido por essas histórias em quadrinhos publicadas naquele momento são o que nos permite agora mapear a gênese nacional de um movimento que se ampliou até o final dos anos 90. Assim, nos colocamos diante da possibilidade de preservação de parte da memória social do país. (NEGRI, 2005)

Como sabemos, no mundo editorial do fanzine a comunicação acontece de maneira horizontal¹⁰ na maioria dos casos. Vemos que a proliferação de palavras e imagens são muitas vezes conflitivas, o que talvez possa ser relacionado à pluralidade de perfis que compunham os quadros de editores e os colaboradores do *Mova-se Caralho*.

Paralelo a overdose cultural, dentre as nossas “dependências”, rolou o II encontro estadual de cineclube. Muito papo furado, bebidas, drogas, sexo e vaseline. Alguns filmes e um lero sobre o cinema paranaense.

Os pintas que são fissurados em burocracia, chegaram ao orgasmo na hora da eleição da nova coordenação da federação. Ficou muito polêmico o caso [...] Again, os moderados prum lado e another os radicais pósputos. (*Mova-se Caralho*, nº2, p.4)

Zé Beto Maciel se torna um autor gerador dessa literatura que Maingueneau nos indica,

¹⁰Essa horizontalidade é relativa porque o editor marca uma linha política e ideológica indicando um caminho de trabalho aos escritores ou colaboradores que estão nessa sintonia.

pois em cada sujeito existe uma “vocalização enunciativa”, que é a razão pela qual existe a literatura, e que também mostra que a relação dos “sujeitos enunciadore e de seus presumíveis destinatários é inseparável dos gêneros de discursos utilizados.” (MAINGUENEAU 1997, p. 39).

Isso nos permite ver que o fanzine *Mova-se Caralho* está respondendo aos leitores de seu tempo, fazendo uso de uma estética que é contextualizada em uma corrente contracultural anarcopunk que se relaciona com outras similares no território brasileiro que mantêm correntes e opiniões ideológicas na mesma linha. A partir daí, fazemos essa comparação com o trabalho de Magalhães, que nos diz que eles mudaram suas orientações a medida que passam os anos 90 e inicia-se a primeira década do século XXI. Confirmando as influências dos movimentos zinísticos dos grandes centros, como podemos observar no trabalho chamado *A mutação radical dos fanzines*, de 2016:

A concentração da indústria cultural, incluindo-se aí as grandes editoras no eixo Rio de Janeiro/São Paulo, é mais um agravante para a veiculação de expressões regionais. O fanzine vem a ser, dessa forma, também veículo de grupos marginalizados cultural e geograficamente, bem como porta-voz de um tipo de contracultura que denominamos genericamente de underground, alternativa ou independente (MAGALHAES. 2016, p. 9)

Ratificando essa afirmação, podemos citar que a maior coleção de fanzine fica no sul do Brasil.

No Brasil temos o projeto Fanzinoteca Mutaçao, organizado pelo professor de Artes Visuais Law Tissot, na cidade de Rio Grande/RS. A partir da doação de sua coleção particular e um incentivo da Funarte, Law Tssot passou a compilar fanzines publicados no Brasil a partir de 2009. (FERREIRA. 2013, p.17)

Os autores responsáveis pelo fanzine aqui evidenciados parecem tentar estabelecer um estilo e uma maneira peculiar nos processos de criação que refletem, em alguma medida, as margens que se situam no sentido geográfico e estilístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento de contracultura buscou uma alternativa comportamental num contexto em que as pessoas se viam como meras consumidoras de uma sociedade capitalista. Isso inspirou o sentimento de humanismo para buscar harmonia entre os homens consigo mesmos e deles para com o universo.

Embora tenha se manifestado de maneira mais contundente nos Estados Unidos, devido a uma série de fatores, como a Guerra do Vietnã, a crise financeira e o aumento desenfreado do consumismo, ecoou em outros países, a exemplo do Brasil, onde a imprensa alternativa teve que se moldar às características e influências nacionais e regionais.

Com uma nova linguagem cheia de metáforas e neologismos, o fanzine *Mova-se Caralho* teve na personalidade de Zé Beto Maciel e Cássio Pirkel os seus principais divulgadores, que buscavam expor de maneira alternativa temas pertinentes a região trinacional de Foz do Iguaçu.

Nesta dissertação, observamos como o fanzine *Mova-se Caralho* trouxe muito do que seus editores defendiam como a busca de uma sociedade livre, principalmente por meio de discursos que conclamavam a coletividade para uma mudança social por meio da arte.

Observamos que o fanzine estudado transita pelas margens do academicismo e é exteriorizado em forma de uma comunicação alternativa. O *Mova-se Caralho* se identificava com um público universitário que bebia das correntes de uma contracultura da década de oitenta. Tinham ao seu redor um turbilhão de informações que revelam uma série de tendências que o conectam com o meio de comunicação local, pois o mesmo também se alimenta do cotidiano iguaçuense e suas fronteiras. Assim, há uma possibilidade poética que "é" e responde ao seu meio.

Agora voltemos a Caparelli, que nos diz que o Alternativo depende da conjuntura do panorama. Assim percebemos que o discurso que suporta o *Mova-se Caralho* se alimenta de vários símbolos e elementos inspirados numa temática contracultural que, naquele momento, foram aplicados para se relacionar com os jovens e principalmente com o público do cineclube, o que abria a possibilidade de novos leitores interessados em outra visão de mundo que não aquela propagada pela grande mídia, ou seja, pessoas interessadas por informações alternativas. Percebemos ainda que produções literárias alternativas de comunicação que ecoam características contraculturais podem também ser manifestações da literatura que se alimenta da cultura popular e acaba por reciclá-la esporadicamente. Portanto, o alternativo não foi aqui tomado como um elemento ou como comunicação unilateralmente, mas como uma combinação dos dois pontos de

vista.

Os fanzines em questão fizeram uso de estratégias de comunicação que acabaram combinando, alternando e resignificando diferentes elementos para representar o espaço e o tempo em que estavam inseridos, remetendo a uma estética particular que inclui o formal (academia, instituições, religião, cânones, política) e o cotidiano de um período recente da história de Foz do Iguaçu.

Para concluir, podemos dizer que o fanzine *Mova-se Caralho* é parte da literatura regional iguaçuense que fez uso do dinâmico discurso contracultural. Assim, observamos que a contracultura é um movimento que, embora tenha se manifestado de maneira primordial no final da década de 60, teve repercussões na década de 70, 80 e ainda perdura nos dias de hoje. Ela inspira posturas e comportamentos que podem ser considerados rebeldes, transgressores, insurgentes, mas que tem a capacidade de levar o indivíduo a refletir criticamente sobre a sociedade e seu próprio cotidiano. As visões de mundo compartilhadas no fanzine *Mova-se Caralho*, nos remetem a essa postura inquieta, contestatória e esclarecedora que é a base fundamental do pensamento contracultural.

REFERÊNCIAS

Obras sob estudo

FANZINE MOVA-SE CARALHO. Foz do Iguaçu, v. 1, p. 1-16, abril 1987.

FANZINE MOVA-SE CARALHO. Foz do Iguaçu, v. 2, p. 1-16, julho 1987.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

ADORNO, Theodor W, *HORKHEIMER*, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

AMARAL, Adriana. **Visões Perigosas: Uma arque-genealogia do Cyberpunk**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

AMARAL, Yuri. **Fanzines [recurso eletrônico]: reflexões sobre cultura, memória e internet** /Yuri Amaral - Foz do Iguaçu (PR): EDUNILA, 2018.85 p. Formato PDF. Modo de acesso: <https://unila.edu.br/sites/default/files/fles/fles/fanzines.pdf>

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO - "**Brasil: Nunca Mais**". Petrópolis, Vozes, 1985.

ARRUDA DE MOURA, Sérgio. **O lugar das letras: a literatura e a paratopia do autor**. *Revista Contemporânea*. N 7. 2006-2. pag 9-18.

BIVAR, Antonio. **O que é punk?** São Paulo: Brasiliense, 1982.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura** /São Paulo: Paulus, 2014. — (Coleção Temas de Comunicação)

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARROS, Patrícia Marcondes de. **A imprensa alternativa brasileira nos “anos de chumbo”**. *In: Akrópolis*. Umarama, v. 11, n.2, abr./jun., p.63/66, 2003.

BASAGLIA, Ana Paula. **Fanzine e design gráfico: exercícios de autonomia e criação** / Ana Paula Hoffmann Frittoli Basaglia. – 2016. Orientadora: Ana Mae Tavares Bastos Barbosa. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2016.

CAPARELLI, Sérgio. **A imprensa alternativa revisitada**. *Revista de Biblioteconomia e Comunicação*, Porto Alegre, v. 3, 1988.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luis Carlos Maciel**. Tese de doutoramento apresentada na Universidade de São Paulo para obtenção de título de Doutor em História, 2008.

CARVALHO, Salo de. **Das Subculturas Desviantes ao Tribalismo Urbano**. In: https://www.academia.edu/2644084/Das_Subculturas_Desviantes_ao_Tribalismo_Urbano

CHINEM, Rivaldo. **Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação**. São Paulo: Ática, 1995.

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. **Teoria cultural de A a Z**. São Paulo: Contexto, 2003.

FERNANDES, Alessandro Wilson Gonçalves Reinaldo. **O discurso do cotidiano nos fanzines punks brasileiros (1981-2010)**. 2013. 145f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) –Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2013.

FERREIRA, Glauber West. **Produção de fanzine e circulação de informação no Movimento anarcopunk no Brasil nos anos 1990: um estudo do Favo de Fel**. Trabalho de conclusão (graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Biblioteconomia. PortoAlegre, 2013.

GALLO, Ivone. **Por uma historiografia do punk**. Projeto História (PUCSP), v. 41, p. 298-308, 2010.

GELAIN, Gabriela e SANTANA, Giovana. **Fanzine e subcultura punk: produção, consumo e identidade na cena Brasileira**. 2016.

GINSBERG, Allen. **Uivo: a graphic novel / Allen Ginsberg**; [ilustrado por Eric Drooker; tradução de Luis Dolhnikoff]. São Paulo: Globo, 2012.

GOLDFMAN, Ken; JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu a cultura digital**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

KEMP, Kênia. **Produção e circulação de ‘fanzines’ de ‘rock’**: Reflexões sobre a Produção de Estilos e as Relações com a Cultura de Massas. In: Intercom. Anais. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 1996. Disponível: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1fc56aed30b7ed018cfc965de866a133.pdf> Acesso em: 10 jul. 2019.

KRÜGER, Cauê. **Impressões de 1968: contracultura e identidades**. In: *Acta Scientiarum. Human and social sciences*. Maringá, v. 32, n. 2, p. 139-145, 2010.

MACIEL, Luis Carlos. **Nova consciência: jornalismo contracultural – 1970/72**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda, 1973.

MACIEL, Zé Beto. **Anarquistas, punks, cineclubes e os anos 80**. Diário H2 Foz data: 06/11/2016, em internet: <https://www.h2foz.com.br/planeta-foz/anarquistas-punks-cineclubes-e-os-anos-80>

MAGALHAES, Henrique. **A mutação radical dos fanzines - 2ed / Henrique Magalhães - Paraíba**: Marca de Fantasia, 2016. 85p.: il. (Série Quiosque, 9) ISBN 978-85-67732-48-0

_____. **Fanzine: comunicação popular e resistência cultural.** Visualidades. Revista do programa de mestrado em cultura visual - FAV I UFG

_____. **O que é fanzine.** São Paulo Editorial Brasiliense. p.79. 1993

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso.** 3. ed. Campinas: Pontes; Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Termos-chave da análise do discurso.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. **O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

_____. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001b

MILANI, Marco A. **Fanzines brasileiros, leitura e discurso.** In: Revista Imaginário!, v. 4, jun. 2013, p. 140-162., 2013. Disponível em: <http://www.marcadefantasia.com/revistas/imaginario/imaginario-01-10/imaginario-04/imaginario-4-online.html> Acesso em: 20 jun 2019

Mello, Moreira de; Maria, Celina. **Reseña de "Contre Saint-Proust ou la fin de la littérature de Dominique Maingueneau.** Alea: Estudos Neolatinos, vol. 8, núm. 2, julho-dezembro, 2006, pp. 283-291 Universidade Federal do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, Brasil

NEGRI, Ana Camila. **Quarenta anos de fanzine no Brasil: o pioneirismo de Edson Rontani.** Trabalho apresentado ao NP – Histórias em Quadrinhos, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

O'HARA, Craig. **A filosofia do punk: muito mais do que barulho.** São Paulo: Radical Livros, 2005.

OLIVEIRA, Antonio C. **Os fanzines contam uma história sobre punks.** Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

PERRONI-MOISÉS, Leila. **Texto, Crítica, Escritura.** São Paulo: Ática, 1978.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura.** Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1972.

SILVEIRA, Edgar. **Panorama dos Quadrinhos Subterrâneos no Brasil.** Arquiteto pela Univ.de Brasília e aluno especial do Curso de Mestrado em Artes Visuais da UNESP (Universidade Estadual Paulista).

SCHWARZ, Roberto. **Sequências brasileiras: ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ZAVAM, Aurea. **Fanzine: A plurivalencia paratópica. Linguagem em (Dis)curso - LemD,** Tubarão, v. 6, n. 1, p. 9-28, jan./abr. 2006

ANEXOS

ANEXO A – MOVA-SE CARALHO N 1

Nº 1 - Anus 1- abril/87 -



cineclubismo é coisa séria.

Estamos de saco cheio com o que instalou-se no movimento cineclubista, principalmente na Dinafime. Nossos guerrilheiros recentemente treinados no Líbano estão dispostos a tudo. Colocam uma bomba na Dina e arrebentam aquela bosta, pu capam o Diogo, como preferem os moderados. Essa estorinha de que devemos esperar a jornada pra decidir as coisas é abobrinha. Trucidamos esses putos e mudamos essa porra de estatuto a baia. Nós somos fodas, a liás, fodões. Somos contra tudo e contra todos. Contra o Diogo que formou um "trem da alegria" e transformou a Dina num antro de corrupção. Contra a Federação Paranaense que promove encontros só pra fazer surubas. Contra as Federações paulista, capixaba e baiana (feia-se partiidão), que pensam que cineclubismo é "clube de golpismo". Contra a federação carioca que está de olho no C.N.C. Contra as meninas de Medianeira que nunca entram na dança (não dão mesmo). Contra a UNE e UPE um bando de sapatões e bichas mal armadas. Contra a constituinte, o santo papa, a Gnose (assexuados e estereis), o sexo dos anjos. E contra essa merda de bosta do Brasil. Não sei por que não saímos destruindo tudo, a Itaipu, o congresso nacional e a ponte rio-niterói, como preferem os radicais. Somos afins de moralizar o movimento. Beijo de língua, mão na xana e no caralho é coisa de palzinho subdesenvolvido. Esses viados assumem o que fazem ou arrancam os seus cérebros pra fazer sorvete. Somos tarados por sorvete. É bom e recomendável tomar uma cor pra jornada. Vamos currá-los, queima-los vivos e comê-los de sobremesa.

PASMEN ANJOS

Porra, louquei o caralho. Um aviso praquela Judeu-polaco, filiodaputa, que atende pelo nome de Genésio, e que infiltrou-se no movimento e não faz porra nenhuma:

"NÓS VAMOS MATÁ-LO"



fazdefoz

irmãos.

Chegamos.

Alfás, estamos aqui há um bom tempo. Resolvemos ser originais. A

originalidade é apenas uma imitação melhor que as outras.

Este boletim sai hoje.

O próximo sai amanhã. Esperem. Sabemos que produzir algo nesta cidade é uma merda maior.

O cineclube é pra isso mesmo. A cidade vai continuar como está ou ficar mais, é o que esperamos.

Vamos invadir todos os espaços. Levaremos cinema, cultura & ejaculações precoces a todos. Não vai sobrar um. Bares, bairros, bolões, escolas, favelas, igrejas e cadeiras. Todos, sem distinção, vão entrar na dança. Podem levar o papagaio, a farofa eo beasadinho. Esta cidade precisa ter acesso ao cinema de arte ou independente. Vamos

criar um polo cultural independente e alternativo, reunindo

peças e interessados aliás, para aprender a fazer cinema e talvez filmes.

Vamos entrar na briga pela tal casa da cultura. É uma fudeção

uma cidade como esta não ter um local onde os artistas

loquem punteiros e troquem palavras.

Meus velhos estão de saco cheio de tanta reunião na hidro da novela.

Precisamos de espaço. A arte está

pela cultura como a cultura está pela arte

e vice-versa. E tudo esborrinhado e estorrido

cançados disso. Vamos trazer os melhores filmes

já rodados no Brasil e outros que vocês nunca viram.

Abaixo a pornografia; não que sejamos contra, é que só tocar bronha - também enche o saco, ou

melhor, esvazia e dá calo. Nisso nós temos experiência. Promoveremos encontros, festivais, cursos, palestras, orgias e bacanais, tudo ligado ao cinema, claro. Vamos destruir os

enclaves americanos e as novelas da Globo. Menos a des oito que a minha mãe adora. Todos os

interessados em participar desse cineclube são bem vindos a bordo. Estamos de braços e pernas abertas. Esperamos fazer a cabeça da mocada.

Damos preferência às mulheres e bichas. As bichas são pros tempos de vacas magras.

A tchurma da pastoral da juventude já está participando. Não discriminamos ninguém, trapamos todos. Procurem os redatores desse boletim.

Telefônem ou deixem recado, sem balcaria no telefone, minha mãe é brava. Esperamos todos e aguardem.

O QUE SERÁ DE FÓZ SEM NÓS

PAR AVION

libertária

COMICS & MUSIC

CINECLUBISMO E ROUPA SUA

MOVIA

baricadas

Manifesto

UMA FORÇA: ELARI R. ALMEIDA VALEU!!

anti-guru

Overdose

Federação

Cineclube

'Foz do Iguaçu'

Tiragem: 1.000 exemplares

MOVA - se Caralho

Redação / Composição / Diagramação:

Zê Beto Maciel & Cassio Pirkei

Efeitos Especiais / Alucinações:

Cassio Pirkei & Zê Beto Maciel

Colaboradores:

Zê Gil

Crumb

Frei Betto

Gilbert Shelton

Beto Petry

Baudelaire

Anônimo

Leon Ferrari

Moebius

Salvatore Damiani

Sergei Iessenin

Athaulpa Yupanqui

Tantos&Outros

Contatos com:

- Zê Beto Maciel

Av. J. K. 577 (Baluka Encontros)

Fone: (0455) 72-3366 cep 85.890

Foz do Iguaçu - PR - Brasil

- Cassio Pirkei

Rua Vereador Noacir Pereira 1004

Fone: (0455) 74-2255 R. 243 85890

Foz do Iguaçu - PR - Brasil

- MOVA se Caralho é órgão oficial de contra-

informação e do cineclube Foz do Iguaçu.

- Os artigos assinados não representam neces-

sariamente nada.

Carta ao Oswald

3

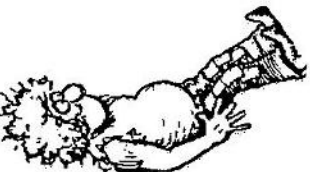
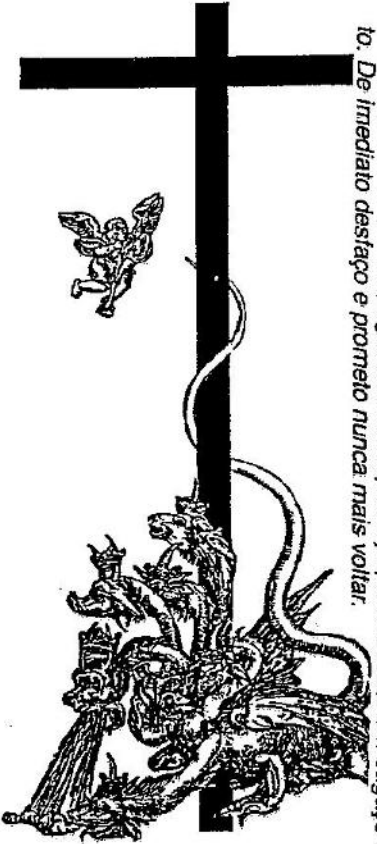
Envio minhas merdas, alívio minha alma por ter tido coragem e saco. Para meio entendedor, meia palavra, bosta. Considere ainda que sentimento só se tem das pernas; e que por hora os artifícios da sorte ainda sobrepõe aos dos burocrats, begônias e flores du mau. Li alguns vivos seus. Naquela noite em que a lua foi ao cinema, eu viajava na overdose da minha melancolia com uma câmara na mão e uma puta dor de cabeça. Oswald, se por um lado não existe nenhuma vantagem na glória, por outro lado é inglorioso esconder-se por trás da modéstia. Felicito-o. A omissão é uma molestia.

No século passado a prepotência dizia: Stendal por favor, os tapetes. O vermelho e o negro. O poeta provinciano que nunca saiu do seu interior,, quer ver o mar. Amar, amargamente, armar uma revolta e cuspir em todas as ofensas. Babar pelo que anda la-
teando em baixo dos sonhos dos vestidos rendosos. Finalmente, resignar-se, ser apenas um, com um final privé. Mulher e filhos. Uma casa de campo e assistindo TV. Sem planos nem desejos, apenas na cabeça seus cabelos. Agonizar na janela sem querer dar por si e só saber que a luz dos tempos brilhantes ainda vagueia, em qualquer canto com qualquer pretensão egoísta. Ser apenas outro que deixa a vida entregando-se de braços e beijos na tumbacheira de coca-cola. Carregar um naco mocoçado nas abas do casaco e fazer lascas das cabeças de negros. Duas velhas brocas. Escapar correndo voando igual um crime sem castigo numa prisão da Sibéria. Ainda apaixonar-se por uma puta, guerrireira e manequim. Lavar seus pés numa bacia com o rosto da impiedosa virgem maligna. Iniciar uma canção romântica em si maior, sentindo-se total. Só pelas notas que vão nos bolsos. Si strepat... enfiar a cabeça de napoleão num chapéu tradicional e rodar sem rodeios até ficar tonto de fissura e físson. Vomitar meus gritos e uivar meus sonhos. Entendendo o tato como processo apológico disso que me veio assim na asneirosa sequência dos dias. Estranho jardim, diagnóstico para vidas vazias e sacanas. Na ânsia de rasgar um espaço, cai solenemente agora nos braços daqueleritua. Alguém enfim se despiu com seu mito. Hora em que milto e num palavra, reiro tudo o que disse.

Se puder responder, aguardo; nem que seja para receber um bagaço de tudo que saiu dessa overdose e constituiu-se de fato. De imediato destaque e prometo nunca mais voltar.

Abraços...

Beto Peiry





hecatombe europeia



Em recente viagem à Europa, África do Norte e Oriente Médio, mantive mos vários contatos, sofremos algumas baixas e experiências. Trouxemos na bagagem, um vasto material cultural de diversos movimentos e 5 Kg de ácidos e heroína. Um intercâmbio com anarquistas italianos, franceses e ingleses foi determinado para este ano. Podem preparar suas camas para recebê-los. O pique dos movimentos anarquistas é diferente nos vários países da Europa. Da África do Norte e do Oriente Médio depois a gente fala. Lá fomos fazer turismo, guerrilhas no Líbano e conhecer algumas revoluções. Em Amsterdã, onde quatro dos nossos ficaram em estado de coma (estão até hoje) todos os tipos de drogas circulam livremente. Num coiffe-shop você chega, entra e senta. Pedir uma coca-cola, vem junto uma grama de coca, espelho e canudo, um beize de faxixe e outro de maconha. O menu possui todas as drogas imagináveis e suas diversas variações e combinações. Não dá pra guentiar. Os punks de Londres moram mesmo no metrô, ou melhor, dormem. Uma violenta briga entre punks e polícia contou com a nossa parti-



cipação. A Scotland Yard não toma jeito, simplesmente armaram esse tedêu porque dois punks curraíram algumas velhinhas no asilo Winston Churchill. Dá pra segurar? A camifcina foi geral na estação floraville.

Pegamos nossas armas (), foi um sufoco. Felizmente não tivemos baixa (só dois mortos).

A Federación Anarchist Francaise é uma elite anarquista. Eles possuem possuem livrarias, editoras, quatro jornais em circulação e duas rádios. Na França não existe rádio pirata. Você monta a sua e o governo libera na hora. As coisas estão ficando ruins com o Chirac. Os anarquistas franceses discutem muito e mantem o movimento com gordas contribuições. Foram os estudantes anarquistas que iniciaram a greve que deflagrou num movimento igual ao de 68. Eram cinco, apenas uma semana depois tiveram mais adesões. A polícia matou um e aí não deu pra segurar. Derrubaram a reforma que o Chirac queria fazer. Foi através desse movimento que os metroviários se motivaram e paralisaram a França.

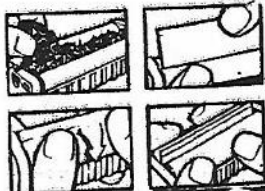
Aqui no Brasil a UNE é uma bosta, aliás, todas as entidades estudantis são escolinhas de políticos safados e corruptos. Mas é na Itália que o movimento anar-

quista é amplo. Os italianos, iguais aos brasileiros, adoram futebol. Os anarquistas estão de saco cheio disto. Invadiram vários espaços ociosos do governo: escolas, um forte, um centro social, um campo de futebol e algumas residências oficiais, isto só em Roma. Essa ideia nos fissurou, esperem. Eles agitam também algumas rádios, a principal é a rádio "Onda Rossa", um centro de contra-informação e alguns bares, claro. Cruzamos com um grupo de Madri, o pessoal da rádio Onda Verde. Tavam preparando a greve geral dos estudantes espanhóis.

Fora, dois meses e meio de intensas atividades e contatos. A Europa está querite, um horror.

Não só o movimento anarquista está crescendo, como também os fascistas e os nazistas estão se organizando. Le Pen e Waldheim sabem disso. Os interessados em receber essas informações de lá, peçam pelo correio. Não aceitamos cartas-bombas. Temos endereços, lugares onde podem ficar na faixa, trabalhando e tanches mil. O barato não é tão difícil assim. Um dos nossos passou esse tempo todo com duzentos e oitenta dólares no bolso. É fácil, basta tentar. No próximo número contaremos nossas experiências na África.

Arrivederci
Frei Betto



SPAZIO
RISERVATO
PER LA
PUBBLICITA

GOLETTA
N° 737249
L. 1406
COMUNICAZIONE

INFORMATION
LIBRE



MAL
POSSO
ESPERAR
PRA CHEGAR
EM CASA
E VER
ISTO!



E ENQUANTO ISSO A
GENTE APROVEITA E
CURRA AQUELA GAROTINHA
DE 4 ANOS ALI DA
ESQUINA.



Solidariedade à Líbia — 1º Aniversário do ataque norte-americano a Trípoli e Ben Gazi

Dia 15.04.1987 — Local: Coreto da Rue das Flores (Praça Osório)

das 18 às 22 horas — Músicas, exposição de fotos e cartazes
20 horas — apresentação de grupos musicais
22 horas — projeção de filmes ao ar-livre

UM ATAQUE CONTRA TODA HUMANIDADE

No próximo dia 15.04 terá o aniversário do ataque norte-americano a Trípoli e Ben Gazi, as duas melhores cidades líbias.

Esses ataques representam um alerta para toda a Humanidade para a falta de escrúpulos do Imperialismo norte-americano, que não exitou em bombardear as populações civis de Trípoli e Ben Gazi durante a noite, enquanto o povo dormia. Foi um ataque covarde e injustificável que vitimou dezenas de pessoas inocentes, entre as quais a filha caçula do líder revolucionário Muamar Kadafi.

POR QUE?

A versão divulgada pelo Imperialismo norte-americano foi a de combater o terrorismo. Mas os ataques foram feitos a zonas residenciais.

Para os Estados Unidos da América, terroristas são todos os povos que se libertaram da escravidão e da exploração imperialista, seja a Líbia, a Nicarágua, Palestina, Líbano, Angola, Moçambique, etc.

Na realidade, os EUA atacaram a Líbia porque aquele país está dando um exemplo ao mundo. Num mundo dividido entre duas teorias — capitalismo e comunismo — a Líbia apresenta uma terceira teoria, onde não existe governo representativo mas poder popular, onde as riquezas, o poder e as armas foram entregues ao povo; onde não existem vereadores, deputados, governadores, etc. Ninguém representa ninguém porque o povo mesmo governa através dos Comitês Populares e Congressos Populares; onde os trabalhadores não são assalariados mas sócios na produção; onde a casa é de quem mora nela e todos têm onde morar; onde a terra não é propriedade de poucos mas de todos aqueles que desejam cultivar a terra. Esses exemplos são perigosos para os imperialistas, aqueles que enganam e exploram os povos. Além disso, o povo líbio tem demonstrado solidariedade efetiva para com os povos que lutam por libertação, em qualquer parte do mundo. E os EUA têm medo desse apoio e solidariedade entre os povos oprimidos porque se eles se unirem o império norte-americano cairá por terra.

QUEM SÃO OS TERRORISTAS?

Os Estados Unidos acusam a Líbia, Cuba, Nicarágua, Irã, Moçambique e outros países de protegerem o terrorismo. Mas essas acusações levianas e mentirosas têm o único propósito de tentar esconder o verdadeiro terrorismo de Estado que os EUA praticam na Nicarágua, no Líbano, em El Salvador, em Angola e muitos outros países.

Os EUA financiam o terrorismo dos contra-revolucionários nas fronteiras de Honduras para atacar a população civil e os camponeses nicaraguenses. E, por isso, os EUA não são terroristas?

Os EUA financiam a contra-revolução em Angola e Moçambique. Financiam as sabotagens militares aos complexos industriais e estradas daqueles países. E, por isso, os EUA não são terroristas?

Os EUA patrocinaram as invasões da Palestina e do Líbano. Forneceram armas para a promoção de massacres inomináveis. E, por isso, os EUA não são terroristas?

Os EUA sugam e exploram o sangue do povo brasileiro através dos bancos estrangeiros, através de uma dívida externa e compromete toda a economia do nosso país. Em consequência dessa exploração, a economia do país encontra-se tumultuada. Milhares de brasileiros morrem de fome e miséria enquanto os bancos e as empresas multinacionais estrangeiras — na maioria norte-americanas — ficam cada dia mais ricas. E, por isso, os EUA não são terroristas?

NOSSA SOLIDARIEDADE

Nós, brasileiros participantes dessa manifestação, estamos solidários com o povo árabe líbio. Estamos solidários com o povo da Nicarágua, Angola, Chile, Líbano, Moçambique, Palestina, El Salvador e todos aqueles que desejam construir um futuro de paz e prosperidade, onde não existam fome nem miséria causadas pela exploração dos países imperialistas.

Federação Paranaense de Cineclubes



GUERRA IMPOSTA
PAZ IMPOSTA



Acabo de contemplar um pavoroso, um emocionante incêndio. A fábrica, antro horripilante de injustiças, ficou reduzida aos alicerces. As chamas, chammas reparadoras duma escravidão milenária, fizeram, em algumas horas, o que os homens, em anos de incessantes prédicas, não foram capazes de realizar.

Fui dos primeiros a chegar. O incêndio não havia tomado ainda as proporções gigantescas que foram depois o terror de todos. Lentos como tartarugas, chegavam os bombeiros, e iam preparando os trabalhos de extinção.

Um compacto grupo de povo, estacionado em frente do lugar do sinistro, fazia os mais diversos comentários, enquanto o fogo, com seus raios de visão apocalíptica, lambia as paredes das casas vizinhas. A fábrica ardia crepitando monstruosamente, derretendo-se, arrastando consigo todos os artefatos que, junto com o suor dos operários, constituíam uma boa parte da riqueza do patrão.

Os comentários do povo espectador eram os mais desenhados, os mais diversos. Sarcasmos, imprecações, lágrimas, soluços afogados...

Dois mil trabalhadores ficaram na rua, expostos à falta de pão para o dia seguinte: Murmurava-se que o fogo parecia estar de acordo com a crise, com a guerra, com essa horripilante guerra que consome inutilmente o melhor das

energias humanas.

A fábrica era uma espécie de casa feudal. Ali se sucediam as gerações. De avós a netos, destes a outros netos, todos davam a sua seiva, fecunda e boa, à casta de zangões que, como donos, também se sucediam ali.

O patrão possui outras fábricas, muitas fábricas, onde honradamente protegia e dava de comer a milhares de trabalhadores. O incêndio, para ele, não tinha maior importância, visto estar tudo no seguro, em várias companhias. Os trabalhadores é que sofreriam as consequências imediatas do desastre, lançados à rua, expostos à insegurança aterradora do amanhã.

Por isso os comentários, em frente ao fogo, eram todos de pessoas interessadas. E através das chamas que rapidamente comiam a fábrica com fome feroz, com fome de demolidora justiça, os interessados, os que ficavam sem nada com a perda da fábrica, tinham a visão das negruras do porvir. O patrão era tudo, era-lhes absolutamente indispensável; dava-lhes, mediante pagamento, a casa em que viviam, vendia-lhes os comestíveis, proporcionava-lhes trabalho...

Era como um bom patriarca, que sofria quando sofriam os seus trabalhadores, que gozava quando eles gozavam. Viviam, patrão e operários, as mesmas emoções, estavam ligados a idênticos interesses... Havia apenas uma pequena, uma insignificante diferença: o patrão era rico e desfrutava, sem trabalhar, todas as delícias da vida,



ao passo que os trabalhadores, irmãos menores do patrão, trabalhavam desde crianças até a velhice, sofrendo as penúrias da escassez e da fome.

Um incêndio, quando é justo, quando é bom, provoca o espasmo de excelsos prazeres, de emoções sublimes. Tem alguma coisa de maravilhosamente trágico, que no faz entrever o modo como ruirá o velho mundo de mentiras e tartufismos convencionais.

Os nervos, em extrema tensão, que tendo rebentar em estalidos de rebeldia, nos dizem e nos dão a sensação equânime e real das coisas. Falamos, sem preâmbulos metafísicos, desse regime novo que há de surgir do fragor da fogueira, do fogo renovador e santo.

Diante do fogo, como diante da vida, vemos ao longe o porvir luminoso que sonhamos. O esquema construtivo, a síntese de um mundo melhor. O complemento, merecido e esperado, à obra dos tiranos de todos os tempos.

O fogo é artístico e estético. Duma beleza inimitável, parece essa música de Wagner que nos retrata nos tímpanos e no coração as convulsões espasmódicas dos elementos em eterno movimento. Parece o vaivém, em guerra aberta, de filosofias, tendências, sistemas. A Justiça abrindo passo, rompendo todos os muros que se lhe opõem, afirmando a verdade e a razão.

Anônimo

botandoprapoder

-CHAPA ANARQUISTA-

... e como diria um teatrologozinho aí, infeliz não é a terra que não tem heróis, mas a terra que precisa de heróis - $Kv2 - V(r) - Xy^2$ incerteza nas grandezas complementares K-2 nenhum diador tem direito de ser diador, não importa os seus alegados princípios revolucionários, abaixo a tirania, é necessário erradicar o ódio, matemos o carneiro que existe em cada um, a mesa da assembleia, o professor e o reitor. Viva a insurreição. e eu volto a insistir que a política não se restringe à política institucional, felta nos espaços institucionais, é algo que transborda o âmbito destas tertúllas, o sangue derramado pelas imutáveis instituições autoritárias escorrendo pelos caminhos até então inexistentes, florescendo o indivíduo no todo que há em nós, temos de desmontar os aparelhos repressivos, consenso, quem representa esses aparelhos? confusão, solução? desmonte sua cabeça, seja livre e aja diretamente porque eu não tenho solução pronta pra usar, não tenho nada a ver com isso - ou quase, libertar, reelaborar tudo o que existe de execrável na autoridade de forma a transformá-la em plogfior, não estamos contidos em alguma cabeça iluminada, não estamos contidos, jogamos fora a focinheira e vamos sair mordendo, a manobra transformou a assembleia num museu vivo de cordeiros empalhados pelas suas garras centrais, ela usa cílios postiços, eu quero as paredes livres para nada escrever, já dizia minha avó: quem não quer fazer manda, ou então, se deixa mandar, assembleia sem mesa, tem manobras, só idêlat, indivíduos e ação, a luta na mão de cada um, direta, o velho amigo me dizia: solidariedade, liberdade, liberdade, liberdade, como é duro fazer o que queremos, a auto repressão faz a gente tão infeliz quanto aquela que vem dos outros, considerando que é fundamental garantir novas formas de expressão é imprescindível passar ao próximo parágrafo.

desmascarar as abstrações atrás das quais se escondem as vanguardas, como sociedade, povo, movimento, ausentes etc.

trata-se de pensar e optar por nós mesmos e não dando espaço para a prostituição da delegação de poder consumada por indivíduos escondidos atrás das "avaliações" que reduzem a "massa" a paisagem dominada, ofensiva total contra a fragmentação em papéis, não só (mas também) somos estudantes, até quando mãos erguidas em sonegação, até quando mesas gritando: você deve três minutos e trinta segundos, até quando o consenso fundado na preguiça? "existimos erradamente no pressuposto que nossa vida seja regida por leis que nos são impostas, assim, ao nascer já estamos inexoravelmente perdidos" (Ahad Aham), se a característica do movimento estudantil tem sido a austeridade suspeita das lideranças, a partir de agora devemos construir um movimento que seja a festa auto-criativa da revolução, daí minha mãe disse: "bem aventurados os pobres de espírito, porque deles será o reino dos céus" chega de falar em unidade, o movimento não se faz por decreto, mas através da discussão entre as pessoas que o constituem, desculpem o embaraço, mas é que esse é o meu primeiro manifesto grupal que eu faço, eu só diria aqui, nada mais nada menos que... que ... por favor, será que posso ir ao banheiro? finalmente um manifesto sem caráter, contra a cultura de liquidificador e o gado que vota, e da bosta nasceu o cogumelo.

- Fim de reitores, UNE, UPE, DCEs, CAs
- Comites Revolucionários nas Escolas

campanha

Colabore com o pagamento da Df. vida Externa brasileira. Recorte este dolar-massa e envie para o seguinte endereço: Banco Central do Brasil - Setor bancário sul - Ed. Sede 209 andar - cep 07070 - Brasília - Distrito Federal



ECCOVI, COME PROMESSO,
LA STORIA DI CRUISE
CON IL CORRETTO ORDINE
ORA PERO' MANCANO I
TESTI! ... RIEMPITELI!
VOI E SPEDITELE!
PIU' SPIRITOSI SARANNO
PUBBLICATI NEI PROSSIMI
NUMERI DI LOBOTOMIA!
AUGURI!



leroforever

8

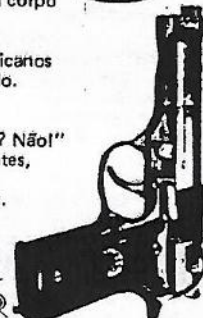
E o seguinte, todos sabem que colocar um fanzine em circulação não é fácil. Além do mais, estamos com a polícia no nosso encalço cobrando uma porrada de cheques frios e o advogado das nossas ex-mulheres exigindo a pensão dos nossos ex-filhos. Não é mole. Ainda não decidimos se este fanzi sai quinzenal, mensal,

anal ou oral. Se você pretende recebê-lo continuamente, acuse e pelos menos envie os selos. Recebemos também contribuições em dinheiro ou doações. O babaca que enviar o dolar-massa de volta é um viado.

os editores

POEMA PARA UM SOLDADO (Gil)

Quando criança corria livre
pelos campos da Carolina do Norte,
e sonhava conhecer Hollywood
e beijar os seios de Marilyn Monroe
— sem suspeitar de sua vida vazia,
porque as estrelas são belas, e é só.
Quando criança idolatrava Walt Disney
e trocava revistas e figurinhas,
como qualquer criança do mundo.
E aos domingos ia ao culto,
e dos seus olhos brotavam lágrimas
ao saber dos sofrimentos do Senhor.
E quando cresceu, aprendeu os hinos,
o amor à pátria, à lei, à bandeira,
e sentiu orgulho de ser
cidadão norte-americano.
Um dia foi convocado
para defender a América, o berço
da liberdade.
Vestiu a farda e partiu.
Alguns meses depois mandaram seu corpo
de volta, sem vida, para a família.
Seu nome não importa, é a história
de milhares de soldados norte-americanos
mortos em diversas partes do mundo.
E aqui no Brasil eu pergunto:
"O que você foi fazer em Beirute?
Trabalhar? Não! Ajudar os homens? Não!"
Foi matar e torturar pessoas inocentes,
foi defender a indústria bélica,
a riqueza de uns poucos capitalistas.
Por tudo isso, eu conclui:
"Ainda bem que te mataram".



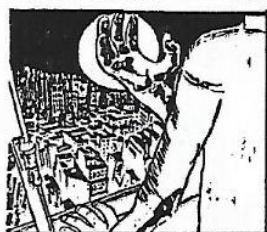
NÓS ACREDITAMOS EM DEUS



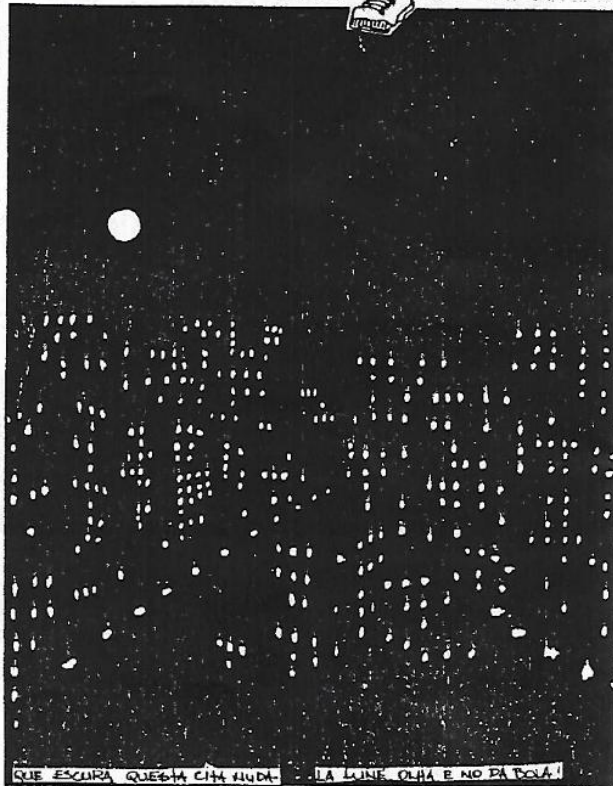
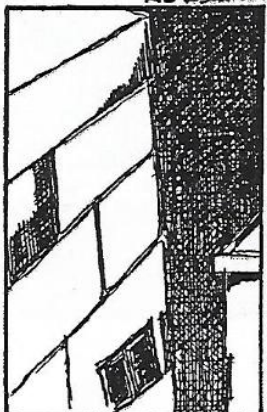
CASSIO PIKEL
& BETO MACIEL
APRESENTAM:

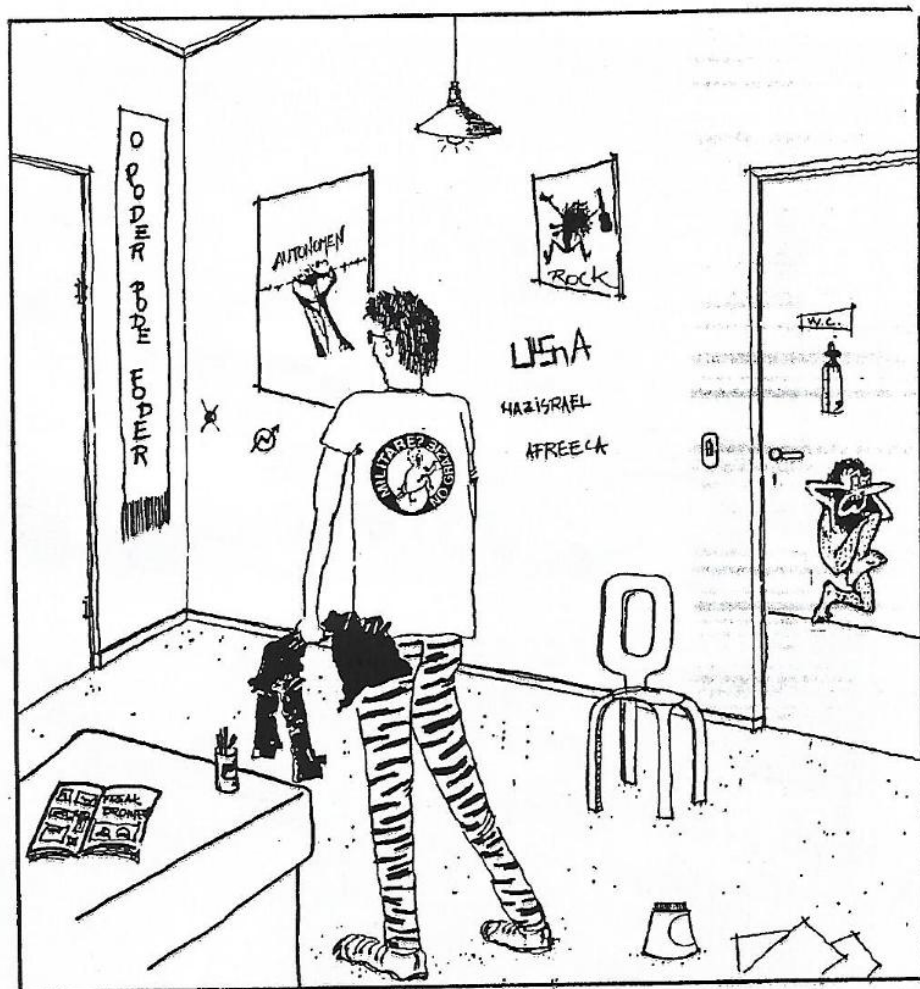
Flores do Mal

UM HOMEM NÃO PARTICIPA NECESSARIAMENTE DAS IDEIAS DO SEU SÉCULO!



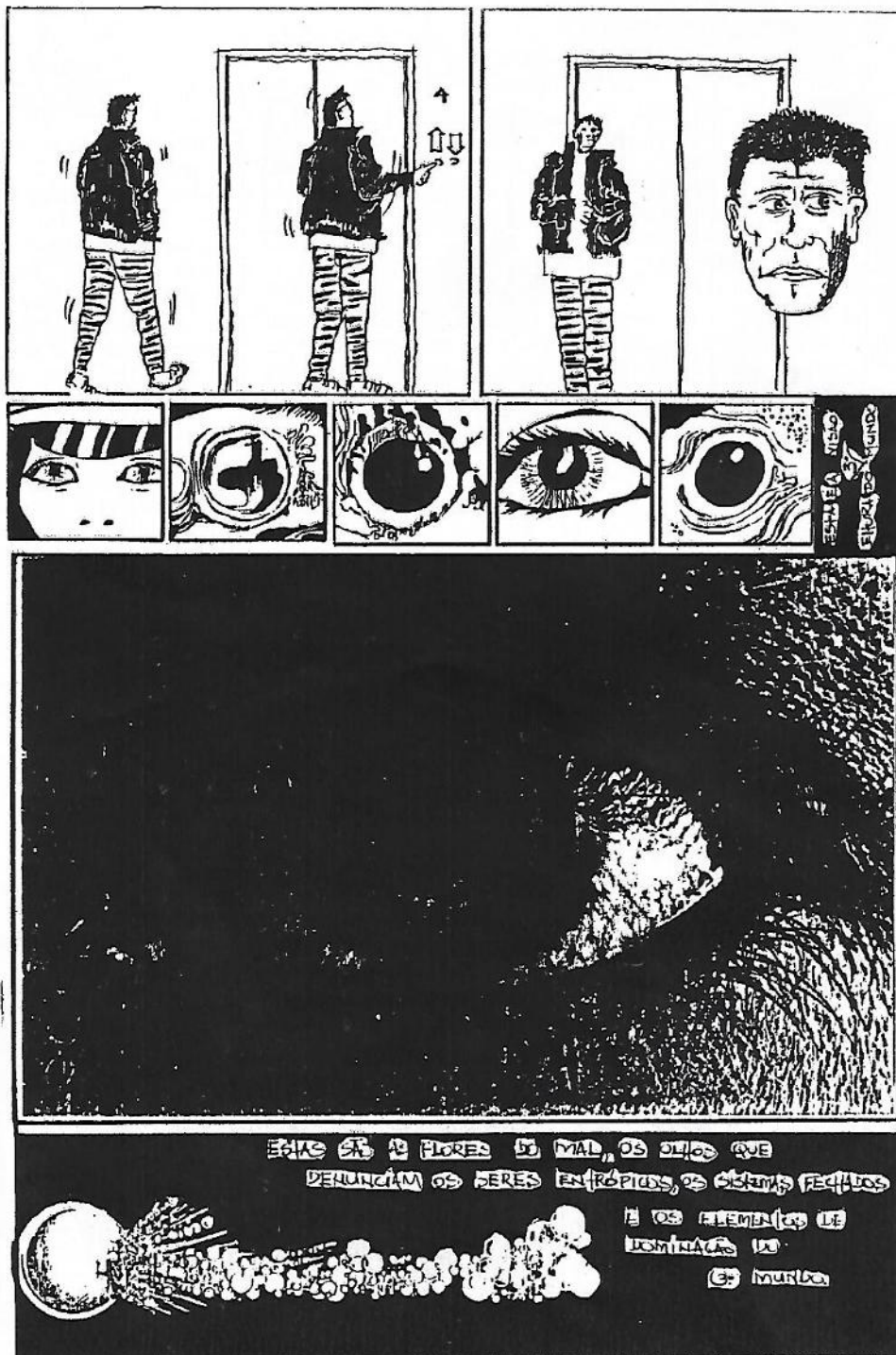
ESTOU SÓ
DE PASSAGEM
A MARGEM
DIUM GRITO
NO ESCURO.





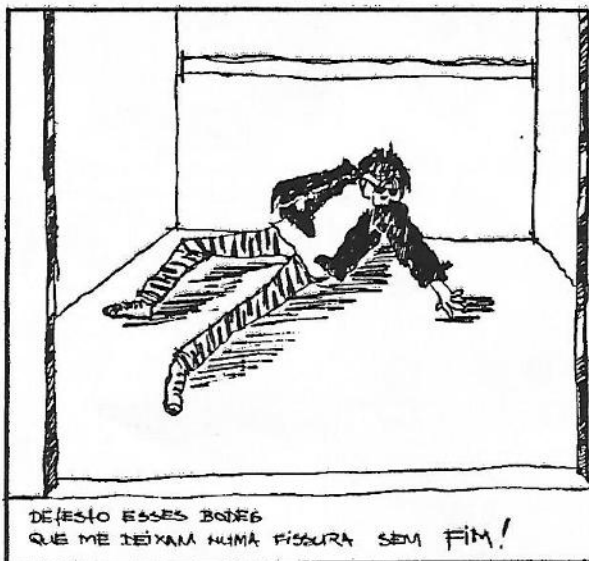
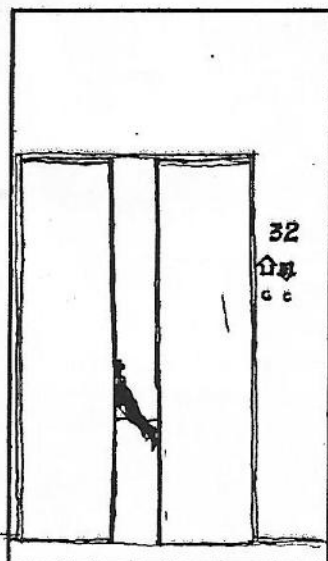
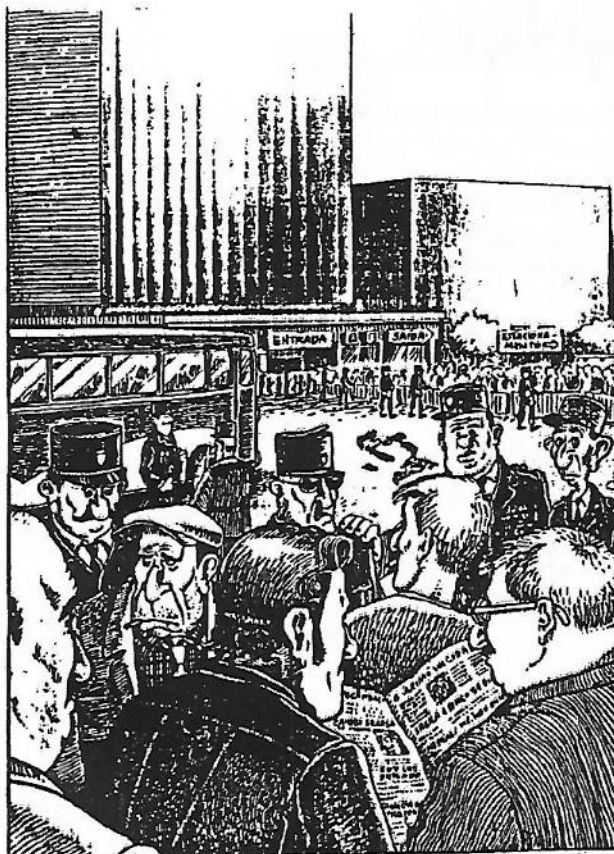
ENCHER A CARA EM CERTOS
DIAS DA SEMANA
FOI SEMPRE A AMBIÇÃO DOS
POBRES
SERES ALIENANTES, ALIENADOS,











DESOBEDIÊNCIA

16

coturnosnochãoempoeiradosmáquinasdatilográficas
 cuspindopanfletosfuzilnamãonoutracanetaecoração
 sonsnosouvidosturbantesarabesepassaportesfalsos
 floresdeplasticonajanelabilhetesdetremepassagen
 sdeaviãobazucasatrásda portametrlhadorasnapoltro
 natudoprontoaesperadopróximogolpematerialdesper
 sivonumsonhosubversivodalinguagemdomedo
 vembabyeincendeiameupoema



ANEXO B – MOVA-SE CARALHO N 2



EDIKTA)TORIAL

(uma punheta a quatro mãos)

Yeeeahhh! Chega de masturbação, saímos de novo. D'agora em diante currando; no estupro ali da esquina use facas tramotina. Aos presentes (y ausentes) anunciamos/denunciamos que o ab-surdo está solto. O sentido não faz o menor sentido (ilógico-anti estético-antiarte-anti u... vocês sabem o que), noutro contexto: dadá. Já atraímos mais algumas cabeças pra guilhotina.

(Nossa função EDUCARahq)

Close to you, baby. Além das overdoses públicas, do parque nacional & Cataratas. Foz é o maior retrô. Dia após outro todos simples mortais nesta vida besta. Já dizia Glauco Mattoso: Num país onde o povo faz greve de fome em liberdade e çagar no horário de trabalho é a única maneira de imaginar que a nossa força de trabalho vale alguma coisa.

Usted quiere qui façamos o que?

Temos mais que sair arrebatando. Viva a insurreição, a desordem socio-econômica, o caos político, a agitação do Rio e o quadris da nossa vizinha. Estamos sendo pixados de "terroristas culturais" pela esquerda (qui maldade). A esquerda é uma instituição do estado. Abaixo o estado, o fômito e a regulação da nossa empregada (essas domésticas). Estamos com muito trabalho e pouco ins-pirados. Está faltando alguma coisa. O que será?

Na jornada nacional de cineclubes em Curitiba, vamos armados até os dentes e colocar HTVL IV na sopinha dos cineclubistas. He . he . he . O pau no cú é foda, enquanto uma míhima fração pensa, o gado vota. Abaixo o meu umbigo, tudo é ambiguo. Stop to the máximas!

Surge again that questione: os elementos críticos (transcendentes da forma estética) serão operativos; a negação extrema, botando pra phoder! 'stamos colocando um caminhão de coisas neste zine.

(es sei wie os wolle) (2)

Faça qualquer coisa (entle uma rosa no rabo), plante uma árvore, escreva um livro, forme um cineclube, tenha um filho, uma overdose. Sei lá meu, seja inneliez. A dimensão estética traz consigo a realidade interdita e reprimida.

Tamô di saco cheio

Qualquer dia damos uma de suicida. Pulamos d'um edifício e saímos voando por aí, chega de merda. Até mais ou nunca.

Disparos nas bocas

Somos uns chatos

Veremos orgasmos por telefone ou reembolso

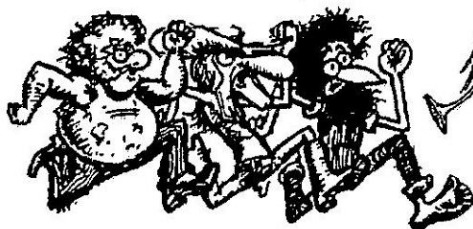
(1) foi um prazer!

(2) Não importa o quê



Redação/Composição/Diagramação:
Zé Beto Maciel & Cassio Pirkel
Colaboradores:
Edson Vukasin
Thaden
Caulos
Carlos Luz
Sílvia Floyd
Karen (the best)

indústria brasileira



Contatos com:
- Zé Beto Maciel
577 Av. J.K. (Baúka Encontros)
85 890 - Fone: (0455) 72.33.66 e 74.17.13
Foz do Iguaçu - PR - Brasil
- Cassio Pirkel
1004 Rua Vereador Moacir Pereira - Vila Yo-
landa
85 890 Fone: (0455) 74.22.55 r. 243
Foz do Iguaçu - PR - Brasil
MOVA - Se Caralho é órgão oficial de contra
informação e do cineclube Foz do Iguaçu
Os artigos assinados não representam neces-
sariamente nada
Tiragem: 1.000 exemplares

FESTIVAL DA CULTURA



3

A FOZ DO POVO É A FOZ DE DEUS!

Quem disse que três dias de alegria só no carnaval está completamente equivocado... neste cê de mundo as coisas as vezes acontecem (isto só prá resumir os três dias), festival/happening/performático (29-30-31/mayo) onde passearam em cena punk, dandis, new alguma coisa; surrealismo-pop-tardmodern-clássico-eclético-escolástico (elástico... visto numa única imagem/som).

Mas, e daí (?) agora são cinzas apenas; o que restou (?) quem perdeu/quem ganhou?

No final (panorama deste triste fim de século), presumo, ganharmos todos, deu no mínimo prá sacar que o(s) espaço(s) culturais se conquistam (na postrada), the space in bluesky nos espera ali na esquina sem hora marcada; produziu arte-vida, sacar que obra de arte é o artista!

Enfiar no mesmo balaio artes plásticas, teatro, dança, música, cinema e outras coisas mais só podia dar no que deu... Coisas rolando paralelamente/frênéticas (o bar, um acontecimento/evento dentro do evento, parada obrigatória prá alguns talkingheads).

Nas artes visuais poucas coisas prá se ver (sobrou muita merda prá pouco pinico), ainda dá prá acreditar que pode-se melhorar (uns poucos bons artistas locais: Alvarenga, Brecher, Galdouffi, Santana Rosito e a gostosíssima Magda, do Xanxerê).

Música, rolou de tudo prá todos os gostos (um revival surrealista), rock-sexo-drogas & música sacra, os adoradores do senhor em ritmo country-folk-soul e aí vai... coral, clássicos, funk, rock rebelde, rock comportado (comportado demais pro meu gosto), soul, blues e eis que entra na cena punk (um desbunde) rock farofa com lá club e tudo.

poesia

ARTE (?) AQUI



teatro

cinema

dança

performance

música

artes plásticas

Carro chefe do festival (que pretensão), o teatro prendeu a atenção e claque e vaias e concentração e bocejos indiferentes do público.

Dance (TUC TAM TAM TAM TAM TUC TAM TAM), tem alguém que tá com passo errado, mas não faz mal limpa com jornal; várias passos, ritmos, sons, cores, cor(e)grafia(s), jazzicnopophighicplastificado com luzes de neon.

Os performáticos/lunáticos mais uma vez tomam de assalto o palco e metralham a platéia sedenta de cenas de sangue e porrada.

Chega de discussões bizantinas intermináveis: "a arte está prá cultura assim como a cultura está prá arte pela arte", e abobrinhas a parte, basta arranjar os pratos na mesa sobre uma toalha quadriculada de vermelho e branco, separar o ketchup e o arranjo floral de plástico e a mascarona de cordões de sapato com cimento dental... (respeitável) público: estás diante da anteantiart, se desejais completar o quadro, virais a mesa e entais uma sonora vaia!

Moral da história:

(Já dizia Warhol) "qualquer babaca pode chegar ao sucesso pelo menos por 15 min."

(Tradução de Paulo Francis & Millor Fernandes)

Arte aqui é comportamento, tá!, disse uma vez e repito: a obra de arte, a partir de agora, é o próprio artista, vamos nos expor pela casa da cultura explorando os vãos enquanto o apocalipse não chega batendo em nossas portas.

PS se quiser saber do cinema leia a matéria do encontro dos cineclubes

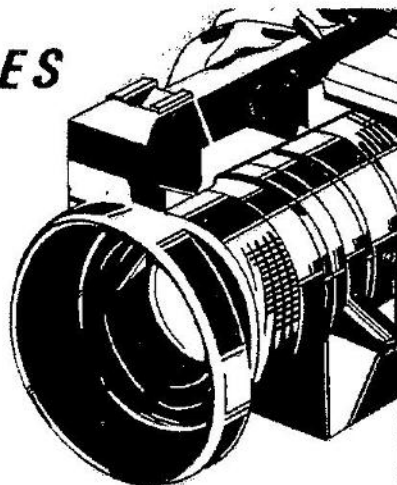
ENCONTRO CINECLUBES



Paralelo a overdose cultural, dentre as nossas "dependências", no Oeste Paraná Clube (29-30-31/maio) rolou o II encontro estadual de cine-clube. Muito papo furado, bebidas, drogas, sexo e vaselina. Alguns filmes e um lero sobre o cinema paranaense.

Os pintas que são fissurados em burocracia, chegaram ao orgasmo na hora da eleição da nova coordenação da federação. Ficou muito polêmico o caso do cnc, dina e jornada. Again, os moderados prum lado e another os radicais pósputos.

Os radicais extremamente armados até os dentes pretendiam fazer uma visita ao pessoal do cnc, enquanto os moderados preferiam fumar o baseado da paz, esperar a jornada pra ver o que fazer. Depois de muita masturbação e algumas ululações precoces, surge a voz da conciliação e said: "irmãos, amavos uns aos outros, o resto que se foda e implodimos este movimento na jornada". OK BABY, você venceu, passe o pico e vamos tomar de assalto o palco deste festival, incendiar a platéia e descortinar as nossas neuras e culhões.



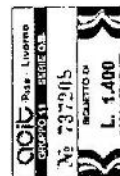
Seguindo a babaquice protocol ar de todo encontro, pintaram as propostas e moções abaixo...

- 1 - Filme da Federação em cj. c/cineclubes ("Guerra Civil") a ser rodado nos meses nov./dez. deste ano.
- 2 - Equipamentos da federação estarão a mão dos cineclubes
- 3 - Os cineclubes que puderem criarão suas próprias salas de vídeo e/ou exibição.
- 4 - Deve pintar o 1º festival de cinema/vídeo do PR.
- 5 - A federação (agora c/ sede própria) colocará a disposição dos cineclubes uma locadora de vídeo
- 6 - Os coordenadores agora são em sete (vamos ver se a coisa anda!!)



LATO O CONTRAL

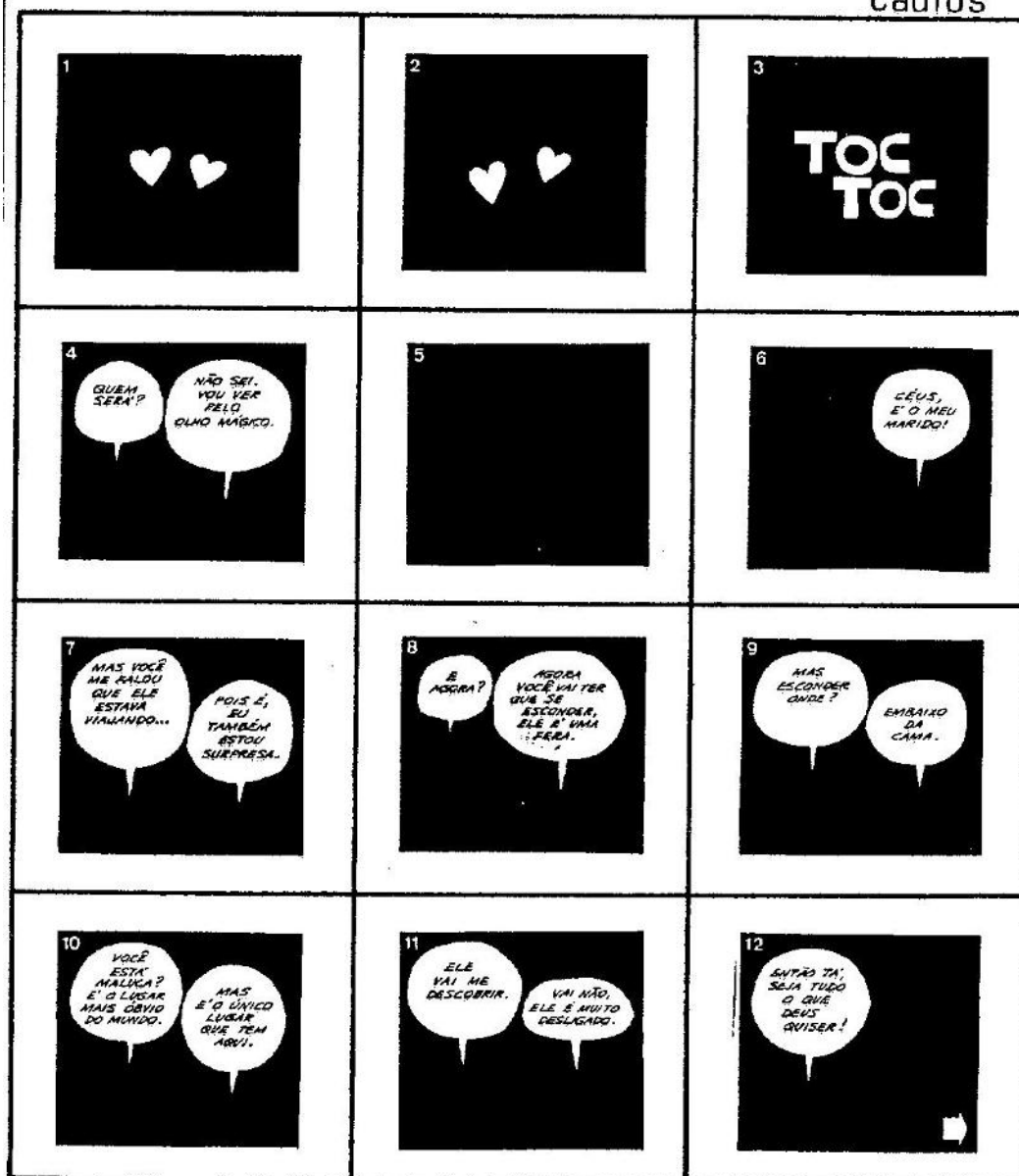
SPAZIO
RISERVATO
PER LA
PUBBLICITÀ

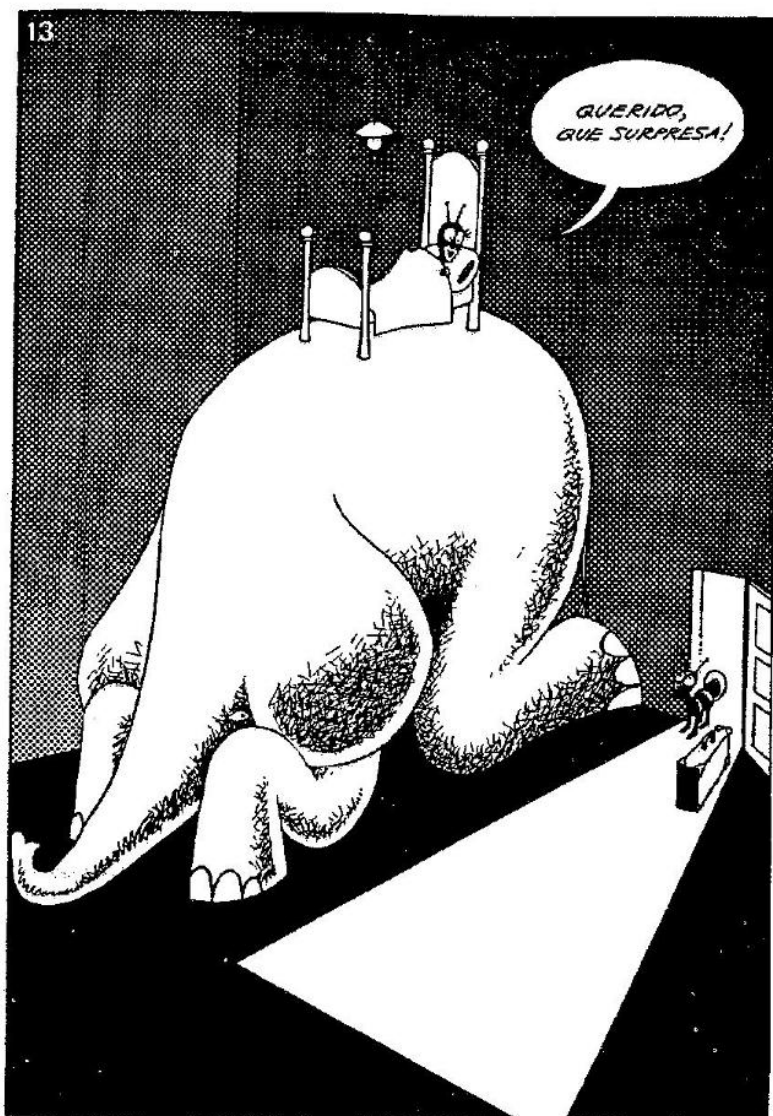


AS LIGAÇÕES PERIGOSAS

5

caulos





MENOR JORNADA DE TRABALHO Devemos trabalhar só o socialmente necessário.

NÃO PAGAMENTO DA DÍVIDA EXTERNA O Governo a fez para os burgueses, que eles a paguem!

6

SINDICATOS LIVRES

Os sindicatos têm só servido ao Governo e aos Partidos Políticos. A CUT, a CGT e a USI são três Centrais Sindicais reformistas que ao defenderem questões específicas e fazendo greves, acabam por sentar-se com o Governo e os Partidos a fazer Pactos e Acordos. Para nós, Sindicato não é apenas um instrumento de luta económica. Entendemos o Sindicato como uma organização de trabalhadores que atue na busca da **AUTOGESTÃO SOCIAL**, onde quem controla os meios de produção é o trabalhador coletivamente organizado numa perspectiva de mudança radical da sociedade.

7

periculosidade

autoritarismo

radioatividade

contaminazione

controllo sociale

CONVOCAÇÃO **VOCÊ É TUDO O QUE OUSAR FAZER**

ABAXO A IDIOTIZAÇÃO DO TRABALHO Autogestão da produção. Prazer criativo SEM EXPLORAÇÃO

militarizzazione

RÁDIOS E TVS LIVRES Pela Reforma Agrária no AR.

NÃO QUEREMOS TROCAR UM MUNDO EM QUE SE PASSA FOME, POR UM OUTRO EM QUE SE MORRA DE TÊDIO.

Dias 24 e 25 de outubro
1ª Jornada Libertária do Paraná — Encontro Nacional de Anarquistas
Preparem suas bandas de rock, seus movimentos guerrilheiros, suas camisetas, seus bottons, seus fanzines, suas armas e seus amores.
Instruções pela caixa postal 7620 — Curitiba — PR — CEP 80021 — Att. Grupo de Cineclubistas Libertários
Uma overdose de rock, filosofia, anarquismo e cinema.
Promoção: Federação Paranaense de Cineclubes
Apoio: MOVA — Movimento Verde Alternativo (Foz do Iguaçu), Núcleo "Ação Direta" (Maringá), Cine-vídeo-clubes Sindicato do Delírio (Curitiba), fanzine Caos (Curitiba) e Movimento Libertário do Paraná.

PACITO SOCIAL? NUNCA! Pacito só entre nós. Pactos de Lulal!

disoccupazione

Palavra-de-ordem: Pela libertação do "Escadinho", o Robin Hood brasileiro!
— Pela libertação do anarquista Orazio Valastro, 24 anos, preso em cárcere militar em Palermo, Itália, por se recusar a prestar o serviço militar obrigatório!

AÇÃO DIRETA Contra todo abuso, uma ação imediata de protesto e luta, sem intermediários.

ANTIMILITARISMO
Fim do Serviço Militar e das Forças Armadas — instrumentos de defesa do capital e da burguesia que nós somos obrigados a sustentar.

FIM DO VOTO OBRIGATÓRIO
Toda eleição é uma enganação que visa sustentar parasitas. A farsa eleitoral a gente derruba não votando ou anulando o VOTO. Alinal se o voto é sua única arma, não a use, se não você fica desarmado.

UMA SOCIEDADE IGUALITÁRIA LIBERTÁRIA, JUSTA, FRATERNA E FEDERALISTA
Uma sociedade igualitária e livre. Não há igualdade sem socialismo e nunca haverá socialismo sem ampla liberdade. A todos, segundo as suas necessidades e de todos, segundo as suas potencialidades.

AUTOGESTÃO DO ESPAÇO RURAL E URBANO Distribuição e coelvação da terra e da moradia, para produção e habitação

FIM DOS IMPOSTOS Eles sustentam parasitas.

UMA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA Pelo fim da educação oficial (pública ou privada) que só ensina a obedecer.

A CONSTITUIÇÃO

Não acreditamos na constituinte, but, tem um monte de nequinhão aí, ligado aos movimentos ecológicos que acredita. Pediram clamorosamente a inclusão do questionário "A CONSTITUIÇÃO VOCÊ E O MEIO AMBIENTE", nesta edição. Reunimos o conselho ditatorial e analisamos o pedido. Não deu pra resolver no papo, foi no pau. O questionário foi aprovado e com isso garantimos nosso estoque regulador de macanha por um ano.

VOCÊ E O MEIO AMBIENTE

DADOS PESSOAIS

Cidade: _____
 Faixa Etária: 1 ☐ - Menor de 21 anos 2 ☐ - Entre 21 e 40 anos 3 ☐ - Acima de 40 anos
 Estado: _____
 Grau de Instrução: 1 ☐ - Grau 2 ☐ - 1. Grau 3 ☐ - 2. Grau 4 ☐ - Curso Superior
 Sexo: 1 ☐ - Feminino 2 ☐ - Masculino
 Renda em Salário Mínimo: 1 ☐ - Até 2 sm 2 ☐ - Mais de 2 até 5 sm 3 ☐ - Mais de 5 até 10 sm 4 ☐ - Acima de 10 sm 5 ☐ - Dependente

MEIO AMBIENTE E CONSTITUIÇÃO

1 Na atual Constituição não existe um capítulo específico sobre Meio Ambiente. Você acha que deve constar da nova Constituição um capítulo especial sobre o assunto?

- 1 ☐ - Sim
 2 ☐ - Não
 3 ☐ - Indiferente
 4 ☐ - Não sabe

2 Você acha que a nova Constituição deve assegurar a todos o direito a um ambiente ecologicamente equilibrado e sadio?

- 1 ☐ - Sim
 2 ☐ - Não
 3 ☐ - Indiferente
 4 ☐ - Não sabe

3 As ações contra o Meio Ambiente devem ser consideradas como crimes?

- 1 ☐ - Sim
 2 ☐ - Não
 3 ☐ - Indiferente
 4 ☐ - Não sabe

4 O culpado deve ser obrigado, por lei, a pagar pelos danos causados?

- 1 ☐ - Sim
 2 ☐ - Não
 3 ☐ - Indiferente
 4 ☐ - Não sabe

5 Quem deve ser responsável, em primeiro lugar, pela proteção ao Meio Ambiente?

- 1 ☐ - Governo
 2 ☐ - Associações de Defesa
 3 ☐ - Cada um
 4 ☐ - Indiferente
 5 ☐ - Não sabe

VOCÊ E O MEIO AMBIENTE

1 Para o seu cotidiano, as questões ligadas ao Meio Ambiente são:

- 1 ☐ - Muito importantes
 2 ☐ - Pouco importantes
 3 ☐ - Sem importância
 4 ☐ - Indiferente
 5 ☐ - Não sabe

2 Para o futuro, as questões ligadas ao Meio Ambiente são:

- 1 ☐ - Muito importantes
 2 ☐ - Pouco importantes
 3 ☐ - Sem importância
 4 ☐ - Indiferente
 5 ☐ - Não sabe

3 De que modo as infrações ao Meio Ambiente afetam sua vida:

- 1 ☐ - Saúde e alimentação
 2 ☐ - Bem estar e lazer
 3 ☐ - Segurança no futuro
 4 ☐ - Indiferente
 5 ☐ - Não sabe

4 Dos problemas abaixo qual o que mais afeta sua vida:

- 1 ☐ - Desmatamento sem controle
 2 ☐ - Destruição de fauna
 3 ☐ - Uso indiscriminado de agrotóxicos
 4 ☐ - Urtigas nucleares
 5 ☐ - Poluição

5 Você já se interessou em participar de uma luta organizada em defesa do Meio Ambiente:

- 1 ☐ - Sim, participei de uma associação
 2 ☐ - Sim, participei de uma associação
 3 ☐ - Sim, muitas vezes de forma independente
 4 ☐ - Não

Enviar resposta para:
 Sigma Data Serv - Traversa
 80210 - Curitiba - Paraná
 - Jornal da Tarde - Av. Eng.º Cae-
 tano Álvares 55
 02550 - São Paulo - SP

Caminhos da Oportunidade

11

Muito oportunista o comentário feito pelo Sr. Adolpho Mariano da Costa no jornal Paraná-Oeste da semana de 21/28/Abril Nº 59. Até certo ponto com alguma razão ou mais. Quanto a abrangência da Estrada do Colono é muito maior e mais ampla do que ele imagina. A estrada tem seu início nas "Ilhas dos Estados" na Terra do Fogo (Argentina), passa por toda a América do Sul, Central, do Norte até o Alasca. Essa estrada faz parte da rodovia Transiberiana que ligará no estreito de Bering a cidade Ueleun e Solomom (URSS) (Alasca). É a nossa soja percorrendo continentes, desenhando na Sibéria, seguindo "quica", China e Índia. É o Brasil alimentando o mundo e sendo um verdadeiro "polo de integração", como afirma Adolpho Mariano.

Porém, "os analistas rodovialistas" que se cuidem. Eles não sabem que o fechamento da Estrada do Colono faz parte da famigerada "guerra fria", uma possível conexão "Costa-Costa". Evidentemente o presidente dos EUA declararia um "eu não sei", mas é perceptível, mesmo o "estrabismo ecológico" com suas garras, "escaramuças" e "seus ecologistas profissionais" a serviço do FMI sabem disso. "O Mercado comum europeu e o partido verde alemão" precisam ser saciados de sangue e soja. Suas sedes avassaladoras não medem estâncias e divisas. Contudo a imprensa imperialista "regorgita a manipulação de corações alienados e desinformados" junto com: "prova nacional, a "rede Globo". Estamos no caos da "pré-estória do terceiro milênio" da eternidade. O povo precisa saber disso.

O que Sr. Adolpho não sabe é que abertura da estrada está também nos planos da Trilateral. "Ficção-científica" ou não, para o 1º mundo é interessante que no Brasil poucos ganhem, muitos passem pela miséria e fome. Enquanto nossos políticos tiram proveito disso, "segundo o roteiro do filme terceiro milênio". Isso não deve ficar assim: "brasileiros devem se rebelar contra essa tutela, ditadura e apartheid cultural, sua dignidade não devia admitir protetores e exploradores, sejam eles quais forem.

Para solucionar esse pseudo-impasse com seus pseudos-interesses de pseudos-políticos-empresários e pseudos-intelectuais. "Foi (inn) conscientemente elaborado o projeto de estrada-parque" e jardins, obedecendo normas internacionais de guerra fria defendidas pela própria ONU com apoio dos Estados Unidos, Canadá, Europa, Ásia e África. Será a solução ideal para harmonizar o gado que vota, o progresso e o equilíbrio ecológico do meio ambiente.

Sugestão: O sr. Adolpho Mariano devia escrever no Planeta-Diário.

Livro Verde

2º CONCURSO DE REDAÇÃO

REGULAMENTO

- 1 - Concurso aberto aos estudantes universitários e acadêmicos do Estado do Paraná;
- 2 - Inscrições gratuitas nos Centros Acadêmicos e Diretores Centrais das universidades e faculdades filiadas à U.P.E. - União Paranaense de Estudantes, cujos nomes estão na Federação Paranaense de Ciné-clubs;
- 3 - Para receber o Livro Verde - A Terceira Teoria Universal, de autoria de Mimar Kadafi, basta inscrever para Federação Paranaense de Ciné-clubs, caixa postal 7620 - Curitiba - CEP 80021. O livro e a inscrição para o concurso são gratuitos;
- 4 - As redações deverão contar no mínimo 10 e no máximo 30 páginas digitadas em espaço 2 (dois), em 4 (quatro) vias;

5 - As redações, no limite de uma por inscrição, concorrente, poderão ser interpretadas, dissertativas ou comparativas com outras filosofias. Deverão abordar temas ou parâmetros, capítulos ou a totalidade do Livro Verde;

6 - O prazo para inscrições encerra-se no dia 15.08.1987;

7 - Os trabalhos concorrentes serão julgados pela Comissão Julgadora;

8 - O resultado do concurso e a entrega de prêmios será feita no dia 19.08.1987, na sede da União Paranaense de Estudantes, às 20 horas, na rua Carlos Cavalcanti, 1157, Curitiba;

9 - Os participantes do presente concurso concorrão aos seguintes prêmios:

1º lugar - passagem aérea de ida e volta a Salvador, BA;

2º lugar - passagem aérea de ida e volta ao Rio de Janeiro;

3º lugar - passagem aérea de ida e volta a Florianópolis-SC;

10 - As passagens aéreas terão como ponto de saída e de chegada a cidade de Curitiba, e serão emitidas em aberto, permitindo o prazo de 1 (um) ano para utilização;

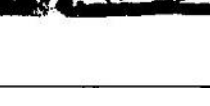
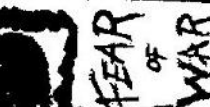
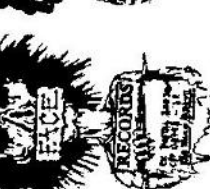
11 - Os casos omissos serão decididos pela Comissão Organizadora.

Promoção: União Paranaense de Estudantes - U.P.E.
Federação Paranaense de Ciné-clubs
Apoio: UNE - União Nacional dos Estudantes

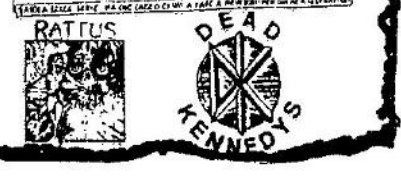
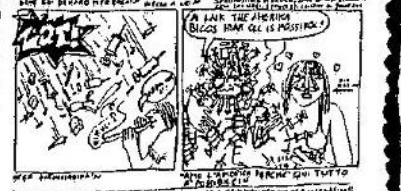
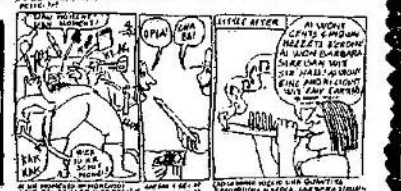
GA ROLOS
PODRES



THE CLASH



Terveel
Kadef 12





"a foz do povo é a foz de deus"



POEM - (A)

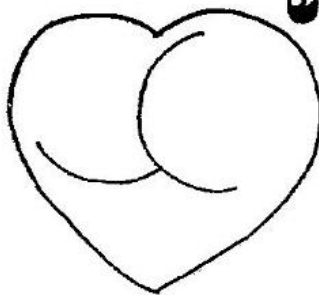
tecera morinsetos venenosos
bactérias vermes plantas carnívoras
dejetos industriais monóxido de carbono
sangue nas narinas desejos impossíveis
gestos introspectivos mentes extasiadas
a existências sublimas e pelo buraco da gulha

by edson viciensis

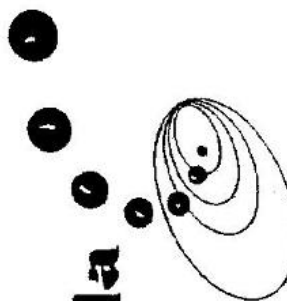
O SEXO É UM PODER COM PH.

Minha alma perdida vaga
por entre escombros descuidados
memórias soltas na jaula azul da
underground urbanos
a vida latente gotejando
o calor aquecendo o concreto
passaros no cinza
alma semi enfaçada
num devir do pós-presente
ou pós-qualquer-coisa

Por favor
Um extintor
Quero apagar
minha dor



esfera



carlos luz



OS GLÚTEOS TAMBÉM AMAM

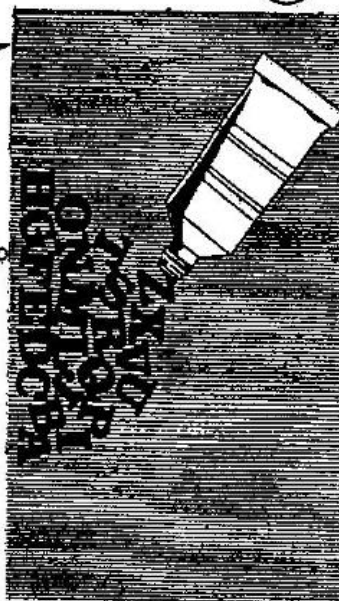
SERGIY BELNYC

declaração de guerra

a florbela expunk

陰

qualquer dia faço um saque no seu supermercado
levo seus olhos sua boca e o que rolar na sua cabeça
qualquer dia atiro meu tesão no seu ônibus
say que seu corpo vai arder em chamas
qualquer dia monto um piquete em frente da sua fábrica
braços abertos - máquinas palavras até você disparar o gatilho
qualquer dia armo um quebra-quebra na sua rua invado seu apartamento
ocupo seu coração e cozinha sem a menor resistência
qualquer dia faço uma baderna na sua vida
instabilizo suas neuras sem lei nem segurança emocional
qualquer dia entro em greve de fome por você
qualquer dia



LOOKURRA

SBT - "UNIDOS VENCEREMOS"

DROGAS

JOVEM
DIGA NÃO AS

Sergay belove

FINAL PRIVÉ
MULHER & FILHOS

TV



f f i i i i i s s s u u u u u r r r r a a h h

SEM TV NÃO FICO
SEM VOCÊ NÃO VIVOAMOR-SUICIDA
MEU CORAÇÃO
TU SIDA

1º de Maio Aos trabalhadores, Homens e Mulheres Livres

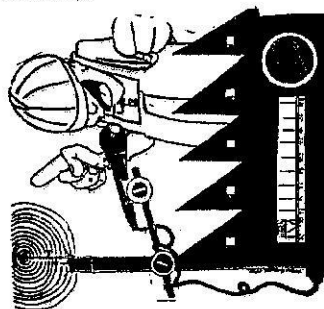


A ORIGEM DO 1º DE MAIO

No dia 1º de Maio de 1886 eclodiu uma Greve Geral em Chicago - EUA, pelas 8 horas de trabalho. Nela participaram mais de 100.000 trabalhadores. Em razão dessa luta foram presos oito operários Anarquistas (cinco deles posteriormente enforcados), após provocações, numa das maiores lutas judiciais dos tempos modernos.

Em consequência deste crime, a classe trabalhadora faz no 1º de Maio um dia de protesto e luta.

Assim, apesar dos Partidos Políticos, da chamada "esquerda" reivindicarem para si a luta dos anarquistas de Chicago, e dos Governos terem transformado essa data em feriado, nós anarquistas, não esquecemos esse crime e não nos iludimos ao que usam o 1º de Maio apenas por dogmologia.



Há 101 anos, o 1º de Maio é lembrado como marco da luta internacional da classe trabalhadora contra o Capitalismo e seu regime de exploração e opressão social.

Falar no 1º de Maio, no Brasil de hoje, é lembrar que, todo o quadro de profundas misérias de nosso povo, nada mudou, passados os anos de Getulismo, Democracia Liberal, Ditadura Militar e Nova República. Continuamos a trabalhar dez, doze e até quatorze horas e vivemos mal; hoje, ainda, as fábricas, escritórios e fazendas continuam verdadeiros campos de concentração e trabalhadores continuam a serem mortos pela polícia, em protestos e lutas, como ocorreu recentemente com a milícia janista, na Zona Leste a capital paulista.

Hoje querem, mais uma vez, que engulamos uma Constituinte que fará leis que, nunca são cumpridas e quando ao Sistema interessar, serão jogadas no lixo.

Os políticos e seus partidos continuam a enganar o povo buscando transferir para Brasília a solução dos problemas que resolveremos melhor sem eles, e aí cabe uma crítica aos ingênuos que, embarcados em Partidos Políticos, por mais de Trabalhadores que se digam, por mais Humanistas ou Democráticos, verdes ou maduros, só servem aos interesses da Burguesia que nos tenta fazer crer em sua DEMOCRACIA!

Estamos novamente em crise e assim é no capitalismo - seja ele privado, como nos países do ocidente; seja ele de Estado, como nos chamados países "socialistas". É diante desse quadro que o Movimento Anarquista e Anarco-sindicalista de São Paulo, apresenta ao povo trabalhador e aos homens e mulheres livres, algumas de suas propostas, na certeza de que a solução dos problemas Nunca virão através de GOVERNOS ou PARTIDOS POLÍTICOS cujo interesse é a luta pelo Poder, mas sim, da ação direta do povo que construirá, na prática, e no dia a dia, o futuro.

15

As propostas estão por todo fanzine

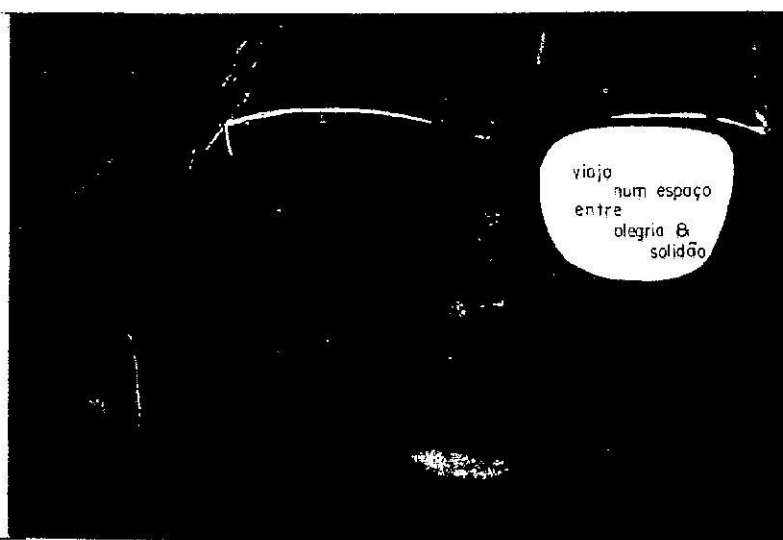


Foto: Ivan Roque

INCAZZATI NERI

Como é que vão as coisas?

Cale a boca, coisa ruim! Você não está falando coisa com coisa. A coisa não está preta coisíssima nenhuma. Você está com muita coisa pra cima de mim, mas eu lhe peço só uma coisa. Deixe a coisa em paz pra ver como é que a coisa fica. Alguma coisa me diz que por uma coisinha de nada eu deixei de lhe dizer uma porção de coisas. Outra coisa: baixe neste centro mas com o espírito da coisa. Não precisa ser aquela coisa mas pelo menos uma coisa muito louca. Ou uma coisa tão estranha que, mesmo que pareça sempre a mesma coisa, seja coisa do outro mundo. Pois de todas as coisas, no fim, sempre resta pouca coisa. Ah, só mais uma coisa: a vida tem dessas coisas. E coisa que não acaba mais. Se você não concorda, o que não é lá grande coisa, escreva qualquer coisa.

Thadeu



16

